

GABRIELA DE MORAIS SANTOS

**PERFORMANCE DE GÊNERO NO FEMININO E NO PLURAL:
TRAVESTILIDADE, VIOLÊNCIA E ABJEÇÃO**

Relatório apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia para defesa do Mestrado Interdisciplinar em Tecnologias, Comunicação e Educação.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Raquel Discini de Campos.

Uberlândia

2016

GABRIELA DE MORAIS SANTOS

**PERFORMANCE DE GÊNERO NO FEMININO E NO PLURAL:
TRAVESTILIDADE, VIOLÊNCIA E ABJEÇÃO**

Relatório apresentado para defesa do curso de
Mestrado Interdisciplinar em Tecnologias,
Comunicação e Educação da Faculdade de
Educação, da Universidade Federal de
Uberlândia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Raquel Discini de
Campos

Uberlândia, Março de 2016

Banca de Defesa

Prof^ª. Dr^ª. Elenita Pinheiro de Queiroz Silva – UFU

Prof. Dr. Miguel Rodrigues de Souza Neto - UFMT

Uberlândia

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S237p
2016 Santos, Gabriela de Moraes, 1989-
Performance de gênero no feminino e no plural : travestilidade,
violência e abjeção / Gabriela de Moraes Santos. - 2016.
121 f. : il.

Orientador: Raquel Discini de Campos.
Relatório (mestrado profissional) - Universidade Federal de
Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação
e Educação.
Inclui bibliografia.

1. Educação - Teses. 2. Identidade de gênero - Teses. 3. Homofobia -
Teses. 4. Paradas do orgulho gay - Teses. I. Campos, Raquel Discini de.
II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em
Tecnologias, Comunicação e Educação. III. Título.

CDU: 37

Resumo da dissertação: **PERFORMANCE DE GÊNERO NO FEMININO E NO PLURAL: TRAVESTILIDADE, VIOLÊNCIA E ABJEÇÃO**

A presente pesquisa investiga sobre performance de gênero em mulheres trans, por meio de pesquisa bibliográfica, com o intuito de construir o roteiro cênico: Casa de família. Analisamos conceitos essenciais dos estudos de gênero para discutir sobre a vivência desses sujeitos, retratamos um breve histórico do movimento LGBTTT, dados sobre violência sofridos por esse grupo, em relatórios oficiais e hemerográficos, observando a fragilidade dos dados e o alto grau de imprecisão dos mesmos. Também abordamos sobre o feminino, um papel de gênero que socialmente gera vulnerabilidades, como pode ser visto em mulheres cisgêneras, Transgêneras e homens gays afeminados. A pesquisa bibliográfica embasou o roteiro teatral Casa de família, produzindo um produto acessível para a comunidade.

Palavras-chave: estudos de gênero, travestilidade, performance de gênero, Movimento LGBTTT.

Abstract of dissertation: **GENDER PERFORMANCE IN THE FEMININE AND PLURAL: TRAVESTILIDADE, VIOLENCE AND ABJECTION**

This research investigates on gender performance in trans women, through bibliographical research, with the aim of building the script: family home scenic. We analyze essential concepts of gender studies to discuss the experience of these subjects, a brief history of motion picture LGBTTT, data on violence suffered by this group, in official reports and hemerográficos, noting the fragility of the data and the high degree of imprecision. Also we discuss about the feminine, a gender role that socially generates vulnerabilities, as can be seen in cisgêneras women, Transgender and gay men effeminate. The bibliographical research served the theatrical script homestay, churning out a product accessible to the community.

Keywords: gender studies, travestilidade, performance, LGBTTT Movement.

SUMÁRIO

1	Projeto	6
2	Local de realização	6
3	Período de vigência	6
4	Orientanda	6
5	Orientadora	6
6	Produto.....	6
7	Introdução.....	7
8	Objetivos delimitados	9
8.1	Gerais	9
8.2	Específicos.....	9
9	Desenvolvimento da pesquisa.....	9
9.1	Cronograma executado.....	9
10	Atividades executadas	11
11	Participação em eventos	11
12	O produto – peça de teatro	12
12.1.1	Ideia	12
12.1.2	Conflito/Story Line	12
12.1.3	Personagens.....	13
12.1.4	Tempo dramático.....	14
13.	Pesquisa Bibliográfica 1: Estudos de gênero: delimitações e reconhecimentos.	15
14.	Pesquisa Bibliográfica 2 – Violência e abjeção: agressões ligadas ao universo trans.....	39

15. Pesquisa Bibliográfica 3: Vulnerabilidade feminina e violência: mulheres e performances	65
16. Apêndice- Índice de Tabelas e Gráficos.....	81
17.Referências	82
18. Produto final: Peça de teatro: Casa de família.....	87

1 Projeto

Performance de gênero no feminino e no plural: travestilidade, violência e abjeção.

2 Local de realização

Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

3 Período de vigência

25/03/2014 a 04/03/2016

4. Orientanda

Gabriela de Moraes Santos

5. Orientadora

Raquel Discini de Campos

6. Produto

Roteiro da peça de teatro *Casa de Família*

7. Introdução

O presente relatório técnico-científico apresenta as discussões realizadas com a pesquisa *Performance de gênero no feminino e no plural: travestilidade, violência e abjeção*, desenvolvida durante o Mestrado Interdisciplinar em Tecnologias, Comunicação e Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, um programa que se distingue dos acadêmicos pela sua interdisciplinaridade inerente e por também propor a elaboração de produtos aos alunos. Além de apresentar um relato de como foi feita e motivações para a investigação, o relatório traz dados sobre o produto que foi desenvolvido durante o programa, uma peça teatral.

A escolha em participar dessa modalidade de mestrado foi feita com o intuito de gerar um produto com relevância social e científica, embasado em pesquisa orientada, bibliografia e seminários acadêmicos. A temática performance de gênero, travestilidade feminina e homofobia foi trabalhada para captar a complexidade da vivência de gênero na sociedade, estigmas e violências gerando uma peça teatral para sensibilizar a comunidade, uma linguagem encenada para dramatizar a vivência do feminino, com uma matriarca travesti lidando com a homofobia e as limitações experienciadas pela personagem. No texto teatral, a interação entre os interlocutores é estabelecida por meio da própria representação, ora manifestada pelo discurso direto, ora por gestualidades. Tal fato condiciona-se à ausência do próprio narrador, pois é mediante a desenvoltura dos próprios personagens que o enredo é paulatinamente retratado.

Ao longo dos estudos realizados pesquisei sobre o universo trans, vivências, performances e homofobia, utilizando fontes bibliográficas pertinentes, como as construções científicas de Berenice Bento, Judith Butler, Luiz Mott, Marcos Benedetti e Richard Miskolci, dentre outros. A temática vem se mostrando de grande relevância e atualidade, visto que a preocupação com a inclusão social das diversas identidades de gênero vem sendo crescente no cenário nacional, embora ainda em ritmo lento. A coleta de documentos para análise demonstrou a escassez de dados sobre a comunidade LGBTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais). Dessa forma, podemos notar que ainda é necessário muito a se construir em termos de dados, e pretendemos com nossa pesquisa, contribuir com esse processo. Também discutimos a performance de gênero ligada ao feminino, as violências geradas pela submissão feminina e contexto histórico.

O trabalho versa sobre as construções teóricas e referenciais sobre travestis, utilizando bibliografia e documentos oficiais. Apresentamos para a defesa deste produto três capítulos justificando o roteiro da peça de teatro, sendo que o primeiro aborda, de modo geral, os conceitos de gênero, performance e travestilidades, enquanto que o segundo apresenta dados sobre o perfil da violência homofóbica, desenvolvido pela Secretaria de Desenvolvimento Humano, os relatórios de 2011 e de 2012, e também os dados produzidos por Luiz Mott, organizador do Grupo Gay da Bahia (GGB). Descobrimos que ainda são raros os dados sobre o universo trans, visto que há um desconhecimento geral sobre as identidades de gênero, além de omissão e negação. Enquanto o terceiro aborda a vivência do feminino, as dificuldades de acesso e as diferenças entre os papéis de gênero, que levam a submissão e a violência. A peça de teatro denominada *Casa de Família*, resgata algumas problemáticas levantadas na pesquisa teórica. Perfis de gênero são construídos a fim de nortear nossos estudos, mas consideramos as identidades fluídas e não rotuláveis, visto que a sexualidade não é um dado exato.

Os relatórios utilizados foram escolhidos por sua atualidade e relevância ao traçar perfis da violência homofóbica, das vítimas e dos agressores, demonstrando por meio de números a marginalidade e a abjeção desses sujeitos. Reconhecemos os dados disponíveis nos relatórios como frágeis, devido a algumas respostas computadas imprecisas, como o próprio relatório especifica, por falta de conhecimento dos envolvidos na denúncia da violência, ou falta de dados disponibilizados nas matérias jornalísticas coletadas. Vale ressaltar que os relatórios que subsidiaram a presente pesquisa se dividem em dois tipos de coletas de dados: os colhidos de forma oficial pelas denúncias registradas em Boletins de Ocorrência registrados na polícia; e a hemerografia, que consiste na coleta de dados utilizando documentos midiáticos (jornais, revistas, noticiários televisivos), registrando a violência que é noticiada de modo sistemático, protocolando especificidades de cada caso: local da agressão, tipo de violência, idade da vítima e do agressor, identidade de gênero desses sujeitos, dentre outras informações. Os dois métodos destoam entre si quanto aos dados coletados, mas essa análise é essencial na construção da presente pesquisa, observando os possíveis motivos de tais discrepâncias.

O estudo investigou, portanto, não apenas registros que relatam as vivências das identidades do universo trans, como também percebe a carência de dados precisos quanto ao perfil desses sujeitos, e a necessidade de se construir mais dados, relatos,

fontes e arte sobre a temática. A visibilidade das causas LGBTTT é um fator essencial para a construção da cidadania, respeito e segurança.

O roteiro da peça de teatro é o produto de nossa pesquisa, com o intuito de sensibilizar as questões de gênero de modo artístico. O roteiro foi escrito respeitando os padrões cultos da norma da língua portuguesa, mas ressaltamos que os atores poderão se apropriar do texto no momento da encenação, oferecendo vivacidade às falas e fazendo as alterações necessárias do texto escrito para o oral. Algumas questões técnicas, como iluminação, gestualidades e entonações foram esboçadas no roteiro, mas também serão repensadas ao longo do ensaio cênico, visto que não tivemos encontros com atores para pensarmos sobre a montagem.

8 Objetivos delimitados

8.1 Gerais

Mapear e analisar a produção científica já realizada sobre a temática travestilidades, a fim de discutir os dados dos relatórios de crime homofóbico, demonstrando a importância da causa LGBTTT ser discutida em diversas instâncias. Construir o roteiro de uma peça de teatro que aborde a temática do universo trans.

8.2. Específicos

- a) Interrogar as fontes utilizadas, tomando como referências questões que fazem parte do cotidiano: como são construídas as identidades trans? Como a abjeção pode ser evitada para esses sujeitos?
- b) Apreender questões sobre relações de gênero, homofobia e travestilidades, a partir de um olhar crítico, baseando-se em dados e bibliografias

9 Desenvolvimento da pesquisa

9.1 Cronograma executado

a) Março de 2014 a Julho de 2014

Conclusão das disciplinas do Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Foram concluídos os créditos referentes às disciplinas *Procedimentos Metodológicos de Pesquisa e Desenvolvimento*, *Atividades Programadas 1*, *Orientação 1* e *Tópicos Especiais em comunicação e Tecnologias*, num total de 195 horas-aulas.

Participação em dois grupos de pesquisa, sendo o Grupo de Estudos Grupo de Estudos e Pesquisas de Gênero: Relações Sociais, Representações e Subjetividades (GEPEGRES), coordenado por professores do curso de Ciências Sociais (INCIS/UFU), Profº Drº Márcio Ferreira de Souza, Profª Drª Maria Lúcia Vannuchi e a Profª Drª Eliane Ferreira Schmalz. E também participante do Grupo de Estudos: Gênero, Corpo, Sexualidade e Educação (GEPECS), coordenado pela Profª Drª Elenita Pinheiro de Queiroz Silva, da Faculdade de Educação (FACED/UFU).

Organização e execução da pesquisa bibliográfica e documental. Nesse momento, foi realizado o levantamento geral das fontes relacionadas a vivência da travestilidade, e também documentos que retratassem as especificidades desses sujeitos. Realizou-se também pesquisa etnográfica de observação no projeto de extensão da UFU que promove a saúde, cidadania e acompanhamento jurídico de pessoas trans, denominado *Em Cima do Salto: saúde, educação e cidadania*, em que realizamos observação no Ambulatório Amélio Marques, no Campus Umuarama da Universidade Federal de Uberlândia. A Profª Drª Flavia Bonsucesso Teixeira e o Profº Drº Emerson Raseira são os coordenadores do projeto, e acolheram essa pesquisa com muita dedicação, permitindo que pesquisássemos vivências pela observação das atividades do projeto de extensão.

b) Agosto de 2014 a Dezembro de 2014

Conclusão das disciplinas do Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Foram concluídos os créditos referentes às disciplinas *Fundamentos Epistemológicos Interdisciplinares: Informação e sociedade, Atividades Programadas, Orientação e Monitoramento e Análise de Mídias Sociais*, num total de 195 horas-aulas.

Permanência nos dois grupos de pesquisa sobre gênero, realizando leituras de textos e participando de encontros para discussão. Os debates, juntamente com os encontros com a orientadora Raquel Discini de Campos, auxiliaram no processo de escrita do Capítulo I da presente pesquisa.

Participação das oficinas de dramaturgia realizadas pelo dramaturgo, técnico administrativo da UFU em dramaturgia no curso de Teatro, Luiz Carlos Leite. A proposta de escrever um roteiro teatral passou a ser o propósito para meu produto no mestrado.

Janeiro de 2015 a Fevereiro de 2015

Escrita do Capítulo 2, utilizando bases documentais para compreender os sujeitos de nossas análises. Elaboração do roteiro teatral discutindo questões de gênero.

c) Março de 2015 a Abril de 2015

Fechamento do relatório e organização de documentos para o exame de qualificação. Participação como aluna especial em uma disciplina do doutorado em Educação da FAGED/UFU que trabalha a temática gênero, ministrada pela Profª Drª Elenita Pinheiro de Queiroz Silva, denominada *Tópicos Especiais em Educação em Ciências e Matemática III: Estudos de gênero, sexualidade, diferença e Educação*.

d) Maio a outubro de 2015

Correções e revisões apontadas pela banca de qualificação realizada em março de 2015. Juntamente com levantamento de bibliografia para a escrita do terceiro capítulo.

e) Novembro de 2015 a Janeiro de 2016

Escrita do terceiro capítulo e reajustes de todo o material produzido para o mestrado.

10. Atividades executadas

- Buscou-se por parcerias para realizar o roteiro da peça de teatro, atores, responsáveis por iluminação e fotografia.
- Foram feitas revisões do roteiro junto com os parceiros para efetivação da peça.
- Escrita de três capítulos bibliográficos para embasamento do produto final.

11. Participação em eventos da área

11.1 I Congreso Internacional sobre Género y Espacio. Apresentação oral do trabalho *Locais de exclusão e acolhimento: análise do Ambulatório voltado para a*

saúde das travestis em Uberlândia/Minas Gerais-Brasil.. Universidade Autónoma Metropolitana, Cidade do México , 2015.

11.2 IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO

SEXUALIDADES. Apresentação oral do trabalho *Feminismo e gênero: um debate necessário para a inclusão de identidades e relações de gênero mais democráticas.* Universidade Federal da Bahia/UFBA. Salvador/ BA, 2015.

11.3 V Seminário Trabalho e Gênero – Teorias, pesquisas e práticas sociais e III Seminário Internacional do PPGCS. Apresentação oral do trabalho *A construção de gênero das travestis: socialização pela linguagem de seus corpos.* Universidade Federal do Uberlândia 2014.

12. O produto – peça de teatro

12.1 Roteiro

12.1.1 Ideia

A ideia foi produzir uma peça de teatro retratando as vivências de gênero de uma mulher trans. *Casa de família* é um produto cênico que resgatará a bibliografia e os dados colhidos nessa pesquisa, de modo didático e claro para a platéia. Com o intuito de demonstrar que a sujeição feminina, bem como a idealização de papéis, são obstáculos a vida das mulheres que vivem em família, sendo a travestilidade um dos pontos abordados como limitantes a personagem, que tem dificuldade de ser independente do marido por ter acesso ao mercado de trabalho restrito, dentre outros estigmas sociais.

12.1.2 Conflito/Story Line

A história conta a trajetória da mulher trans e mãe de família Suely, que idealizava a vida doméstica como espaço de plenitude da mulher contemporânea, mas ao se ver desempenhando tal papel, torna-se uma pessoa entediada e triste, como retrata em seu encontro com a vizinha manicure Simone. Por amor ao marido e ao filho submete sua liberdade; e ao mesmo tempo não sente realização com o papel que desempenha. Conflitos de gênero estão presentes em todo o enredo, seja na relação dela com o marido João, ou com o filho Thiago.

12.3 Personagens

12.1.3.1 Suely

Dona de casa entediada por não ter a permissão do marido para trabalhar. Mulher transexual, jovem e vaidosa, que vive conflitos com seu papel na família, ausência dos pais e auto-imagem. Apaixonada por seu marido João, e muito próxima do filho dele, Thiago que considera o menino como seu próprio filho. Amiga da vizinha Simone, consegue falar com ela sobre suas angústias e medos.

Figurino: Vestido florido, sandálias, brincos e colar. Algum adereço para os cabelos.

12.1.3.2 João

Marido de Suely, homem trabalhador, levemente alcólatra, mesmo prezando por um tipo de moral e “bons costumes”. Não quer que sua esposa trabalhe fora de casa, utiliza até mesmo da violência para garantir que sua vontade seja validada, visto que sente que parte de sua virilidade está em conseguir com maestria suprir as necessidades econômicas do lar. Pai biológico de Thiago, não tem uma relação muito próxima com ele, protegendo-o das correções cobradas por Suely por vê-lo apenas como uma criança. Vivencia algumas confusões psicológicas por amar Suely mas não aceitar completamente sua transexualidade, e por temer ser visto como gay.

Figurino: Camisa e calça social, suéter sem mangas e sapatos. Pouca barba.

12.1.3.3 Thiago

Filho de João e Suely, adolescente de 17 anos, que não possui grandes preocupações, investe muito de seu tempo em jogos virtuais e encontros com amigos em lan house. Estudante, não se sabe ao certo se ele conhece a transexualidade da madrastra, mas expressa claramente seu olhar machista que objetifica o feminino, por influência do próprio pai. Sente por Suely grande carinho e admiração, vê nela uma mãe idealizada. O ator que irá fazer o papel deverá ser maior que 18 anos, para evitarmos problemas com questões éticas. Com o uso de recursos como maquiagem e figurino, construiremos um perfil de adolescente.

Figurino: Uniforme escolar, tênis e meia.

12.1.3.4 Felipe

Amigo de escola de Thiago, adolescente que gosta de games e aprecia revistas de mulheres nuas. Inveja Thiago por conseguir esconder dos pais os jogos e o consumo de pornografia e assim viver sem tais conflitos em casa.

Figurino: Uniforme escolar, mochila, tênis e meia.

12.1.3.5 Simone

Vizinha da casa de Suely e João. Vive a vida de modo mais leve que Suely, aparentemente não se preocupa com causas existenciais como ela, apenas vive seu casamento e cuida dos filhos sem grandes planos para o futuro. Considera Suely uma mulher exagerada e dramática, que deveria ser mais flexível em seu casamento.

Figurino: Vestido colorido, com muitos acessórios, anéis, colares e brincos. Sandália de salto alto.

12.1.4 Tempo dramático

A previsão é que a peça ao ser encenada dure aproximadamente quarenta minutos

13.PESQUISA BIBLIOGRÁFICA 1: ESTUDOS DE GÊNERO: DELIMITAÇÕES E RECONHECIMENTOS

13.1 Dos Conceitos

Explicar conceitos é essencial para o processo de construção científica. Não é possível relatar algo sistematicamente sem ater-se às definições e descrições dessas ferramentas de pesquisa. Os conceitos são mapas generalistas, que tentam abordar a pluralidade de significações e experiências de uma determinada palavra, grupo social ou sujeito de modo resumido. O pesquisador deve preocupar-se em contextualizar o conceito em diferentes temporalidades de modo a evitar o anacronismo e o contra-senso.

Os conceitos são, por definição, possíveis de serem deduzíveis, como enuncia Prost (2008, p.117) que descreve como os conceitos “são construídos por uma série de generalizações sucessivas e definidos pela enumeração de certo número de traços pertinentes que têm a ver com a generalidade empírica, e não com a necessidade lógica”. Conforme o autor, é necessário que eles sejam sempre revisados, para que as generalizações não acabem por retirar dos sujeitos o que os particulariza. Atualizar os conceitos auxilia no sincronismo entre o que é o que pode ser captado na experimentação (verossimilhança com o real).

A operacionalização dos conceitos é útil para que haja uma linguagem pertinente que realize uma espécie de economia de descrição e análise. O obstáculo de estabelecer comparações pode ser transpassado com o auxílio do uso de conceitos, que não são apenas uma descrição resumida, mas um somatório de diferenças e igualdades, em que há agrupamento de traços comuns ao mesmo fenômeno. Também há uma ausência da descrição de determinadas particularidades ou a presença de definições que só representam uma parcela do fenômeno, e não todas as suas partes. (PROST, 2008).

A análise empreendida por este autor converge com a noção de *Tipo Ideal* construída por Weber (1974). O conceito é uma espécie de mapa com o qual o pesquisador pode orientar-se, mas que não é o real, e sim uma tentativa de representação que norteia-se pela generalização e pelo estabelecimento de parâmetros. A todo pesquisador cabe questionar o quanto seu objeto de estudo está próximo ou distante dos conceitos já existentes, e o desvendar do fenômeno deve tentar captar o que foge ao conceito geral, que incita particularidades, e o que reafirma o objeto como pertencente

aquele conceito. Cabem a criticidade e metodologia rigorosas na operacionalização para classificar os objetos.

A tipificação de conceitos é uma idealização, que pode auxiliar o pesquisador nas comparações de seu objeto de estudo com o que já foi descrito sobre ele em outras análises. Sendo assim, nenhum conceito tem como objetivo ser uma realidade autêntica, mas sim construções que padronizam e permitem uma homogeneização de algum fenômeno. Como descreve Prost (2008, p.123) eles servem para uma “dimensão comparativa (...)pela aplicação do mesmo modelo tipo ideal aos diferentes casos estudados. A abstração do tipo ideal transforma a diversidade empírica em diferenças e similitudes, dotadas de sentido; ela faz sobressair; ao mesmo tempo, o específico e o geral.”

Todo pesquisador, ao utilizar os conceitos tradicionais ou atuais, deve ser crítico e questionar quais os seus usos, a partir de qual historicidade foi construído, os atores que os produziram e em quais circunstâncias, como circulam socialmente e como são utilizados. Segundo Prost eles:

adquirem sentido por sua inserção em uma configuração herdada do passado, por seu valor performático anunciador de um futuro e por seu alcance polêmico no tempo presente(...) refletem a realidade e, ao mesmo tempo, dão-lhe forma ao nomeá-la. Essa relação cruzada de dependência e de conformidade constitui o interesse e a necessidade da história. Ao fazer-se a partir do tempo e, simultaneamente, ser feita por ele, a história exerce, também, sua ação sobre os conceitos e é influenciada por eles (PROST, 2008, p. 131).

O pesquisador não pode ausentar-se do papel de aferir seus conceitos, utilizar o que há de mais pertinente para operacionalizar o fenômeno em que analisa seus estudos. Estes possuem papel ativo na manutenção e construção de consensos científicos. A construção dos conceitos não é estática, podendo uma mesma abstração possuir mais de um significado. Como por exemplo, destacamos a palavra “Gênero”. Ela tem significação polissêmica e pode ser utilizada para diversas atribuições em diferentes campos do conhecimento, o que permite interpretá-la como conceito e como categoria de análise.

Nas ciências sociais, a categoria gênero como aborda Scoot (1995), procura abarcar questões históricas e contemporâneas no que se referem às relações desiguais entre os homens e mulheres, sendo um equívoco associá-la somente ao feminino, visto que o foco é perceber a construção social das diferenças entre os papéis sexuais,

historicamente e culturalmente determinados, com o intuito de desnaturalizar as representações cristalizadas no imaginário social.

Entendendo que o gênero refere-se à construção social do masculino e do feminino, as mulheres deixam de ser o centro das análises em detrimento dos estudos dos processos de formação da feminilidade e da masculinidade, atentando-se ao aspecto relacional. Desse modo, o termo gênero que surge no movimento feminista, segundo a autora, é uma categoria de análise sociológica e histórica que possibilita compreender a amplitude das relações sociais que estabelecem saberes para a diferença sexual, que dão significado às dissemelhanças corporais e que implicam numa organização social a partir delas. Estes saberes não são absolutos, mas sim relativos a cada cultura.

Conceitos ligados a identidade dos sujeitos devem ser utilizados com cuidado pelos cientistas, visto que generalizações ou especificações que restringem demasiadamente o objeto observado podem fazer com que as considerações científicas escapem da verossimilhança. Scott salienta que a constituição dos sujeitos é mediada pelas relações assimétricas de poder social entre os sexos, sendo que cabe a capacidade do ser humano de autogerenciar sua identidade ao contexto experienciado, e superar as limitações advindas das denominações de palavras e conceitos, porque “construir uma identidade, um conjunto de relações, uma sociedade estabelecida dentro de certos limites e dotada de uma linguagem conceitual com fronteiras e que contenha a possibilidade de negação, da resistência, da interpretação e permita o jogo da invenção metafórica e da imaginação” (SCOTT, 1995, p.86).

Os estudos de gênero são necessários para problematizar essa relação apresentada por Scott, em que o sujeito constrói seu papel de gênero na sociedade, a partir de conflitos, submissões e subjetividades, constituindo suas noções de feminilidade e masculinidade; assim como pode desconstruir padrões estabelecidos. Nessa pesquisa vamos utilizar conceitos importantes nas teorias de gênero, e não nos ausentaremos no papel ativo de questionar o que já existe sobre nossos sujeitos de análise: transgêneros. Relacionamos tais sujeitos em relação com suas performances de seus papéis de gênero.

13.2 Gênero e identidade: Performance e Teoria Queer

O campo de estudos do gênero surgiu primeiramente da militância dos movimentos de mulheres buscando direitos que lhes eram negados. Iniciou, sem grande prestígio acadêmico, e com muitas críticas que questionavam a legitimidade científica.

Com o passar dos anos e o amadurecimento das teorias feministas, foi ganhando reconhecimento. (ABREU; ANDRADE, 2010). Os estudos de gênero estão intimamente ligados a formação da identidade, como salienta Joan Scott (1990). Ela o entende como um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, sendo assim uma construção social e histórica que baliza as noções que os sujeitos tem de si mesmos, da comunidade em que vivem e da própria relação com o outro.

Segundo Abreu e Andrade (2010, p.2) o gênero, ao intermediar a formação dos sujeitos, deve ser pensado para além de um conceito, mas como uma categoria necessária para a ciência. Sobre a distinção entre um e outro, afirmam que “conceito é a representação de um objeto pelo pensamento por meio de suas características gerais. É a ação de formular uma idéia por meio de palavras, definição, caracterização, pensamento, opinião”. A utilização dos conceitos também é abordada, em que são considerados um tipo de “modo de pensar, de ver, de julgar algo, noção ou concepção de alguma coisa”. Enquanto que a categoria se enquadra como “um conceito com alto grau de generalidade, que define em perspectivas e níveis diversos, domínios de conhecimento e de ação, diz-se da espécie, natureza, a série, o grupo e da qualidade de tudo isso”.

Os autores salientam a importância de estudar gênero, visto que essa categoria pode apoiar a compreensão das “relações sociais a partir dos conceitos, representações e práticas desenvolvidas, sobretudo como se constroem as relações entre as pessoas, sejam elas do mesmo sexo ou de sexos diferentes, de idade, classe social, cor e raças iguais ou diferentes” (ABREU; ANDRADE, 2010, p. 3). Desse modo, valorizam a interseccionalidade na abordagem nos estudos de gênero, assim como Hirata (2014). Tais autores exemplificam a necessidade de se considerar a diversidade de sujeitos e papéis de gênero, em que é necessário compreender os juízos de valor enraizados nos sujeitos sobre os papéis ligados a anatomia sexual, sendo que “isto pode determinar estereótipos ou idéias sobre indivíduos, grupos ou objetos, que impõe um padrão fixo, invariável e que nega diferenças individuais e culturais; manifesta-se através de julgamentos, sentimentos ou imagens preconceituosas. Por exemplo: homem forte, mulher frágil” (ABREU; ANDRADE, 2010, p. 3).

Os indivíduos constroem seus papéis de gênero assimilando em sua própria identidade padrões aceitos socialmente. Desse modo, performam suas ações e práticas com o objetivo de pertencerem ao meio, como ressalta Judith Butler (2008), que elabora

o conceito de abjeto como sendo algo, alguém ou uma localidade que causa repulsa, que é desprezível por não se enquadrar a perspectiva esperada e aos padrões morais/sexuais. Os sujeitos temem se enquadrar como abjetos, e para fugir dessa possibilidade, se normalizam nos papéis esperados aos seu sexo biológico (heteronormatividade compulsória). A matriz das relações de gêneros são fronteiras rígidas, construídas em performances normativas fixadas por serem repetidas. Assim, criam-se padrões aceitáveis, e os sujeitos que fogem dessa “normalidade” são tidos seres abjetos. Desse modo “seres e corpos que não se acomodam as normas da heteronormatividade compulsória, são tratados como abjetos”. (ABREU; ANDRADE, 2010, p. 72)

A palavra performance por sua vez, possui diversos significados. Esse conceito polissêmico é útil às teorias de gênero. Ao longo do tempo adquiriu diversos sentidos, tanto que hoje se torna difícil usá-la sem uma explicação prévia. Não nos atemos a classificar o termo como um exercício meramente formal, ou por uma busca de um "sentido exato" que pudesse resgatar algum tipo de pureza do significado, mas para que possamos realizar a tarefa à qual nos propomos: relacionar a vivência de gênero a performance vivida pelos sujeitos, tal como foi proposto por Judith Butler, e pensar sua articulação no cotidiano dos sujeitos.

A autora ressalta que a teoria da performatividade de gênero pode apoiar os estudos sobre as identidades e papéis dos sujeitos, mas também afirma que não pode ser subestimada ou supervalorizada. A teoria queer não se resume à teoria da performance, esta é apenas um de seus desdobramentos. Conforme aponta Butler (2006,p.296), a teoria da performance de gênero foi o passo inicial para o desenvolvimento da teoria queer e pautou-se na perspectiva de recusar qualquer tipo de “fundacionismo biológico”, no intento de romper com o heterossexismo e com os direcionamentos ligados ao gênero;

A ordem de ser de um dado gênero ocorre por caminhos discursivos: ser uma boa mãe, ser um objeto heterossexual desejável, ser uma trabalhadora competente, em resumo, significar uma multiplicidade de garantias em resposta a uma variedade de demandas diferentes, tudo ao mesmo tempo (BUTLER, 2003, p. 209).

A problematização do contexto vivido pelas mulheres que começaram a discutir os papéis assimétricos entre os gêneros é necessária para entender a formação dos estudos feministas, que foram os precursores dos estudos de gênero. O foco inicial era demonstrar a disparidade entre homens e mulheres, sendo que o poder e a dominação

masculina, por serem tradicionais, eram naturalizados. Coube ao movimento feminista desconstruir esses papéis e valores. As vivências de sexualidade e identidade de gênero dissidentes passaram a ser preocupações mais recentes dos estudos de gênero, por isso há alguns equívocos do movimento feminista quanto a essas temáticas. Butler percebe que o discurso feminista engana-se em alguns pontos, como a recorrência nos debates de uma construção fixa de uma identidade para "a mulher", questão que se tentava remediar com o uso da palavra no plural, para se remeter ao papel feminino na sociedade.

Para ela, essa generalização é um problema político, pois tanto a teoria quanto a militância feministas basearam no termo "mulheres" como algo que designasse uma identidade comum. Por isso, Butler propõe uma crítica radical à necessidade de a política feminista se fundamentar numa base única e permanente, que só funcionaria dentro da ideia de padrões de identidade. "A desconstrução da identidade não é a desconstrução da política; ao invés disso, ela estabelece como políticos os próprios termos pelos quais a identidade é articulada" (BUTLER, 2003, p. 213).

Enquanto Butler propõe desconstruir a noção de identidade, há autores que divergem dessa perspectiva, como Hirata (2014), por exemplo que valoriza e salienta a necessidade de se enfatizar as diferenças nas identidades, percebendo-as para captar as particularidades de cada vivência. Para isso promove o conceito de interseccionalidade nos estudos de gênero, tal conceito foi cunhado e difundido por feministas negras nos anos 1980, constitui-se em ferramenta teórico-metodológica fundamental para ativistas e teóricas feministas comprometidas com análises que desvelem os processos de interação entre relações de poder e categorias como classe, gênero e raça em contextos individuais, práticas coletivas e arranjos culturais/institucionais.

A interseccionalidade tem sido uma abordagem que busca abarcar as diversas experiências de papéis sociais, para "levar em conta as múltiplas fontes da identidade", embora não se limite a pretensão de "propor uma nova teoria globalizante da identidade" (HIRATA, 2014, p.62). A tentativa em ampliar os conceitos, considerando as particularidades dos sujeitos é uma forma coerente de responsabilidade científica que pode ser verossímil com as vivências identitárias:

A interseccionalidade remete a uma teoria transdisciplinar que visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado. Ela refuta o enclausuramento e a hierarquização dos grandes eixos da diferenciação social que são as categorias de sexo/gênero, classe, raça, etnicidade, idade, eficiência e orientação sexual. O enfoque

interseccional vai além do simples reconhecimento da multiplicidade dos sistemas de opressão que opera a partir dessas categorias e postula sua interação na produção e na reprodução das desigualdades sociais (HIRATA, 2014, p.70).

Os estudos de um passado recente descreviam apenas a situação feminina, considerando o feminino como uma identidade padrão. Mas a noção de feminismo deve ser mais abrangente, para poder se enquadrar com maior propriedade no conceito de gênero. Tal conceito significa a categoria relacional entre os sexos e identidades que permeiam as performances dos sujeitos femininos ou masculinos. Sendo assim, Butler afirma que o feminismo também deve analisar a diversidade de mulheres existentes, bem como transgêneros e transexuais. Assim, teoria e militância passam a falar em nome das "mulheres", a fim de apontar para o caráter abrangente da categoria "mulher" e responder às críticas sobre a suposta falta de representatividade do feminismo, que pretenderia falar em nome de uma totalidade impossível de ser resumida em um significante. Havia mulheres brancas, negras, ocidentais, orientais, jovens, idosas, escolarizadas, trabalhadoras, donas de casa, pobres, abastadas, e o substantivo "mulher" estava longe de poder dar conta de tamanha diversidade, e das demandas de cada grupo em particular.

Esse breve histórico dos estudos de gênero dentro do movimento feminista, levando em conta a intersseccionalidade é claramente descrito por Miskolci (2011,p.46) que compara a relação entre ambos e o modo com que o movimento LGBTTT vêm consolidando-se com a Teoria Queer:

O feminismo já passou por momento similar ao vivido pelo movimento LGBTTT. De um movimento formado por mulheres brancas, educadas e de classe-média, o feminismo se espalhou pelo mundo tendo que lidar com realidades locais no então chamado Terceiro Mundo e incorporar em seu “nós, mulheres” as não-brancas, pobres e sem acesso à educação, assim como o movimento homossexual brasileiro incorporou lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e outr@s. Mais tarde, o feminismo se deparou com o desafio de des-naturalizar, des-essencializar, o sujeito “mulheres” a partir da emergência do conceito de gênero, assim como o movimento LGBT agora lida com a Teoria Queer. (MISKOLCI, 2011, p.46)

A Teoria Queer abarca todas as identidades transgressoras da heteronormatividade compulsória e que desviem dos padrões identitários esperados. Os estudos de gênero e Queer auxiliam os movimentos sociais, oferecendo estruturas argumentativas científicas na busca por direitos civis, como a distinção entre os termos sexo/gênero, propostos por Butler, dialogando com o que já fora visto por Simone de

Beauvoir e outras teóricas feministas. Butler vai demonstrar que a oposição sexo/gênero estaria inscrita na longa tradição de oposições metafísicas que orientaram o pensamento ocidental. Para Butler, a desconstrução da concepção de gênero seria a desconstrução de uma equação na qual o gênero funcionaria como o sentido, a essência, a substância, categorias que estão dentro da longa tradição metafísica de hierarquias. "Beauvoir diz claramente que a gente 'se torna' mulher, mas sempre sob uma compulsão cultural a fazê-lo. E tal compulsão não vem do 'sexo'. Não há nada em sua explicação que garanta que o 'ser' que se torna mulher seja necessariamente fêmea" (BUTLER, 2003, p.27).

A divisão sexo/gênero parte da ideia de que o sexo é natural e o gênero é socialmente construído e reproduz, segundo Butler, um modelo binário que em muito se assemelha ao par significante/significado. A autora retira da noção de gênero a ideia de que ele decorreria do sexo. Esse modelo exclui os corpos e identidades que fogem desses parâmetros. Compreender a distinção entre esses conceitos é essencial para compreender onde cabem esses sujeitos. Sobre isso a autora afirma que "talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma" (BUTLER, 2003, p. 25).

Se a distinção entre sexo e gênero é “absolutamente nenhuma”, não há mais a essência do sujeito de cujo sexo natural decorre um determinado gênero, argumenta Butler, já construindo a sua própria noção de identidade de gênero. A autora questiona a vivência da sexualidade como um fator da unidade natural entre significante e significado. Afirma que o vínculo entre sexo e gênero é "supostamente natural", mas de fato é construído por uma série de vivências e interpretações dos sujeitos, passando por questões psicológicas, pela sociabilidade, desejos sexuais, dentre outros fatores que não são exatos ou quantificáveis e que contribuem para a construção da identidade do sujeito. Butler não está sozinha ao pretender discutir a necessidade de rejeitar o determinismo biológico e enfatizar a diferença entre sexo e gênero, como também Scott (1995) preocupa-se em dizer que:

uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. O termo gênero enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade. Aquelas que estavam preocupadas pelo fato de que a produção de estudos sobre mulheres de maneira demasiado e separada utilizaram o termo “gênero” para introduzir uma noção relacional em nosso vocabulário analítico. Segundo esta visão, as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e não se poderia compreender qualquer um dos sexos por meio de um estudo inteiramente separado. (SCOTT, 1995, p. 72)

A formação dos papéis de gênero é constituído na relação entre homens e mulheres reciprocamente, e também deve-se salientar a necessidade de incluir as sexualidades e identidades dissidentes para colaborarem conjuntamente nesse processo, dessa forma a abjeção dos que destoam poderia ser amenizada. Para Butler, na teoria que defende a identidade dada pelo gênero (cultural e construído) e não pelo sexo (natural), existe uma aproximação entre gênero, essência e substância. Aceitar o sexo como um dado natural e o gênero como um dado construído, determinado culturalmente, seria aceitar também que o gênero expressaria uma essência do sujeito. Ela defende que haveria nessa relação uma unidade tão metafísica quanto a concepção da linguística que percebe o par significante/significado dentro da distinção sensível/inteligível.

Butler, ao desmontar a estrutura binária sexo/gênero, permite a inclusão de mais sujeitos em suas análises, por isso é considerada uma das principais teóricas dos estudos Queer, que consideram que a ordem política e cultural da heterossexualidade compulsória garante os privilégios políticos, culturais e até econômicos daqueles/as que vivem dentro de suas prescrições. Conforme os pressupostos Queer, é necessário estudar os sujeitos que fogem dessas regras, como indivíduos ativos socialmente, retirando-se visões vitimizantes, de exotismo, patologia ou aberração para tratá-los como membros da sociedade que devem ter seus direitos preservados como qualquer cidadão. A inovação da teoria Queer está em desenvolver-se nos estudos de grupos homossexuais, sem relacioná-los necessariamente com a luta feminina por direitos, mas com as lutas particulares de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

Os movimentos sociais para dar visibilidade as sexualidades dissidentes, também foram descritos por Rodrigues Neto (2013, p.106) que situa as manifestações dos anos 60/70 como importantes para que os grupos de gays e lésbicas pudessem se expressar “individualmente ou constituindo o que chamamos movimento de afirmação homossexual, formatando-se um novo campo de luta social de uma minoria sexual que ambicionava contrariar o preconceitos sofridos e buscava liberdade para exercer sem constrangimentos ou violência seu erotismo”. As performances de gênero, ligadas aos papéis experienciados, desejos e perspectivas são também discutidos por Butler (2003).

A desconstrução de Butler do vínculo entre sexo e gênero é essencial para compreender suas perspectivas teóricas, que podem ser sumariamente entendidas na alegação de que alegar que não existe uma identidade de gênero *por trás* das expressões de gênero, e que a identidade é *performativamente constituída*. O gênero

como *performance* é um tipo de ocorrência que pode se dar em qualquer corpo, portanto, desconectado da ideia de que a cada corpo corresponderia somente um gênero. Butler propõe repensar o corpo não mais como um dado natural, mas como uma "superfície politicamente regulada" em que muitas forças regem seus comportamentos e expectativas sociais. A natureza seria um fator que embora determine a aparência, não domina a essência do sujeito, e por isso não deve ter uma valorização maior do que outras questões cotidianas. Na visão de Butler, o modo com o qual Beauvoir elabora as noções de gênero e corpo, deve levantar questionamentos na contemporaneidade.

o gênero não deve ser construído como uma identidade estável ou um *locus* de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma *repetição estilizada de atos*. O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanentemente marcado pelo gênero (BUTLER, 2003, p.200).

Butler constrói todo o seu aparato teórico a partir de sua concepção de que não se pode considerar o corpo como uma categoria apenas "natural", mas tão cultural quanto o gênero, de tal forma que problematize os limites de gênero e tome como cultural a vinculação entre sexo e gênero (BUTLER, 1987, p.145). Com a proposição de gênero como *performance*, a autora também vai inovar ao restringir o peso metafísico da identidade (de gênero). Para ela, não há identidades que precedem ou isentem-se do exercício das normas de gênero. É o exercício da ação que termina por criar as normas. Somente a prática dos sujeitos deve ser o que rege o exercício das identidades de gênero, tanto que a autora declara que é na repetição das normas de gênero que o sujeito enquadra-se em determinados padrões.

Para Butler, a ação do gênero requer uma performance repetida e essa repetição “é a um só tempo re-encenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação” (2003, p.200). Para ser mulher é preciso comportar-se como mulher. O gênero é performático não apenas porque se forma a partir de construções sociais, mas também porque exige a atuação do indivíduo, o qual precisa fazê-lo de acordo com um roteiro pré-estabelecido. Nesse sentido, a mulher transgênero, é reconhecida pela atitude direcionada a uma feminilidade idealizada, guia-se pelo mesmo script de diversas outras mulheres, no qual o objetivo é dar-se a ver da forma mais coerentemente feminina

possível (BENEDETTI, 2008). Para tanto, é necessário um processo de aprendizagem no qual ações, atitudes e posturas são incorporadas.

Se a verdade interna do gênero é uma fabricação, e se o gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos, então parece que os gêneros não podem ser nem verdadeiros nem falsos, mas somente produzidos como efeitos de verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável. (BUTLER, 2003, p.195)

A consideração que não existe identidade verdadeira ou falsa, amplia as possibilidades dos sujeitos serem considerados legítimos em suas demandas, respeitados em suas particularidades. Não se trata, assim, de estabelecer um novo lugar para gays, lésbicas e travestis, mas de aceitar permanecer na oscilação identitária e de não sucumbir a esta "comodidade metodológica" que novamente estabiliza, ainda que em outro lugar, o que poderia haver de oscilante na proposição "nem feminino/nem masculino". Novas identidades, por mais diversas e múltiplas que sejam, são fixações que eliminam o caráter contingente da performance de gênero tal qual pensada por Butler (2003).

O gênero como performativo para Butler, não pode ser visto como essência ou identidade nos signos corporais. A autora pensa sobre três dimensões contingentes da corporidade: o sexo anatômico, aquele dado pela biologia; a identidade de gênero, aquela que Beauvoir tratou como uma construção social; e a performance de gênero, sendo o elemento do performativo, sendo aquilo que perturba as associações binárias sexo/gênero, sexo/performance, gênero/performance, e aponta para o caráter imitativo de todo gênero. Performance, assim, aponta para uma "contingência radical"(BUTLER, 2003, p.196) em relação ao gênero e ao sexo, para uma desnaturalização e para o caráter de fabricação de toda identidade sexual. A dimensão contingente do gênero como performance sugere a necessidade de repetição que, ao mesmo tempo em que é a reencenação de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente, é também, a cada vez, uma nova experiência de performance ou o que a autora chama de "repetição estilizada de atos" (BUTLER, 2003, p.200).

O fato da realidade do gênero ser criada mediante *performances* sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras e permanentes também são constituídas. São parte da estratégia que oculta o caráter *performativo* do gênero e as possibilidades *performativas* de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas

da dominação masculina e da heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2003, p.201, *itálicos da autora*).

A performance não deve ser encarada como uma encenação dos sujeitos que pode ser falsa, mas uma interpretação do mesmo quanto as suas vivências e expectativas. Os atos de gênero são performativos e estão fora do regime falso/verdadeiro e apontariam para a fragilidade da normatividade de gênero ao explicitarem que a norma só pode funcionar como uma estrutura de citação e de repetição contínua. Corpos performam gêneros, e o fazem pela repetição, sem nunca serem idênticos a si mesmos. Desse modo, “essa repetição é a um só tempo re-encenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação”(BUTLER, 2003, p. 200).

No gênero performativo, o que se repete deve ser o mesmo, mas não pode nunca ser idêntico. Gênero passa a ser, assim, uma repetição de normas que já não retornam mais a um gênero original, mas se dá pela repetição de normas que podem ser transgredidas, imitadas, *parodiadas*, explicitando a arbitrariedade do par sexo/gênero.

Travestis e transexuais são sujeitos pesquisados pela teoria Queer, que tem como uma de suas entusiastas Judith Butler, que estuda sobre “uma combinação de movimentos que englobam o transgênero, a transexualidade, a intersexualidade e suas complexas relações com a teoria Queer” (BUTLER, 2003, p. 200). A autora preocupa-se em descrever o gênero como um ato cotidiano, habitual e aprendido, uma performance baseada em normas culturais de feminilidade e masculinidade. Ela chama a atenção para as maneiras como produzimos e reproduzimos performativamente o gênero e a sexualidade, sendo que o corpo performatiza o gênero pelas ações repetidas pelo sujeito em suas vivências. O gênero é naturalizado pelo corpo pelas suas práticas, enquanto a naturalização biológica é uma forma de opressão dos corpos, negando a autonomia dos sujeitos por uma concepção dada *a priori*.

Butler, ao longo de suas pesquisas, busca não limitar-se a afirmar que os sujeitos são construídos, pois a construção do humano é uma operação diferencial que produz diversas classificações, como o mais ou menos ‘humano’, o inumano, o humanamente impensável. Esses locais vêm a limitar o ‘humano’ com seu exterior constitutivo, e a assombrar aquelas fronteiras com a persistente possibilidade de sua perturbação e rearticulação (BUTLER, 1999). As combinações que geram o que somos são imprevisíveis, dependem da assimilação pessoal de nossas vivências, nossos papéis

sociais dentro do âmbito familiar, no trabalho, nos estudos e em nossos momentos de lazer.

A performace de gênero descrita por Butler (1999) não pode ser entendida de modo equivocado, pensando-se que os sujeitos são atores que possuem caprichos de escolher em quais papéis irão atuar, assim como o equívoco do termo “opção sexual”, visto que os sujeitos não optam pelo que melhor lhes parece momentaneamente, mas sim identificam-se com determinados papéis e desejos, sendo um termo mais adequado a ser utilizado o de “identidade de gênero”. Sendo assim, o gênero para Butler (1999) é performativo e estes atos performativos não devem ser entendidos como um “ato deliberativo” do sujeito, nem “teatralizado”, mas, como destaca a autora, como uma “prática reiterativa e situacional pela qual o discurso produz efeitos que nomeia” (p.152). Desse modo as travestis reivindicam ser reconhecidas mulheres por vivenciarem o papel do feminino, buscam ser aceitas como mulheres por ser uma prática habitual e sentirem-se pertencentes a essa categoria. Assim como no caso de homens transgêneros que também querem ser reconhecidos e respeitados. Transgêneros masculinos e femininos buscam o direito ao nome social, para poderem ser nomeados do modo que mais identificam-se e aceitam-se socialmente.

Os papéis sociais de gênero hegemônicos são dois: o do homem que vivencia os caracteres esperados do masculino (virilidade, força, coragem e sedução) e o da mulher, que age conforme as perspectivas sociais da feminilidade (beleza, doçura, delicadeza e passividade). Eles tendem a coibir os sujeitos a enquadrar-se em determinados modos de ser, viver e conviver; os atos humanos são sempre representações das convenções, assim o fato de o sujeito aparecer como autor é um ato performativo da linguagem, uma presentificação, que oculta as convenções das quais ele é repetição, a sua historicidade. Lembremos ainda que os atributos e atos de gênero (BUTLER, 2003), as várias maneiras como o corpo mostra ou produz sua significação cultural, são performativos, então não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido. Bento apóia essa linha teórica, e descreve a aplicabilidade da performance de gênero no contexto da vivência trans:

Reivindicar uma identidade de gênero implica em construir um corpo e demonstrar que ele será o suporte dessa identidade. Qual a minha identidade de gênero? Como é possível construir uma plataforma política em torno de algo tão múltiplo e plural como o gênero? Não temos gênero, fazemos gênero, práticas são classificadas como “masculinas” ou “femininas”. A luta pelo reconhecimento da identidade de gênero levada a cabo pelos movimentos trans,

em vários países, é uma forma não explícita, acanhada, de lutar pela autonomia do corpo, portanto, o mesmo projeto feminista (BENTO, 2011, p.93).

Nos estudos de Butler (1999), a performatividade é uma ação que é derivativa, na medida em que as normas do sexo são claras a todos os indivíduos, esta citação ou “identificação/sujeição” precede e possibilita a formação do sujeito, tornando-o capaz de viver no reino da inteligibilidade cultural. Assim, sexo é: “uma das normas pelas quais o ‘alguém’ simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade” (BUTLER, 1999, p.153). A teoria Queer possui particularidades que auxiliam na compreensão quanto ao modo que essa autora pesquisa esses sujeitos. Nos estudos Queer homossexuais deixaram de ser um conceito geral de análise, e passou a ser subdividido em travestis, transgêneros, gays, lésbicas e bissexuais.

13.3 Universo Trans: história e performance

As identidades de gênero superam a binaridade construída pelos padrões da heteronormatividade. O Movimento LGBTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) reivindica seu direito ao reconhecimento identitário, luta pela cidadania de uma identidade cambiante e combate a marginalidade que diversas instituições tradicionais instituem. Busca-se por apoios que são obtidos sem dificuldades para casais heterossexuais e cisgêneros¹, como o reconhecimento jurídico, a adoção de filhos, direito a herança, inclusão do nome do cônjuge no plano de saúde, acesso a locais públicos em segurança (os índices de violência pela homofobia e transfobia tem crescido drasticamente²) e o respeito ao nome social para transgêneros.

As demandas sociais, políticas e econômicas de inclusão das sexualidades dissidentes são visibilizadas pelos movimentos sociais, como o LGBTT, que deve ser analisado pela academia de modo que, como propõe Nascimento e Neto (2012,p.3) em que “no mesmo sentido que a terminologia de movimentos sociais está atrelada a mudanças decorrentes do espaço e tempo, as análises de um movimento social, tendo-o como objeto de estudo, deve-se considerar também a contexto o qual está inserido”.

¹ O termo “cisgênero” compreende os sujeitos que vivem o papel social e de sexualidade esperado pelo seu corpo biológico (oposto da experiência transgênero das mulheres travestis).

² Entre 2012 e 2013, foram documentados 312 assassinatos de gays, travestis e lésbicas no Brasil, de acordo com relatório divulgado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB). Os números representam um assassinato a cada 28 horas. O ano de 2015 iniciou-se demonstrando o crescimento da violência : só em janeiro foram assassinados 42 homossexuais, um a cada 18 horas. Dados retirados do Portal EBC. Acesso em 12 de maio de 2015.

Alguns equívocos podem ocorrer nas análises sobre grupos e movimentos sociais ao não contemplar os projetos de ação, demandas e participantes, espaço, temporalidade e políticas públicas vigentes. É imprescindível que

um esboço da conjuntura em que os mesmos estão submersos, pode trazer significados equivocados quando se busca identificar e analisar os mesmos, até mesmo quando o estudo se propõe a discutir questões intrínsecas e identitária do grupo ou movimento. Esta afirmação, ainda pode ser sustentada quando se entende a política de cada contexto histórico e as condições desiguais na sociedade. Partindo desta realidade, surgem como respostas, grupos representantes de minorias (Nascimento e Neto, 2012, p.3).

O autor analisa o surgimento do movimento homossexual brasileiro, tentando identificar as expressões políticas e posturas dos participantes quanto a discriminação sexual, visto que um dos períodos analisados foi a ditadura militar no Brasil, em que diversos movimentos pela democracia estavam efervescentes, sendo um solo fértil para as reivindicações de minorias, como as homoafetivas. O período ditatorial prezava pelo conservadorismo em diversas instâncias da vida cotidiana, como por exemplo a sexual:

As campanhas contra os valores machistas e o autoritarismo do regime político vigente, que por sua vez, entrava em declínio, e consequente, propiciava espaços para reivindicações, marcam fortemente a identidade dos grupos [gays]. Assim é possível entender a formação identitária dos primeiros grupos que se formam no período de abertura a partir da conjuntura (Nascimento e Neto, 2012 p.11).

O cenário em que é construída uma identidade gay, influencia a resignificação de uma cultura gay, que tem demandas próprias conforme sua situação econômica e geográfica local. Nesta pesquisa, vamos nos atentar as duas letras “Tês” da sigla do movimento LGBTTT designam o grupo em que estudaremos pesquisa, transexuais e travestis. O termo Travesti sobreviveu até a contemporaneidade, é utilizado na América Latina para descrever as pessoas que não situam-se no gênero relacionado ao seu sexo biológico, transitam entre gêneros, sexos e vestimentas. Travestis são essencialmente uma identidade de gênero reprimida, por transgredirem e oporem-se ao esperado. O conceito de travesti, nasceu de modo literal, significando “vestir-se com roupas do outro sexo”. Tal prática era comum em tribos pré-coloniais, como no Peru, em que os papéis de gênero não estavam intimamente ligados ao sexo, homens e mulheres poderiam ser coletores ou caçadores, vestir adereços, etc.

A prática foi julgada pelos colonizadores, acostumados com o binarismo que viviam em sua terra de origem, em que haviam apenas dois sexos e dois gêneros definidos. O termo Travesti, embora tenha surgido originalmente como um adjetivo vexatório, foi recontextualizado e passou a servir como substantivo identitário, uma reivindicação por respeito, inclusão e cidadania, um fator de discussão política em todo mundo (CAMPUZANO, 2008).

Durante muitos anos, Travestis e Transexuais não eram considerados um grupo distinto dos gays, lésbicas e bissexuais, como descreve Benedetti (2005, p.16), que assimila esse fato como uma “operação típica do olhar institucional e do senso comum sobre esse grupo”. É necessário compreender as especificidades de cada identidade sexual não para cristalizar e criar limites entre elas, mas para poder captar as possíveis demandas de cada grupo, para melhor atender e incluí-las socialmente. No caso das travestis, as transformações corporais e modos de apresentar o próprio corpo são um tipo de linguagem, que expressa a sua cultura, os valores e as concepções que possuem sobre gênero e sexualidade.

As travestis são sujeitos também estudados por Butler (2003), que descreve as limitações que estas vivem, que causam sua marginalidade, exotismo e até mesmo uma representação de patologia em seus papéis sexuais e desejo. Nesse contexto marginal, a autora exemplifica com esse grupo o que viria a ser seu conceito de “objeto”, apontando assim que as travestis realizam práticas que seriam desafiadoras em relação às normas de gênero e sexualidade.

O conceito de objeto só pode ser compreendido no processo de produção do sujeito, visto que, nas performances de gênero, atende-se a coerência implicada na matriz heterossexual reprodutiva. Sendo assim, os sujeitos incoerentes entre seus corpos biológicos e seus papéis sociais, são destoantes e, por isso, vistos como exóticos e anormais. Deste modo, estes seres objetos desafiam as normas arraigadas na heteronormatividade reprodutiva e de diferenciação sexual, pois deslocam esta lógica. As práticas travestis denunciam que não há uma simetria dada entre sexo, gênero e sexualidade, mostrando que esta coerência é fabricada socialmente para o propósito da heterossexualização compulsória dos corpos. Portanto, ao fazer o gênero na prática, por meio de performances repetidas das normas de gênero, as travestis se “fazem mulher”, colocando em evidência, em forma de “paródia do gênero”, o caráter performativo e artificial das identidades de gênero.

Dentre as travestis, por transgredirem os papéis binários de gêneros, sendo corpos biologicamente masculinos que convivem com a feminilidade; em meio as travestis que são corpos biologicamente femininos que identificam-se com a masculinidade, há também performatividade dos gêneros? Sim, pois independentemente de serem transgressores, ainda há perspectivas de gênero cobradas desses grupos. As travestis exalam sua feminilidade exaltando todos os acessórios e apetrechos que são tradicionalmente femininos, como salto-alto, maquiagem, brincos, colares, roupas justas, saias, vestidos; os homens trans, por sua vez, também fazem o mesmo utilizando de recursos esperados para a masculinidade. Sendo assim, são também performáticas(os) por quererem enquadrar-se no papel social feminino ou masculino (BENEDETTI, 2008).

O aspecto teatral da performatividade dos gêneros auxilia na ocultação da história da qual fazem parte os sujeitos, e torna impossível uma plena revelação de sua historicidade, pois é tido como “natural”. É como se os corpos fossem o fator determinante das sexualidades e gêneros. Sobre a historicidade, Butler explica:

Creio, entretanto, que seria um erro sucumbir a uma noção progressiva da história pela qual se entende que diferentes marcos vão se sucedendo e suplantando-se uns aos outros. Não se pode narrar uma história sobre como alguém se desloca do feminismo ao queer e ao trans. E não se pode narrar essa história, simplesmente porque nenhuma dessas histórias pertence ao passado: essas histórias continuam ocorrendo de formas simultâneas e solapadas no instante mesmo em que as contamos. Em parte se dão mediante as formas complexas em que são assumidas por cada um desses movimentos e práticas teóricas (BUTLER, 2006, p. 17).

As travestis consideram-se mulheres dia e noite, pois interferem no próprio corpo por meio de roupas, maquiagem, cabelo e traços femininos; e por intermédio de medicamentos (hormônios femininos) e silicone em partes do corpo. No entanto, não sentem a necessidade de fazer a cirurgia de transgenitalização. Desejam manter o órgão sexual masculino. A diferença entre transexuais e as travestis, é que as primeiras querem a cirurgia de retirada do pênis. (BENEDETTI, 2005)

O conceito com que trabalha Benedetti (2005) é utilizado como base deste trabalho, embora não pretende-se prender os sujeitos a essas classificações, visto que o humano pode ser inteligível, como destaca Bento (2011, p.90), ao perceber que embora existam esses conceitos, “quando observamos como vivem os sujeitos concretos que têm conflitos com o gênero, essa definição parece areia entre os dedos, escapa. O que

antes estava completo, cheio, esvazia-se”. As vivências ultrapassam portanto, as tentativas de enquadrar qualificações, como no exemplo transcrito abaixo:

A pessoa diante de você afirma: “não quero fazer a cirurgia, mas quero os meus documentos alterados, com o nome e sexo alterados”; ou, “sou uma mulher transexual e sou lésbica”. Há alguns caminhos para analisar essas narrativas. Hegemonicamente, se considera que são pessoas duplamente loucas, pois, ser transexual, pelas normas de gênero, já é viver um profundo transtorno de gênero que pode ser parcialmente curável quando se realiza a cirurgia. Mas, não realizar a cirurgia, e ainda reivindicar-se lésbica, é da ordem do impossível. Não tem conceito para esse sujeito. É o que chamamos de ininteligibilidade. Embora tenha os atributos corpóreos de um ser humano, aquele corpo está despossuído de humanidade. Para salvar o conceito de transexual, nomeia-os/as de aberrações, coisa esquisita, transtornado, disfórico. Nesse campo, a exceção não confirma a regra, mas a nega. Para recuperar a norma, o caminho tem sido patologizar a aparente exceção. (BENTO, 2011, p.90)

A produção das identidades são discursivas, é preciso pensar estratégias e discursos que, paralelamente às políticas identitárias, subvertam e questionem de forma permanente as normas hegemônicas de sexualidade e gênero presentes em nossa sociedade. Butler (2003, p.75) realça o papel dos pesquisadores, que não deveriam colaborar:

para construir normas do que é ser um gay, lésbica, bissexual ou trans aceita apenas se estiverem seguindo os padrões já postos. Padrões esses, é sempre necessário lembrar, que foram e continuam sendo os causadores da falta de respeito à diversidade sexual. Precisamos ter clareza de que não podemos cair no erro de usar os mecanismos que oprimem.

Sendo assim, Benedetti descreve o grupo de transformistas com o qual trabalhou, como sujeitos que durante uma parte do dia são do sexo masculino (geralmente na parte da manhã e tarde) e em outra parte (a noite, na maioria das vezes) são do sexo feminino. As modificações corpóreas são só externas, com maquiagem, roupas, espuma para fazer os seios, ancas e nádegas. A “montagem” do sujeito busca a transformação para ocultar inteiramente o masculino, e deixar aflorar o feminino. As *drag-queens* por sua vez, também montam-se como mulheres, mas não preocupam-se com a fidedignidade. Carregam na maquiagem, exageram nas roupas, utilizam altas plataformas e cabelos longos que podem ser coloridos, assim como cílios e unhas postiças. São uma espécie de paródia do feminino. Transgêneros é o termo utilizado para reunir todas essas categorias, mas mantendo as particularidades de cada uma. (BENEDETTI, 2005)

O reconhecimento das particularidades desses grupos ampliou a visibilidade dos mesmos na academia, nos movimentos sociais e nos projetos de lei. O caráter e a nomenclatura desses estudos é bem justificado por Miskolci, que demonstra que escancarar as diferenças é essencial:

(...)dissidentes de gênero passaram a ser vistos como uma ameaça contaminante à ordem social estabelecida, leia-se heterossexual, reprodutiva e assentada no modelo familiar tradicional. Tornavam-se, portanto, queer, abjetos, pessoas com relação às quais muitos não escondiam sentir nojo e até mesmo esperarem que fossem eliminados. Compreende-se, assim, como ousado do termo queer para denominar uma linha de pensamento e pesquisa foi um ato político de resignificação da injúria. Autodenominar-se queer era fazer de um termo negativo e que deveria causar vergonha uma forma de combate às forças normalizadoras cujo intuito de exclusão e até mesmo eliminação de dissidentes sexuais e de gênero era patente. (MISKOLCI, 2014, p.10)

Salientar as especificidades dos estudos Queer se faz essencial para captá-los como uma vertente teórico-conceitual, mas também política, de crítica da hegemonia heterossexual na sociedade, na política, reconhecendo a importância da articulação, representatividade e respeito as particularidades desses grupos. Em termos políticos, a emergência de demandas de reconhecimento homossexual se deu na forma de movimentos organizados desde meados do século XX, portanto quase ao mesmo tempo em que, em termos científicos, intelectuais de diversas partes do mundo começaram a contestar as fontes teórico-conceituais existentes para compreender as sexualidades dissidentes (MISKOLCI, 2014). Por isso, o ser humano não é exato. Não é possível pensar sobre as ações do sujeito como determinadas. No processo situacional e de produção de sujeitos inteligíveis, há sempre instabilidades com a produção de seres “incoerentes”, os abjetos, seres não-humanos. Transgêneros fogem da reiteração forçada das normas de gênero e sexualidade, demonstram em seus cotidianos que os seus corpos nunca se conformam completamente às normas, sempre há possibilidades de deslocamentos abertos pelo processo situacional, rupturas.

Nessa pesquisa, o termo já utilizado por Marcos Benedetti que para situar ações do grupo de Travestis e Transexuais, utiliza o termo *universo trans*, visando não limitar nenhuma identidade de gênero a algum perfil social. Ele busca abrir o campo para as inúmeras potencialidades humanas na vivência dos gêneros. Pelo mesmo motivo, vamos usar esse termo para nossas considerações aqui descritas. Benedetti, ao descrever os papéis que observou em sua etnografia feita em Porto Alegre, cita três tipos de performaces de gênero, que podem ilustrar alguns deslocamentos possíveis na vivência

do gênero. São elas: travestis, transformistas e transexuais. A diferenciação entre esses três grupos está que “entre uma figura e outra se encontram no corpo, suas formas e seus usos, bem como nas práticas e relações sociais.” (BENEDETTI, 2005, p.18).

O caminho menos tortuoso para diferenciar travestis e transexuais também é descrito por Pelúcio (2009), que percebe como “cômodo e mais perverso” buscar diferenciar estes termos na reprodução dos saberes médico-institucionais e psicológicos vigentes, afirmando-se que, enquanto as transexuais teriam aversão ao órgão sexual biológico, as travestis o aceitariam sem maiores problemas. A autora afirma que as travestis são pessoas que se entendem como homens que gostam de se relacionar sexual e afetivamente com outros homens, mas que para tanto procuram inserir em seu corpos símbolos do que é socialmente tido como próprio do feminino. Não desejam porém, extirpar sua genitália, com a qual, geralmente, convivem sem grandes conflitos. (PELÚCIO, 2009, p.44). Enquanto Leite Jr. traz o debate para um plano discursivo um pouco mais distante destes campos de saberes “científicos”, afirmando que:

Como o discurso sobre a transexualidade possui uma aura mais ‘higiênica’, forjado nos laboratórios e consultórios da Europa e dos Estados Unidos e ainda pouco disseminado popularmente em suas especificidades teóricas, pode-se afirmar que o termo ‘transexual’ possui um capital linguístico mais valorizado que o termo ‘travesti’, podendo ser mais facilmente convertido em capital social e, desta forma, sendo capaz de abrir ou fechar portas segundo a maneira como a pessoa se autoidentifica ou é identificada (LEITE JR., 2011, p.214).

Mesmo Pelúcio realizando algumas de suas considerações tentando classificar esses sujeitos, em outro trecho de seu trabalho, afirma ter convivido com pessoas que se identificavam como transexuais, mas viviam, segundo elas mesmas, como travestis que, em algum momento da vida, desejaram tirar o pênis, e outras que jamais tinham pensado naquilo, mas que começavam a estudar essa possibilidade mais recentemente, passando a cogitar a possibilidade de serem transexuais (PELÚCIO, 2009, p. 42). Reafirmando assim o conceito de Butler (2003) de identidades cambiantes.

A performace de gênero, como dita por Butler, pode ser vista na descrição de Benedetti(2008), em que caracteriza-se o grupo em que privilegiado em nossa pesquisa:

travestis são aquelas que promovem modificações nas formas do seu corpo visando deixá-lo o mais parecido possível com o das mulheres, vestem-se e vivem cotidianamente como pessoas pertencentes ao gênero feminino sem, no entanto, desejar explicitadamente recorrer a cirurgia de transgenilização para retirar o pênis e construir uma vagina” (BENEDETTI, 2005, p.18)

Podemos perceber que a relação com o próprio corpo e a performance de gênero são fatores da identidade das travestis, e a grande diferença entre esse grupo, com o das transexuais é quanto à necessidade de uma interferência cirúrgica para realizar o desejo de vivenciar a feminilidade. “Em contraste, a principal característica que define as transexuais nesse meio é a reivindicação da cirurgia de mudança de sexo como condição *sine qua non* da sua transformação, sem a qual permaneceriam em sofrimento e desajuste subjetivo e social” (BENEDETTI, 2005,p.18).

Independente da opção de fazer ou não a cirurgia, as travestis e transexuais postulam o direito a cidadania e a inclusão social. Sendo que o conceito de travesti engloba também as transexuais. Sobre isso, Berenice Bento (2006, p.152) considera que:

Ao longo do trabalho de campo, conheci histórias de vida de transexuais que têm uma vida sexual ativa; que vivem com seus/suas companheiro/as antes da cirurgia; de pessoas que fazem a cirurgia, mas não tiveram relações heterossexuais, pois se consideram lésbicas e gays. Aproximei-me de outros que não acreditam que a cirurgia lhes possibilitará ascender à masculinidade ou à feminilidade, pois defendem que suas identidades de gênero não serão garantidas pela existência de um pênis ou de uma vagina e que, portanto, a principal reivindicação é o direito legal à identidade de gênero, independentemente da cirurgia.

Das três performances descritas, a que menos realiza intervenções corporais para vivenciar a experiência de pertencer a outro sexo é a das transformistas. O conceito de transformista, descrito por Benedetti (2008, p.18) é o adotado na presente pesquisa:

“As transformistas, por sua vez, promovem intervenções leves - que podem ser rapidamente suprimidas ou revertidas - sobre as formas masculinas do corpo, assumindo as vestes e a identidade femininas somente em ocasiões específicas. Não faz parte dos valores e práticas associadas às transformistas, por exemplo, circular durante o dia *montada*, isto é, com roupas e aparência femininas. Essa prática, segundo o ponto de vista nativo, está diretamente relacionada com as travestis e com as transexuais.” (grifos do autor)

A partir da apresentação dos três perfis descritos por Benedetti, podemos perceber uma certa lógica nas ações desses sujeitos. É possível a reflexão quanto a performatividade. Enquanto situacionalidade, podemos pensar que nas práticas performativas podem ocorrer tanto uma desnaturalização das práticas regulatórias, como também uma reiteração das normas heterossexuais polarizadas de gênero. Como já apontado, a teoria da performatividade não se propõe a ser uma teoria deliberativa e voluntarista do sujeito. Deste modo, se a relação entre travesti e subversão fosse certa,

estariamos entendendo que o sujeito - constituído de uma vontade individual pudesse mudar a sua realidade social e histórica por um projeto individual e voluntário. Na mesma direção de raciocínio, Butler (2003, p.200) considera:

“O gênero não deve ser interpretado como uma identidade estável ou um locus de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuamente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos. O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanente marcado pelo gênero.”

As experiências de sujeitos que travestem-se com adereços e vestimentas destinados socialmente para o o sexo oposto, são realidades que repetem-se em diversas épocas e locais do mundo, mesmo a experiência de gênero sendo instável, espacialmente e temporalmente construída. A Antropologia foi a ciência que mais desvendou essas performances pelo mundo, buscando descrever sociedades longínquas, exóticas e com padrões culturais distintos. Como o caso das berdaches descrito, por Benedetti (2005, p.21), que viveram em sociedades simples na América do Norte, na primeira metade do século XX:

“As berdaches eram indivíduos que, nascidos homens, passavam a adotar vestimentas e comportamentos femininos, executavam tarefas e atividades nitidamente destinadas às mulheres e praticavam sexo com homens, geralmente no papel passivo. Esses indivíduos eram reconhecidos como pertencentes ao gênero feminino e desfrutavam de papéis sociais legítimos, e, às vezes, específicos nas culturas em que viviam.”

Outras recorrências de travestis são registradas em diversas partes do mundo. Benedetti (2005) descreve com maior detalhamento as berdaches, mas cita outros diversos estudos de autores que também observaram a presença de travestis em outras sociedades. O problema é que os pesquisadores reafirmaram o caráter exótico dessas práticas, e, portanto, também auxiliaram na disseminação de preconceitos para os grupos de transgêneros.

Os outros estudos citados por Benedetti, justificam o papel social de pessoas do universo trans em cada sociedade, que mesmo distantes localmente davam as travestis além da imagem feminina, também papéis que ainda hoje na sociedade se repetem, como a prostituição, a marginalidade e o exotismo. Conforme o autor:

“Podemos apontar como exemplos: o caso das *mahu* do Taiti, descritas por Levy (1971), que ocupariam um importante papel na definição das identidades daquela comunidade ao demonstrar, para homens e mulheres, o que eles não deveriam fazer e ser; o das *xanith* de Omã, relatados por Wikan (1977), cuja ocupação mais comum é a prostituição e que, segundo a autora, conformariam um terceiro gênero naquela cultura; o das *fa' afafine* de Samoa, narradas por Mageo (1992), que, devido às mudanças na cultura samoana, estão crescendo em número e em visibilidade pública; o das panema entre os *guaiaqui* do Paraguai, descritas por Clastres (1990), que seriam homens que perderam sua função de caçadores, passando a portar uma cesta e não mais um arco, respectivamente os símbolos maiores do feminino e do masculino naquela cultura.” (BENEDETTI 2005, p.22, Grifos do autor)

Todas essas sociedades que demonstram que os papéis vivenciados para as travestis são ligados ao feminino, e, também, são papéis mais degradantes e desvalorizados dentro das sociedades. Mesmo com o movimento feminista nos anos 60, em que vários paradigmas foram questionados, como a ligação entre sexo e gênero, a marginalidade das travestis não foi uma das pautas relevantes para o movimento na época. Tanto que no âmbito médico e psicológico, até 1985, as travestis eram consideradas “alma/mente de mulher em corpo de homem”, sendo vistas como acometidas de uma certa patologia por serem invertidos ou desviantes seus corpos e mentes (BENEDETTI, 2005).

Nos anos 90, mais pesquisadores se sensibilizaram para analisar o Movimento LGBTT. Na época, não havia ainda sido cunhado o termo transexuais, somente travestis. A perspectiva da ciência para esse grupo não era positiva, descrevia-se na perspectiva de vitimização, erotização ou exotismo. A visão de exotismo sobre as travestis, causa a falsa ilusão de que nas relações em que estão inseridas, elas transgridem os padrões heteronormativos totalmente. Em seus estudos sobre a transexualidade, Berenice Bento discute essa falácia, visto que as travestis acabam sujeitando-se a papéis que o padrão heteronormativo lhes permite, um papel subalterno.

Há uma espécie de conformismo na visão de gênero dos/das transexuais, reproduzindo estereótipos que em nada questionam a ordem heteronormativa. Bento questiona esse paradigma, ao indagar-se quanto ao motivo de exigir das pessoas que vivem a experiência transexual que “sejam subversivas, quando também compartilham sistemas simbólicos socialmente significativos para os gêneros? Será que a própria experiência já não leva em si um componente subversivo, na medida em que desnaturaliza a identidade de gênero?” (BENTO, 2002, p. 13).

A quebra da heteronormatividade é apenas parcial, visto que o processo de desnaturalização não é completo. A travesti só é reconhecida mulher quando assume

todas as perspectivas como tal, não havendo uma transgressão engajada, mas apenas o que denominamos de conflito com a ordem vigente de gênero. Tal experiência de conflito pode ser até mesmo provocativa e desestabilizadora, mas não é capaz por si só de modificar a norma.

A performatividade do grupo das portadoras é uma encenação de gênero. Entretanto, elas são encaradas pelo senso comum como uma forma extremada de homossexualidade, situação patológica e perturbadora. Vistas com o gênero em desajuste, são postas em marginalidade, como nas atividades de prostituta, em que são invisíveis, indesejadas e perturbadoras. Passam a ser alocadas pelo discurso hegemônico nessa territorialidade, nas “zonas invisíveis e inabitáveis”, onde, conforme Butler (2003, p.20), estão os corpos que não “importam”.

As travestis transpassam as fronteiras da normalidade. Paradoxalmente, são nessas fronteiras também que seus corpos se tornam “materializáveis” e assim disciplináveis. A abjeção vivenciada por homens e mulheres trans deve-se ao fato de que “habitualmente punimos os que não desempenham corretamente o seu gênero”(BUTLER, 2003, p. 200). O cenário de abjeção e as punições sofridas por pessoas trans podem ser percebidas pelos altos índices de violências que acometem a esse grupo, como demonstraremos a seguir.

14. PESQUISA BIBLIOGRÁFICA 2 – VIOLÊNCIA E ABJEÇÃO: AGRESSÕES LIGADAS AO UNIVERSO TRANS

14.1 Dados sobre a violência sofrida pela comunidade LGBTT no Brasil

Os sujeitos transgêneros perpassam pela binaridade de gênero e são constantemente alvos de violência e preconceitos. A marginalidade está em todos os

setores, dos sociais e econômicos aos representativos. A abjeção descrita por Butler (2003) pode ser vista no contexto nacional, como situa Bento (2011, p.99) que descreve a particularidade social vivida por pessoas do universo trans, em que a diferença está na distribuição desigual de “acessos e visibilidades, portanto, no reconhecimento social conferido aos gêneros e às sexualidades inteligíveis. Outras pesquisas nos apresentam falas de travestis e transexuais que relatam a violência e exclusão a que são diariamente submetidas”.

A abjeção experienciada por esses sujeitos faz com que a visibilidade dos mesmos seja prejudicada. Deste modo, pesquisas oficiais sobre violência, não têm contemplado dados sobre transgêneros. Quando o recorte gênero é feito nos índices de violência, costuma ser direcionado as agressões sofridas por mulheres cisgêneras (mulheres com cromossomo XX), sendo esse um obstáculo para pesquisadores da temática trans em realizar levantamentos de dados sobre esses sujeitos tidos como abjetos.

Marginalizados pelo sistema, são desprezados em suas particularidades por não serem representados estatisticamente, sendo que o recorte é urgente, visto que a “violência e a punição são hierarquizadas. Não se pode afirmar que há a mesma proliferação de discursos para proteção de travesti, transexual, gays e lésbicas se comparada à mulher cromossomaticamente XX” (BENTO,2011, p.100). A falta de coleta de informações é a regra, assim como o ódio ligado as violências sofridas por homens e mulheres trans; sendo que matar uma travesti, transexual ou um *gay* feminino “não provoca a mesma ira ou a mesma indignação se comparada ao assassinato de uma mulher biológica, pois tal violência estaria mais identificada com um trabalho de assepsia da humanidade do que propriamente com a violência cruenta” (BENTO,2011, p.99).

É comum o equívoco de se considerar pessoas bissexuais, lésbicas e transexuais como gays, englobando-as nesse termo e homogeneizando as identidades como uma só. Vale lembrar que a orientação sexual é ligada ao desejo dos sujeitos (heterossexual, bissexual, gay e lésbica), sendo que a palavra “gays” remete a pessoas do sexo masculino e “lésbicas” são do sexo feminino em que ambos se sentem atraídos sexualmente aos indivíduos do mesmo sexo. Enquanto bissexuais, por sua vez, sentem desejos sexuais/se interessam por ambos os sexos. Alguns autores criticam essas divisões, como Seffner (2011, p.69), que explica seu posicionamento, com algumas ressalvas, declarando que

confesso que não me agrada muito a estratégia de “fatiar” a homofobia em transfobia, travestifobia, lesbofobia, bifobia etc. Reconheço os avanços em termos de visibilidade das diferenças que sofrem esses grupos em matéria de violência, mas sigo achando que o termo mais adequado é heterossexismo para estratégia de luta, com o qual atacamos a heterossexualidade como instituição, e o heterossexismo como conjunto de práticas sexuais e de gênero, que atingem todo o universo LGBT (embora de modos diferenciados, certamente), bem como atingem homens e mulheres heterossexuais em situações específicas.

Alguns avanços foram obtidos com a divisão dos tipos de violência sofridos pelos dissidentes dos papéis sexuais e de gênero, como no “sentido de que tudo seja objeto de legislação, em geral legislação específica para a população LGBT”. O autor acredita que seriam mais eficientes e possíveis outras medidas: “seria desejável que muitas coisas não fossem objeto do direito, da codificação da lei. Muitas situações poderiam ser resolvidas pelo acordo das partes, pela intervenção das redes de amigos”(SEFFNER, 2011, p.71). Como dito pelo autor, poderia haver ganho para ambas as partes, agressor e vítima, direitos poderiam ser garantidos afastando a possibilidade de legislação pelo diálogo, que visa no limite estabelecer um roteiro preestabelecido do que pode e do que não pode. Desse modo a legislação é vista como negativa, pois geraria codificações desnecessárias e que poderiam limitar erroneamente afetos entre as pessoas, enfraquecendo o senso de solidariedade e empatia. O autor salienta: “não quero necessitar do Estado para comprovar que gosto e vivo com alguém. Isso reduz muito as possibilidades de experimentação. Sigo afirmando que gostaria de ver a população LGBT como portadora de outro projeto de sociedade, de uma solução de vida crítica ao que já está estabelecido”. ”(SEFFNER, 2011, p. 73)

O censo de comunidade realmente poderia ser de grande valia para o combate a homofobia, mas, diante dos dados expostos do GGB³ e dos relatórios oficiais, percebe-se que é necessário que muitas coisas evoluam até chegarmos nesse estágio de trabalho coletivo. Mal temos dados, as informações são frágeis, o preconceito naturalizado. A

³ O **Grupo Gay da Bahia** é a mais antiga associação de defesa dos direitos humanos dos homossexuais no Brasil. Fundado em 1980 , registrou-se como sociedade civil sem fins lucrativos em 1983, sendo declarado de utilidade pública municipal em 1987. Em 1988 foi nomeado membro da Comissão Nacional de Aids do Ministério da Saúde do Brasil e desde 1995 faz parte do comitê da Comissão Internacional de Direitos Humanos de Gays e Lésbicas (IGLHRC) . Ocupa desde 1995 a Secretaria de Direitos Humanos da ABGLT, e desde 1998 a Secretaria de Saúde da mesma. O GGB é uma entidade guarda-chuva que oferece espaço para outras entidades da sociedade civil que trabalham em áreas similares especialmente no combate a homofobia e prevenção do HIV e aids entre a comunidade e a população geral. O Centro Baiano Anti-Aids (CBAA), Grupo Gay Negro da Bahia Quimbanda Dudu, Associação de Travestis de Salvador (ATRAS), entidades que estão relacionadas a entidade com base em seu estatuto social, independentes mas ligadas na luta da prevenção e combate ao preconceito. Dados disponíveis em: <http://www.ggb.org.br/ggb.html> Acesso em: 04 de jan. de 2016.

homofobia não é qualificação de crime violento, sendo referido como uma agressão qualquer, sem a relação com ódio ligado ao gênero e sexualidade. Acredita-se que o país poderia estar apto a apostar na consciência coletiva e relações harmônicas, mas, antes disto, é necessária uma legislação mais coerente e com órgão de fiscalização e punição aos agressores, que ainda mal são representados nas estatísticas. Além disso, seria preciso maior conhecimento sobre conceitos como expressão de gênero e identidade de gênero para amenizar a abjeção sofrida pela comunidade LGBTT.

A partir das reflexões oriundas dos estudos de gênero e teoria *queer*, uma série de estudiosos opta por problematizar o termo homofobia, indo contra a invisibilização das violências e discriminações cometidas contra lésbicas e transgêneros (travestis e transexuais). Nesse sentido, optam por nominá-las especificamente como lesbofobia (sobre as quais recaem também o machismo e o sexismo) e transfobia (sobre as quais recai o preconceito relativo ao inominável que não se encaixa em uma estrutura dual naturalizante e acachapante) (BRASIL, 2011, p.4).

Os tipos de violência sofrido por cada um dos grupos tem suas particularidades, mas há algo em comum; a exclusão e a marginalidade. Quanto mais destoante dos padrões da “heteronormatividade compulsória” (BUTLER, 2003) é a performance do sujeito, maior a possibilidade de aversão, ódio e violência, e nisso vários setores da vida dos mesmos são afetados, como no caso das “travestis, transexuais e gays femininos quando, ainda na infância, desenvolvem performances e gostos (por exemplo, os brinquedos) identificados como impróprios para seu gênero são sistematicamente perseguidos nos ambientes escolares”. Diante disso a escola que deveria ser um local de formação e convivência, é mais uma das formas de seleção dos “vencedores” e “perdedores”. Não é a toa que o “índice de travestis e transexuais analfabetas seja tão elevado. As mulheres que desenvolvem performances esperadas para seu corpo não serão expulsas da escola” (BENTO, 2011, p.101).

Assim como a escola não sabe como lidar com pessoas que destoam, outros locais também reproduzem essa lógica, como o mercado de trabalho formal. Desse modo, os dados sobre a alta recorrência da prostituição também devem ser analisados com cuidado, visto que a erotização de corpos exóticos e a falta de oportunidades em outros postos de trabalho fazem com que frequentemente essa profissão seja seguida por falta de opção. “Ainda que elas queiram arranjar um emprego com rotina, horário de trabalho e carteira assinada, o preconceito fica evidente quando elas se candidatam a uma vaga” (BENTO, 2008, p.81).

Nas palavras da autora (2008, p.10), a inserção no mercado formal é baixíssima por vários motivos, mas ela acredita que o Estado é o principal agressor de transexuais em virtude da ausência de políticas públicas e da ação violenta da polícia: “[...] se faltam diretrizes básicas para a proteção física das transexuais, pensar em inserção no mercado de trabalho é algo muito distante”. Locais públicos sendo negados a sujeitos do universo trans: desse modo a marginalidade e a abjeção está estampada nos espaços, sendo uma das consequências a violência e os índices de mortalidade. A expectativa de vida de pessoas trans brasileiras é de 35 anos, e 90% estão se prostituindo dentro ou fora do país. Tais informações foram disponibilizadas pela ANTRA⁴, em 2010, e foram coletadas por Canela e Cathermol (2006). A expectativa de vida brasileira, apurada no ano de 2013, é de 74,9 anos, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); desse modo, notamos o alto índice de violência e marginalidade sofridas por esses sujeitos.

Perceber os sujeitos do universo trans é essencial para captar as consequências da abjeção e marginalidade setorializada nesses grupos. O Relatório do GGB (Grupo Gay da Bahia) referente ao ano de 2012 apontou que 37% da população LGBT assassinada. Naquele ano foi composta de travestis e transexuais. Tal estatística aponta para a necessidade de um tratamento diferenciado da questão transexual dentro do movimento LGBT. Buscar subsumir o tema da transfobia ao tema da homofobia significa nada menos do que tentar anular um sujeito político com especificidades próprias, que sofre preconceito de maneira diferente.

No decorrer desta pesquisa realizamos diversas buscas por dados oficiais voltados a população trans brasileira, mas notamos que a maioria dos dados que foram compilados de modo institucional, a fim de relatar o perfil das vivências homoafetivas de modo mais completo, diz respeito aos relatórios de homofobia de 2011 e 2012, promovidos pela Secretária de Direitos Humanos; e o levantamento do Grupo Gay da Bahia (GGB) que buscou suprir essa carência juntando materiais midiáticos (matérias jornalísticas vinculadas em diversos meios; como internet, rádio e televisão) para mapear dados sobre a violência sofrida por pessoas LGBTT. O GGB disponibiliza em

⁴ Antra (Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil). Orgão de denúncia a manifestações de transfobia, seja no mercado de trabalho, espaços públicos, familiares e domésticos. Não é raro casos de movimentos feministas e LGBT que excluem as transexuais de suas pautas.

seu site relatórios de dados a partir de 2004. Este grupo faz levantamentos do cenário brasileiro desde 1963, utilizando o método hemerográfico⁵, como visto na Tabela 1.

Tabela 1: Mortalidade homossexual no Brasil (1963 a 2004).

Ano	Total
1963-69	30
1970-79	41
1980-89	503
1990-99	1.256
2000-2004	671
Total	2.501

Fontes: Grupo Gay da Bahia e Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis⁶.

Não encontramos pesquisas quantitativas e qualitativas específicas a comunidade trans, embora exista a Articulação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), que realiza o papel de relações públicas na busca por direitos, representando especificamente o universo trans no movimento Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais (LGBTT), além de organizar entidades que se afiliam à proposta inclusiva e cidadã – todas devem ser exclusivamente organizadas por travestis ou mistas (que tenham alguma pessoa trans em sua organização). Poucos dados sobre o perfil de pessoas trans foram compartilhados pela ANTRA em suas comunicações oficiais, visto que sua função principal é a de agente de mobilização (MOTT, 2006). Convém salientar que não há site oficial ativo, pesquisas ou livros lançados por essa instituição no presente momento. Bento (2011, p.101), ressalta o quanto é imprescindível dados sobre este grupo, já que “se os gays que performam o feminino estão e são mais susceptíveis de agressão, se comparados aos gays masculino, entre as travestis e transexuais essa violência assume tons ainda mais dramáticos”.

⁵ A metodologia da hemerografia consiste em obter informações de vários meios de comunicação nacionais (revistas, jornais, noticiários televisivos, rádio) para registrar os casos de homicídio, violência verbal e física em identidades LGBT. O site do grupo (<<http://www.ggb.org.br/>>) recebe auxílio de colaboradores voluntários de todo o Brasil. Os dados hemerográficos são úteis como parâmetro sobre a incidência de desvios relacionada aos números de ocorrência de homofobia em meios informais e os dados oficiais das denúncias proferidas em órgãos públicos.

⁶ Disponível em: <<https://www.ggb.org.br>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

Em sua pesquisa, Da Silva (2011) coletou relatos orais com mulheres travestis de Londrina/PR, em 2005, e obteve informações úteis sobre as dificuldades desse grupo social em se inserir no mercado de trabalho formal. “As entrevistadas reforçam o argumento de que não conseguem emprego porque já existe um preconceito na sociedade que poderia levar o empregador a perder clientes” (*Ibidem*, p. 4).

De acordo com as 100 entrevistadas, notou-se que muitas profissões desejadas pelas travestis (médica, professora, enfermeira) passavam pela formação universitária, sendo que apenas cinco delas possuíam graduação. Esse cenário é comum no meio trans, dado que os espaços públicos não acolhem suas especificidades, seja no modo em que estão distribuídos os banheiros, no desrespeito ao nome social e nas agressões verbais e físicas que estão propensas pela homofobia. A falta de acolhimento reflete na baixa escolaridade, no descuido com a saúde e na vida prostituída, em que a única opção restante, muitas vezes, é a rua.

Entre os efeitos do preconceito está a marginalização destas pessoas, como também podemos perceber ao analisar o mercado de trabalho para as pessoas trans. Quando a sociedade rejeita determinados grupos de pessoas, duas situações podem ocorrer: ou essas pessoas são marginalizadas ou mantidas em guetos. Dentro deste contexto, a prostituição pode ser vista como consequência do preconceito, violência e marginalização destas pessoas (DA SILVA, 2011, p.6).

A problemática do desemprego trans possui alguns agravantes sociais, sendo um equívoco tentar igualar seus obstáculos com outras identidades LGBTT, a exemplo dos gays, como saliente Da Silva (2011, p. 5):

[...] as travestis não gozam dos direitos adquiridos pelos outros sujeitos homossexuais em função da especificidade de seus corpos considerados artificiais. Por conta disso, algumas militantes do movimento trans defendem, para além da homofobia, uma política contra a transfobia.

De fato, a falta de dados institucionais faz com que registros orais possam servir como material riquíssimo para traçar perfis de homofobia sofridos pelas pessoas trans. Juridicamente utiliza-se o termo “homofobia” para se referir ao medo, à aversão, à violência e à discriminação contra a homossexualidade ou os homossexuais, bem como ao ódio, à hostilidade ou à reprovação desse grupo social (BRASIL, 2011). Diversos autores que pesquisam gênero e sexualidades problematizam o uso da palavra

“homofobia” para englobar a violência a todas as identidades de gênero, porém é possível compreender o motivo de tal expressão ter sido utilizada para esse fim.

A primeira denominação de violência contra qualquer sujeito que desvie da binaridade dos papéis sexuais de gênero é a homofobia, termo criado pelo norte-americano George Winberg, psicólogo no início da década de 1970. Essa expressão surgiu para designar a aversão (ou o temor) de estar no mesmo lugar (ou em contato próximo) com homossexuais, bem como no caso em que os próprios homossexuais criminalizam sua identidade e a dos outros que nela se encontram, sendo claramente uma espécie de autoaversão (BRASIL, 2011).

Em conformidade com Winberg, há autores contemporâneos como Borillo (2009), que destacam a homofobia como fenômeno social advindo do sexismo, marginalizando e hostilizando comportamentos desviantes dos papéis sociossexuais estabelecidos e guardando íntima relação com violência de gênero. Esse autor também vê a homofobia como o conjunto de ações hostis à diversidade sexual, que carregam consigo a exclusão de um outro considerado inferior ou anormal por seus desejos e manifestações de sexualidade.

Nessa perspectiva, os estudos de Prado e Junqueira (2011) apontam que o termo homofobia se desenvolveu de modo a perder seu caráter meramente psicologizante. Ele passou a ser utilizado para descrever preconceitos, discriminações e demais violências cometidas contra a comunidade LGBTT por causa de sua orientação sexual e/ou identidade de gênero, demonstrando ser a palavra ideal para contemplar a violência para com todas as sexualidades (BRASIL, 2011).

A presente pesquisa utiliza o conceito de homofobia em consonância com a noção jurídica de violência, baseando-se nos relatórios produzidos pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República dos anos de 2011 e 2012. Tal expressão diz respeito ao preconceito ou “[...] discriminação (e demais violências daí decorrentes) contra pessoas em função de sua orientação sexual e/ou identidade de gênero presumidas. Neste conceito [...] estão incluídas a lesbofobia, a homofobia, a transfobia e a bifobia (ou seja, a LGBTfobia em geral)” (BRASIL, 2011).

Historicamente, a violência sofrida pelas identidades de gênero desviantes não foi registrada de modo sistemático por órgãos governamentais e entidades particulares. Com isso, pesquisadores que optam por analisar inclusão, preconceito e agressões verbais e físicas se deparam com o obstáculo de haver poucos relatórios sobre violência na comunidade LGBTT. Os sujeitos desviantes do padrão heteronormativo, quando

registravam boletim de ocorrência na polícia ou agressões físicas em hospitais e ambulatórios, não tinham a opção de declarar o fator que gerava frequentemente a agressão: a homofobia. Todavia, essa condição começou a mudar no ano de 2015.

A problemática da falta de dados governamentais sobre a população LGBTTT fez com que fosse aprovada a alteração no cadastro de pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS) e no registro de agressões em órgãos policiais em janeiro de 2015, coletando informações quanto à orientação sexual e à identidade de gênero. Após essa resolução governamental, o paciente, ao ser cadastrado no Sistema Único de Saúde, deve informar gênero e sexualidade.

Dois campos foram acrescentados: o primeiro é o de orientação sexual, onde o profissional da saúde poderá registrar se o paciente agredido é heterossexual, homossexual ou bissexual. A segunda informação a ser recolhida é relativa à identidade de gênero e traz as opções de travesti, mulher transexual, homem transexual (DANTAS, 2015, [s.p.]).

O intuito do SUS, ao propor o recebimento de tais informações, é possibilitar que o Ministério da Saúde, a Secretaria-Geral da Presidência da República e a Secretaria de Direitos Humanos possam ter acesso a dados de agressões voltadas ao público LGBTTT. Considera-se, pois, que o preconceito ligado ao gênero e à orientação sexual marginalizam e excluem, e por isso são fatores de violência (DANTAS, 2015).

A iniciativa de órgãos públicos de captar as demandas específicas da comunidade LGBTTT é louvável, visto que, por não havê-los, não se tinha o embasamento para promover a criminalização do preconceito de gênero. Algumas medidas vêm sendo tomadas com o intuito de proteger esses sujeitos:

Outra ação anunciada foi a criação de uma comissão interministerial para monitorar o número de ocorrências, além de acompanhar inquéritos e ações judiciais em casos de homofobia. As medidas vêm após cerca de duas semanas após o arquivamento do projeto de lei no Senado que criminaliza esse tipo de violência (DANTAS, 2015).

Embora a triagem do SUS tenha começado a contemplar recentemente a temática “gênero e sexualidade”, já haviam sido realizadas algumas pesquisas do Governo Federal. A pioneira foi feita pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República em 2011, intitulada *Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil: o ano de 2011*, e, no ano posterior, o mesmo órgão disponibilizou seu segundo relatório, a fim de estabelecer um comparativo entre a violência causada pela homofobia

em 2011 e no ano subsequente, sob o nome *Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: ano de 2012*. A preocupação em produzir relatórios nacionais sobre homofobia foi tardia, mas ainda assim foi a pioneira da América Latina (BRASIL, 2011).

A ausência de informações enfraquece a quantificação e visibilização da realidade de violações de direitos humanos vivida pela população LGBTT. Os próprios relatórios governamentais citam, ao longo de sua discussão metodológica de coleta de dados, que os levantamentos realizados são frágeis por não contemplarem todos os sujeitos que sofreram homofobia, mas somente estatísticas produzidas a partir de denúncias ao poder público, referentes a violações de direitos humanos cometidas contra a população LGBTT em todo o território brasileiro. Sendo assim, os sujeitos que foram violentados, mas não registraram ocorrência em organizações formais, como a polícia e os hospitais, não participaram de nosso estudo.

Diante disso, a situação de marginalidade vivida e o preconceito fazem com que a comunidade LGBTT não se sinta acolhida por instituições e espaços públicos, e, por isso, não se motive a denunciar formalmente as agressões. Desse modo, os dados das pesquisas utilizados na presente investigação científica representam parcialmente a violência sofrida por tais indivíduos.

A violação de direitos humanos relacionada à orientação sexual e identidade de gênero presumidas das vítimas constitui um padrão em todo o mundo, envolvendo variadas espécies de abusos e discriminações. Tais violações incluem desde a negação de oportunidades de emprego e educação, discriminações relacionadas ao gozo de ampla gama de direitos humanos até estupros, agressões sexuais, tortura e homicídios, e tendem a ser agravadas por outras formas de violência, ódio e exclusão, baseadas em aspectos como idade, religião, raça/cor, deficiência e situação socioeconômica (BRASIL, 2011, p. 5).

Os preconceitos devem ser desnaturalizados e questionados, para compreendermos os papéis que as discriminações desempenham na estrutura social. Conforme Prado e Machado (2008), os prejulgamentos são mecanismos que agem pela manutenção da hierarquização entre os grupos sociais e, dessa forma, acabam por legitimar a inferiorização de certos grupos e supervalorização de outros ao longo da história, consolidando e justificando o uso da violência e ódio de uns sobre outros.

Nesse sentido, o modo com que enxergamos nossa realidade e convivência com os outros se delimita ao nosso olhar e assimilação de conceitos. Como salientam Prado e Machado (2008, p. 67), “[...] há um elemento paradoxal no preconceito; ele nos impede

de ‘ver’ que ‘não vemos’ e ‘o que é que não vemos’, ou seja, ele oculta razões que justificam determinadas formas de inferiorização históricas, naturalizadas por seus mecanismos”.

As pré-noções que assimilamos nos impedem de identificar os limites de nossa própria percepção da realidade; por conseguinte, é preciso haver intermediadores para interferir em agressões e marginalidades causadas pelo nosso olhar “cego”. A necessidade de punições legais cabíveis à violência motivada pela homofobia, por exemplo, pode ser justificada na coleta de dados oficiais sobre essa ação discriminatória no Brasil, observando o perfil dos agressores e das vítimas, assim como os índices de incidência por região. Sobre essa necessidade, o relatório de 2011 salienta:

A fase inicial de planejamento do relatório relaciona-se profundamente com as demandas da sociedade civil por números que retratassem, de maneira oficial, as violências sofridas pela população LGBTT no Brasil e, por outro, a necessidade de conhecimentos sistemáticos sobre a realidade para a própria formulação de políticas públicas para a população LGBTT por parte das áreas técnicas do governo (BRASIL, 2011, p.6).

Assim sendo, a violência gerada pela homofobia não afeta somente membros LGBTT, mas também as pessoas que podem ter gestualidades, trejeitos ou *hobbies* ligados socialmente (performance) a um sexo diferente de seu biológico. Como meninos que sofrem retaliação dos colegas por gostarem de bonecas, ou meninas que apreciam *skate* ou carrinho de controle remoto. Em ambas as situações comumente há brincadeiras jocosas sobre a sexualidade desses sujeitos ou questionamentos dos pais e familiares. Prado e Machado (2008) percebem que a criação desses padrões serve para preservar a ordem de algumas hierarquias e papéis sociais, construindo uma naturalidade nas ações humanas, além de discriminar e inferiorizar indivíduos destoantes, sem transparecer mecanismos de injustiça e mantendo o conservadorismo por meio de uma opressão invisibilizada que propulsiona a “heteronormatividade compulsória” (BUTLER, 2003).

Desse modo, a agressão homofóbica nos cerca em todas as fases da vida, faz com que vivamos em constante vigília, julgando os sujeitos cuja orientação e/ou identidade de gênero presumidas não se conformam à heteronormatividade. Ou seja, são também recorrentes episódios contra indivíduos que, apesar de se autoidentificarem como heterossexuais e/ou cisgêneros, têm características atribuídas a eles que fazem

com que os perpetradores das violências os classifiquem como LGBTTs. Segundo Schilling (2009, p. 12):

Outro crime recorrente é o de grupos que atacam pessoas porque “pareciam ser homossexuais”. Esse é outro exemplo de como ainda é precária a compreensão de que todos fazem parte de uma mesma humanidade e, portanto, todos têm direitos. No caso, supõe-se que alguém com uma orientação sexual diferente não teria direito à vida.

A percepção de julgamento de pessoas com traços homossexuais como inferiores é uma prática recorrente ao longo da história. Prado e Machado (2008) atentaram para a dinâmica de construção de preconceitos, valorizando a importância de percebermos que os processos de inferiorização não apenas retiram direitos sociais, mas categorizam grupos subalternos a partir de conceitos e significações. Assim, são atribuídas características naturais a eles, e não históricas, as quais condicionam esses grupos como portadores de determinados elementos impeditivos de pertença ao projeto hegemônico de sociedade que se busca instituir, impossibilitando que a subordinação seja notada como lócus da opressão. O *Relatório sobre Homofobia de 2011* demonstra claramente essa situação estruturante do preconceito em território brasileiro, declarando ser impossível a vivência homoafetiva sem o peso do estigma de serem destoantes e, por isso, indesejados:

A homofobia estruturante da sociedade brasileira vítima não apenas a população LGBTT – cujas possibilidades de existência em sociedade são mediadas pelo estigma que carregam (tais limitações são especialmente visíveis quando se trata de travestis e transexuais) –, mas qualquer indivíduo cuja identidade de gênero ou orientação sexual seja percebida como diferente da heterossexual ou cisgênero (BRASIL, 2011, p.7).

Em suas três esferas (legislativa, executiva e judiciária), o Estado é obrigado constitucionalmente a “[...] assegurar, prevenir, proteger, reparar e promover políticas públicas que busquem sempre a afirmação dos Direitos Humanos para toda a sociedade” (BRASIL, 2011, p. 8). A democracia tem como base de ação a prevalência de ações e iniciativas coercitivas a todas as modalidades de preconceito, discriminação, intolerância ou violência motivadas por aspectos de origem, raça, sexo, cor, idade, crença religiosa, condição social ou orientação sexual.

O primeiro registro institucional brasileiro sobre famílias que fugiam do modelo tradicional heteronormativo foi feito no Censo do IBGE, em 2010, que registrou as variáveis referentes à coabitação de parceiros do mesmo sexo, em que foram

visibilizados 60.002 brasileiros e brasileiras nessa situação. No questionário do Censo, não se propunham perguntas referentes à identidade de gênero ou à orientação sexual (BRASIL, 2012); devido a essa falta de informações específicas acerca do perfil dos sujeitos LGBTT, nesta pesquisa não encontramos dados referentes as vivências desses indivíduos, que não sejam ligadas à saúde ou à violência, sendo que os dados da área da saúde guiam-se por informações ligadas a portadores do vírus HIV ou a grupos de risco – a violência e os exames de corpo de delito, que não se propõem a problematizar esse tipo de tema.

Nesse contexto, a falta de conscientização da sociedade para notar a violência de ódio ligada ao gênero faz com que a incidência seja crescente e, ainda assim, pouco denunciada. Conforme Mott (2006, p. 513), a comunidade LGBTT, por conviver com a violência velada, muitas vezes reage com violência, isolamento, autoaversão e suicídio: “Na verdade, estão devolvendo à sociedade toda a carga de violência que recebem ao longo de suas vidas”. Para quebrar esse ciclo é necessário mais informação sobre as circunstâncias vividas pelo universo trans, para que a marginalidade possa ser desnaturalizada e amenizada.

14.2 Comparando dados: vulnerabilidade LGBTT e violência

A violência que pode ser quantificada em registros, como tabelas e gráficos, sofre problemas de subjetividade dos olhares de quem levanta e apura os dados. No relatório de crimes homofóbicos, algumas denúncias deixaram de ser feitas por não serem consideradas de cunho truculento, como a agressão verbal e psicológica, que não é tão facilmente notada como a agressão física, e que pode ter efeitos devastadores na vida dos sujeitos LGBTT (MOTT, 2006). A tabela 1 retrata os dados de agressões homofóbicas de 2011 e 2012, de modo comparativo.

Tabela 2. Demonstração do perfil da violência homofóbica no Brasil.

	2011	2012	% de aumento
Denúncias	1.159	3.084	166,09%
Violações	6.809	9.982	46,6%
Vítimas	1.713	4.851	183,19%
Suspeitos	2.275	4.784	110,29%
Média violação/vítima	3,97	3,23	

Fonte: Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: ano de 2012. Disponível em <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-2012-1>

Acesso em: 04 de jan de 2016

Conforme os dados acima expostos, é possível realizar comparativos e analisar o crescimento da violência, sobretudo no que tange a denúncias, vítimas e suspeitos. A única informação que teve diminuição na incidência foi a proporção média de crueldade sofrida por vítima; por meio dela, pode-se perceber que, como o índice geral de violência subiu e a média de violações por vítimas decaiu, mais casos de vítimas foram registrados no relatório de 2012. Podemos questionar se os dados também podem ter se elevado por haver uma mobilização maior de realizar o segundo relatório: como mais pessoas conheceram a proposta do primeiro documento, elas se utilizaram de denúncias para tais registros, com vistas a demonstrar a situação realmente frágil desses sujeitos.

O crescimento na frequência de informações que registram situações consonantes à homofobia foi essencial para comparar os casos de violência LGBTTT nos estados brasileiros – todos eles, incluindo o Distrito Federal, apresentaram aumento significativo no registro de agressões, e os únicos que não expuseram esse dado comprovado são os que não tiveram registros no primeiro ano da pesquisa. O notório crescimento de tais casos demonstra a necessidade de se criar uma lei que criminalize a homofobia.

Tabela 3. Comparativo 2011/2012, em número de denúncias por Estado

UF	2011	2012	% de aumento
AC	2	11	450,00%
AL	17	65	282,35%
AM	13	57	338,46%
AP	0	6	NA
BA	94	201	113,83%
CE	63	143	126,98%
DF	45	239	431,11%
ES	24	74	208,33%
GO	26	111	326,92%
MA	67	105	56,72%
MG	98	255	160,20%
MS	13	46	253,85%
MT	7	123	1657,14%
PA	36	101	180,56%
PB	28	94	235,71%
PE	52	115	121,15%
PI	107	68	-36,45%
PR	68	182	167,65%
RJ	81	271	234,57%
RN	22	73	231,82%
RO	2	13	550,00%
RR	0	7	NA
RS	58	202	248,28%
SC	25	58	132,00%
SE	7	31	342,86%
SP	197	409	107,61%
TO	7	17	142,86%
TOTAL	1159	3084	166,09%

Fonte: Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: ano de 2012. Disponível em <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-2012-1>

Acesso em: 04 de jan de 2016

De fato, o número de incidências de truculência é alarmante, como se observa na Tabela 2. Também é necessário compreender o perfil das vítimas, para perceber como a cultura do medo garante a hegemonia de um grupo sobre a submissão de outro (PRADO; MACHADO, 2008), além de se verificar quem são os sujeitos que estão expostos à sofrerem de intimidações, e, por consequência, correm mais riscos.

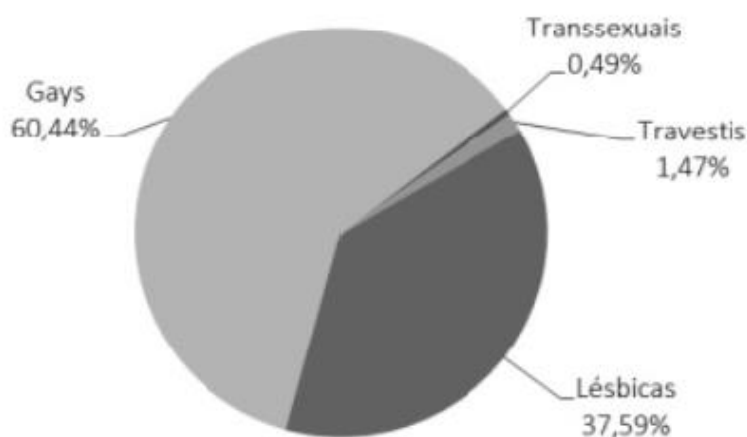
O Relatório de Violência Homofóbica de 2012 reconhece que muitas vezes os dados institucionais são falhos, posto que algumas vítimas têm medo, vergonha ou são impedidas de denunciar. Então, para sanar a fragilidade dessa falta de informações institucionais sistematizadas, o relatório possui uma parte específica para dados

hemerográficos⁷, que são confrontados com os dados oficiais das denúncias em órgãos públicos. O levantamento de informações utilizando a mídia possibilita uma adesão de membros ao grupo de coleta e à causa, possibilitando outra visão do que foi obtido.

Nesses termos, o perfil da identidade de gênero mais comum nas denúncias de violência que oficializam os documentos públicos concerne aos gays (60,44%, ou seja, a maioria), enquanto os grupos identitários de transexuais (0,49%) e de travestis (1,47%) são os que apresentam uma quantidade menos representativa, conforme o Gráfico 1:

Gráfico 1: Identidade de gênero das vítimas nos documentos oficiais (denúncias formais).

Identidade vítimas



Fonte: Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: ano de 2012. Disponível em <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-2012-1>

Acesso em: 04 de jan. de 2016

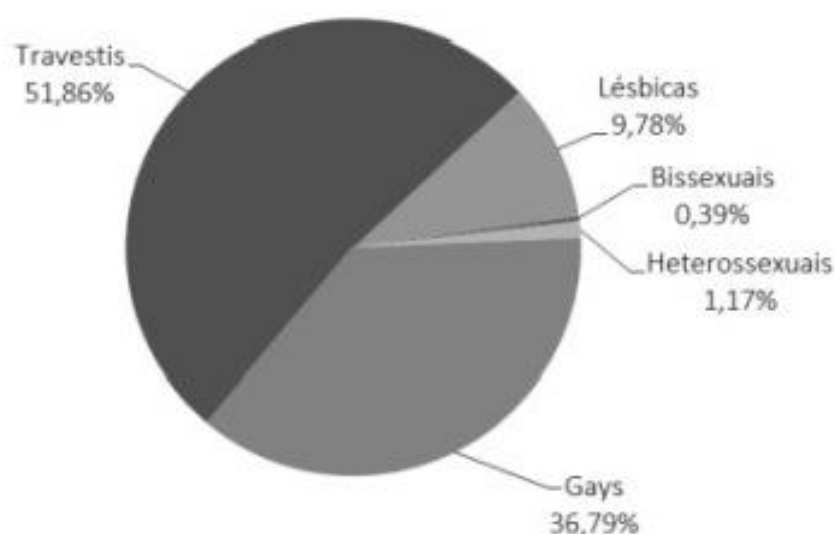
Ao analisar os dados da pesquisa hemerográfica, nota-se claramente uma alteração nos perfis das identidades de gênero das vítimas, sendo que travestis constituem a maioria do alvo das agressões registradas nas mídias, com mais da metade das incidências (51,86%). A disparidade entre os dados é alarmante, uma vez que ambas as coletas da pesquisa para a construção do relatório foram realizadas no mesmo período, de 1º de janeiro de 2012 a 31 de dezembro de 2012, preocupando-se em fazer o recorte de dados anualmente com precisão (BRASIL, 2012).

⁷ Recurso utilizado para coleta de dados de grupos LGBTT, com vistas a reivindicar a necessidade da atenção governamental para a violência homofóbica. O Grupo Gay da Bahia (GGB) foi o pioneiro a realizar esse tipo de levantamento de dados, para demonstrar o numeroso grau de incidência da homofobia.

No Gráfico 2 é possível verificar claramente que o menor índice de violência se refere aos bissexuais, com 0,39%, classificação identitária que não havia no Gráfico 1. Podemos notar que a grande diferença entre os Gráficos 1 e 2 é que, na primeira, as denúncias alegam que a vítima é gay, talvez por falta de conhecimento dos termos, pois muitas pessoas trans são reconhecidas como gays por vergonha, omissão, desconhecimento ou negação da identidade da vítima de preconceito.

Gráfico 2. Identidade de gênero das vítimas (coleta homeográfica).

Identidade vítimas



Fonte: Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: ano de 2012. Disponível em <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-2012-1>

Acesso em: 04 de jan. de 2016

A discrepância entre os dados fornecidos nas denúncias que alimentam os dados oficiais e os coletados pelo método hemerográfico pode ter diversos significados, como a falta de conhecimento da pessoa que denunciou sobre o fato, a omissão nos casos ligados a pessoas trans, ou, ainda, que na mídia os registros de violência de pessoas trans possuem maior repercussão. Em ambos os gráficos, é possível notar a alta incidência dos registros, sendo que a homofobia é um traço de violência que demarca territórios, identidades e expectativa de vida.

Diante disso, as pesquisas levantadas por Mott (2006, p. 514) mapeiam as identidades LGBTT no Brasil e demonstram como os índices de violência são mais

incisivos em pessoas trans, visto que, conforme os levantamentos, as proporções de cada identidade de gênero devem ser consideradas: “[...] sempre é bom lembrar que, proporcionalmente, as travestis e transexuais são muito mais vitimizadas do que as lésbicas e gays, pois a população de transgêneros brasileiros oscila entre 10 mil e 20 mil indivíduos, enquanto os gays devem ultrapassar 18 milhões”.

As mortes causadas por violência em sujeitos LGBTTT são equivocadamente consideradas crimes comuns. Há especificidades nas agressões, e o ódio é um traço comum preponderante, como elucida Mott (2006, p. 515):

Convém insistir num ponto: não se trata esses assassinatos de crimes comuns, fruto de assalto ou bala perdida, nem de “crimes passionais” como as páginas policiais noticiam. São crimes de ódio, em que a condição homossexual da vítima foi determinante no *modus operandi* do agressor. Portanto, “crime homofóbico”, motivado pela ideologia preconceituosa dominante em nossa sociedade machista, que vê e trata o homossexual como presa frágil, efeminado, medroso, incapaz de reagir ou contar com o apoio social quando agredido.

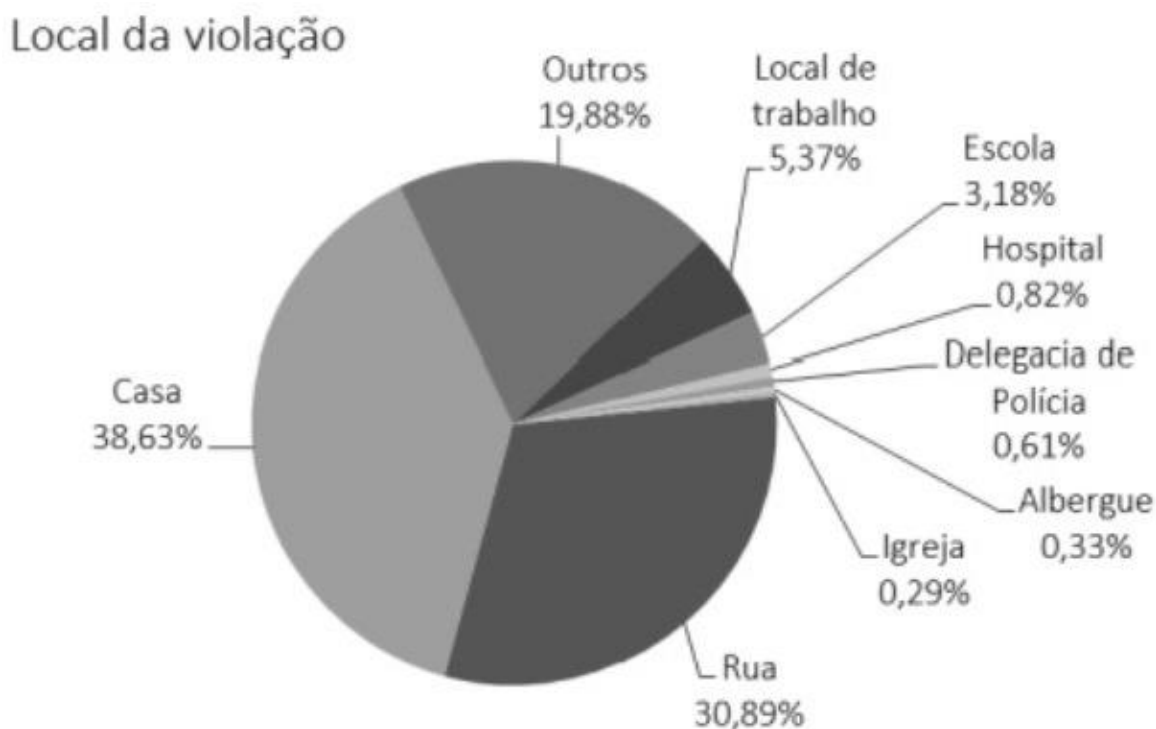
Deve-se notar a invisibilidade das particularidades de cada grupo LGBTTT, mas com o cuidado de não querer enquadrar cada indivíduo vivente das transgressões de gênero em padrões rígidos, visto que as experiências de desejo e sexualidade são fluídas; porquanto, é preciso perceber a importância de enquadrar os tipos de homofobia na convivência com o outro, que busca padrões e, ao notar desvios, reage com rejeição e violência.

A falta de informação da comunidade pode ter colaborado com os desvios entre os dados hemerográficos e as informações oficiais por denúncias, visto que as pessoas que se relacionam sexualmente com outras do mesmo sexo são comumente nomeadas como gays, como pode ser visto no Gráfico 2. Nela, a maioria dos denunciante declara que os gays são os alvos de agressão, enquanto no Gráfico 3, referente à mídia, claramente os principais alvos de agressão são os transexuais.

Prostituição e travestilidade são assuntos “tabus”, o que pode ser um dos motivos de os documentos oficiais não contemplarem informações que podem afirmar tais vivências, como o fato de não existir, nesses documentos, denúncias de locais como “bares e casas noturnas”, “terreno baldio” e “motel”, como pode ser visto no Gráfico 4, em que “casa” é o local onde há maior incidência das violações, com 38,63%, e o índice de locais não especificados é de 19,88%, classificados como “outros”. Ainda no Gráfico 4, referente aos dados hemerográficos, o principal local de violações é na “Rua” com

35,67%, e o índice de locais “Não informados” é de 27,10%. O alto índice de imprecisão nos dados é um fato recorrente em ambos os gráficos, seja nos dados oficiais ou nas informações coletadas pelo acervo midiático.

Gráfico 3. Incidência de violência conforme a localidade (dados oficiais de denúncias).



Fonte: Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: ano de 2012. Disponível em <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-2012-1> Acesso em: 04 de jan de 2016

Gráfico 4. Incidência de violência por localidade, conforme a coleta hemerográfica.



Fonte: Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: ano de 2012. Disponível em <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-2012-1> Acesso em: 04 de jan. de 2016

As particularidades das agressões devem ser analisadas com cuidado, visto que perceber o ódio envolvido na relação entre agressor e vítima poderia auxiliar o direito criminal a enquadrar as práticas homofóbicas a um tipo específico de violência. Como pondera Mott (2006, p. 510):

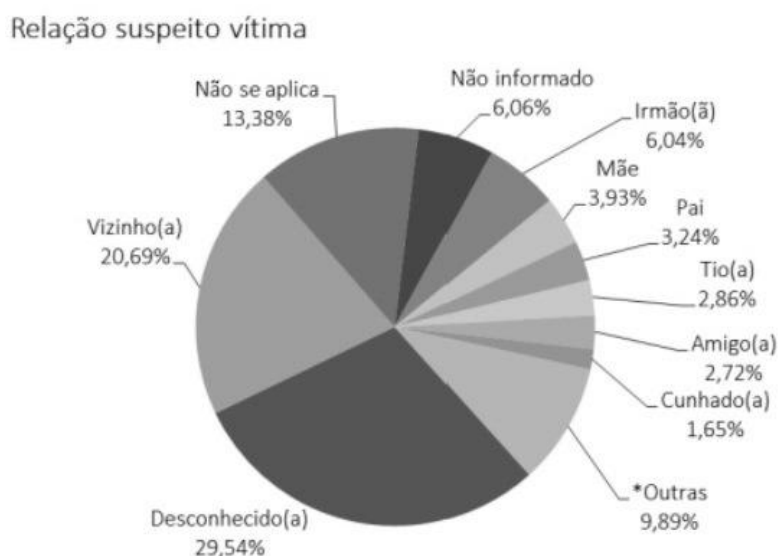
[...] tais crimes são caracterizados por altas doses de manifestação de ódio: muitos golpes, utilização de vários instrumentos mortíferos, tortura prévia. As motivações costumam a ser sociais, tanto por sua acuidade, quanto pela permanente invisibilização da população trans, mostra-se necessária sua utilização, de maneira transitória, para possibilitar análises sociodemográficas e estatísticas com estudos de vitimização já realizados com outras parcelas da população.

A caracterização do tipo de relação entre agressor e vítima é necessária para mapear os tipos de convivência mais perigosos. Conforme os Gráficos 5 e 6, a discrepância entre os dados oficiais e homeográficos pode ser claramente interpretada da seguinte forma: as informações disponibilizadas pelas denúncias estão mais ligadas a pessoas próximas, seja em grau de parentesco (irmão, pai, mãe, tio, cunhado), localidade (vizinho) ou convivência (amigo); de todas essas classificações, a que mais agride é a de vizinhos, com 20,69%. Em contrapartida, as relações com a vítima nos dados hemerográficos se classificam em íntimas ou profissionais (clientes, amantes,

inquilinos), sendo os amantes os principais agressores, com 7,74%, seguidos de clientes, com 4,84%. O índice de relações por parentesco (familiares) aparece com menor incidência (1,29%).

O expressivo índice de informações imprecisas permanece, sendo que, no Gráfico 5, há três classificações incertas quanto ao tipo de relações: “não informado” (6,06%), “desconhecido” (29,54%) e “não se aplica” (13,38%) – somadas, elas representam a maioria (48,98%). O Gráfico 6 expressa claramente que a falta de informações precisas diz respeito à maior parte na classificação das relações entre vítima e agressor, com 81,61%.

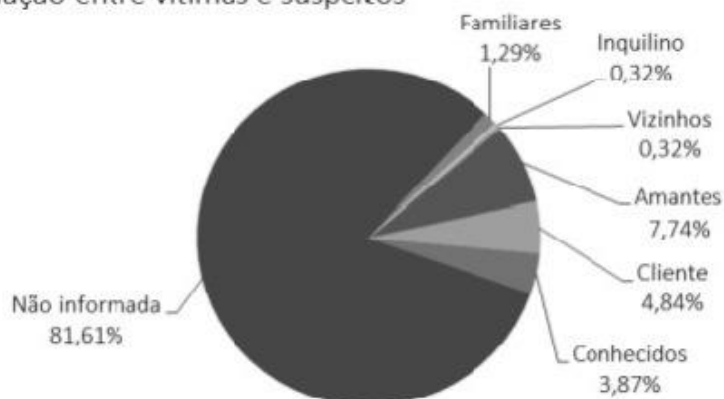
Gráfico 5. Tipo de relação entre suspeito e vítima, conforme dados oficiais.



Fonte: Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: ano de 2012. Disponível em <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-2012-1> Acesso em: 04 de jan. de 2016

Gráfico 6. Tipo de relação do agressor com a vítima, conforme dados oficiais.

Relação entre vítimas e suspeitos



Fonte: Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: ano de 2012. Disponível em <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-2012-1> Acesso em: 04 de jan. de 2016

Outros pesquisadores chegam a resultados semelhantes aos retratados nos gráficos selecionadas, a partir de outras coletas e estudos, como Canela e Cathermol (2006), que utilizaram dados obtidos na Parada Gay do Rio de Janeiro de 2009. De acordo com os participantes desse movimento, há:

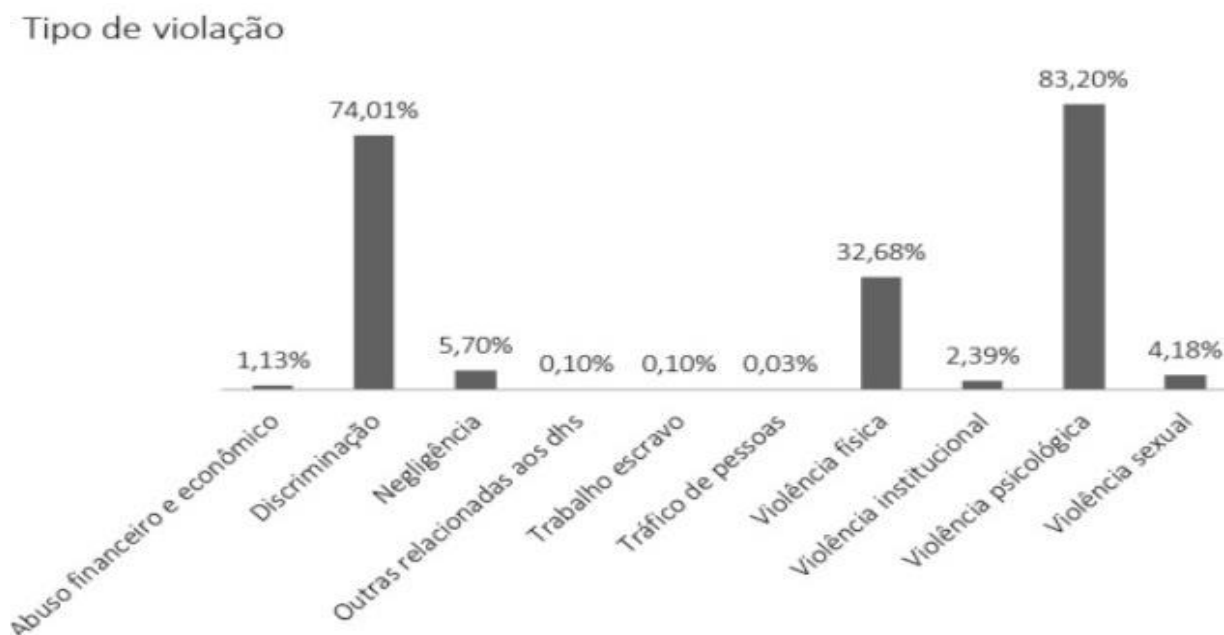
[...] homossexuais que são acometidos por violência e discriminação, por parte de pessoas do seu convívio direto, como também por parte de estranhos, por vezes organizados em grupos para infligir sofrimento e morte a pessoas que jamais viram (CANELA; CATHERMOL, 2006, p. 2).

Sendo assim, a recorrência de familiares e vizinhos, assim como de pessoas aleatórias desconhecidas como agressores, é comum em diversas pesquisas. As pesquisadoras supracitadas discutem sobre o motivo das agressões: ligadas ao “[...] simples fato de as vítimas possuírem e/ou ostentarem uma orientação sexual diversa do padrão societário, tornam-se ‘merecedoras’ dessa violência discriminatória gratuita” (CANELA; CATHERMOL, 2006, p. 3).

O tipo de violência sofrida também é destoante entre os dados oficiais e os midiáticos, sendo que, conforme o Gráfico 7, as agressões não tangíveis são as mais recorrentes, como a discriminação, com 74,01%, e a violência psicológica, com 83,02% – a terceira mais comum é a violência física, com 32,68%. Enquanto isso, no Gráfico 8, as informações do acervo midiático demonstram que a violência física é a mais comum, com 74,56%, seguida por discriminação, com 8,02%, e violência psicológica, com 7,63%. A diferença entre os dados pode ser interpretada devido à diferença do tipo de

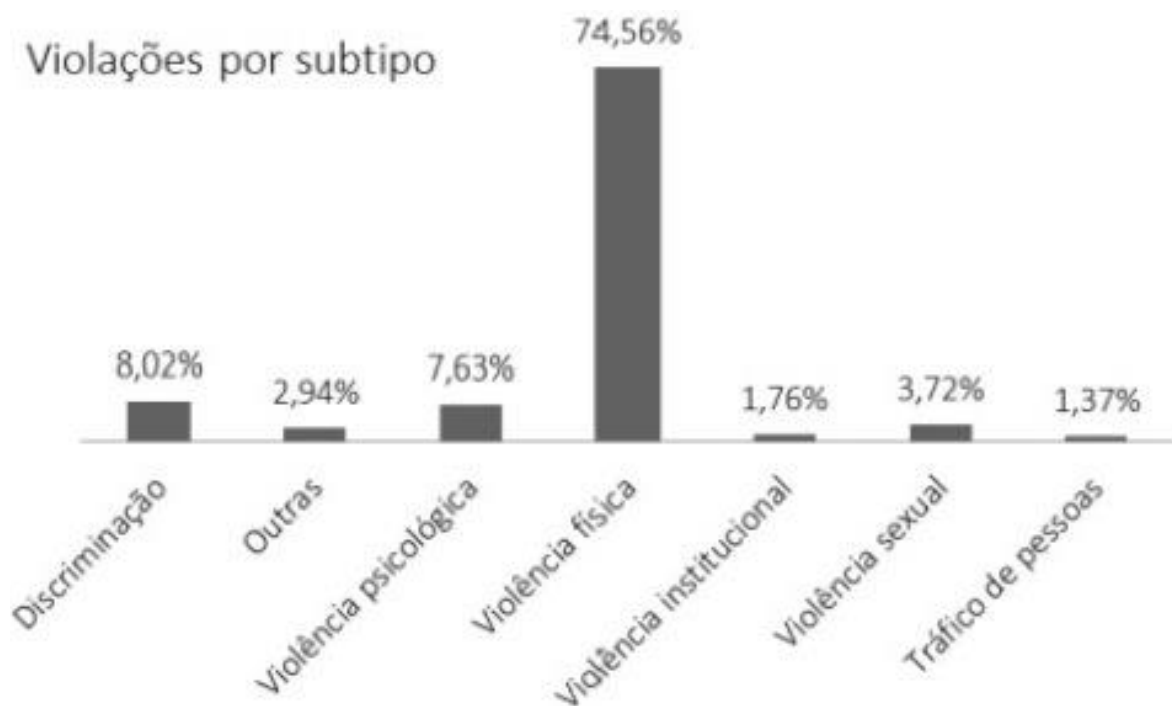
perspectiva de quem denuncia com quem informa utilizando a mídia: o denunciante tem maior possibilidade de notar o que não é materializado em hematomas, ao passo que, nas mídias, as agressões psicológicas e discriminatórias não são tão acessíveis quanto a violência física, pois há descrição de um terceiro elemento (jornalista, escritor, redator etc.) acerca da agressão ocorrida.

Gráfico 7: Tipo de violação por denúncias.



Fonte: Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: ano de 2012. Disponível em <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-2012-1> Acesso em: 04 de jan. de 2016

Gráfico 8: Tipo de violação por dados hemerográficos.



Fonte: Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: ano de 2012. Disponível em <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-2012-1>

Acesso em: 04 de jan. de 2016

Os gráficos disponibilizados nos relatórios oficiais da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, nos dois tipos de coleta contemplados – oficial, por denúncias em órgãos públicos e coleta de dados midiáticos, nomeada como hemerografia – demonstram que a violência contra grupos desviantes das normas-padrões de gênero é recorrente. A falta de dados precisos colabora para que o mapeamento não seja efetivamente realizado e, com isso, auxilia na falta de informações para criminalizar a homofobia no Brasil; logo, o projeto de lei fica “travado” em diversas instâncias e não entra em vigor ⁸.

A preocupação em coletar informações dessa magnitude na comunidade LGBTTT é recente. Os órgãos públicos têm estudado as formas de se fazer tal obtenção de dados, e os caminhos ainda estão sendo desvendados; por isso o índice de imprecisão é grande. Necessário que se reconheça a importância das condições de violência ligadas ao

⁸ A criminalização da homofobia ainda não foi votada no Senado e está arquivada há oito anos, sem previsão de efetivação. O embate político deve-se a conflitos religiosos e aos entraves burocráticos e dos órgãos de controle. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/projeto-de-lei-de-criminalizacao-da-homofobia-esta-travado-no-senado-ha-oito-anos-13811898>>; <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/01/1574261-exercito-brasileiro-critica-projeto-de-lei-que-criminaliza-homofobia.shtml>>. Acesso em: 12 mar. 2015.

gênero, à homofobia como crime de ódio, para que deixe de ser impune ou caracterizada como crime comum.

As autoras Canela e Cathermol (2006) são categóricas sobre a necessidade de se buscar dados para justificar a implantação da lei, com vistas a reduzir a impunidade. O reconhecimento dos direitos civis de pessoas LGBTT é primordial nesse processo, sendo que o Estado deve propor alternativas para que todos possam ter acesso à cidadania, reconhecer demandas e respeitar o ser humano, como pode ser observado no excerto a seguir:

[...] sensação de impunidade reinante no Brasil faz com que a intolerância quanto à orientação sexual dos indivíduos do segmento de LGBTTs ganhe as ruas e alcance dimensões incontroláveis, tornando os homossexuais alvos fáceis desse crime, ora sem punição, a homofobia. A criminalização da homofobia, bem como a possibilidade de adoção de crianças por parte de casais homossexuais, a união civil oficial (casamento) e os benefícios previdenciários mais comuns (pensões, plano de saúde e auxílios temporários), esses todos ainda são pleitos que lutam pela inclusão de forma integral na agenda do Estado brasileiro. Tais reivindicações compõem um plano amplo e irrestrito de garantia de direitos e constituição de uma verdadeira cidadania homossexual, substanciando as bandeiras do movimento homossexual brasileiro, que em sua luta histórica, busca pressionar as instâncias de poder no sentido de que a União reconheça a dimensão do problema social que é a discriminação e violência contra homossexuais (CANELA; CATHERMOL, 2006, p. 3).

É recorrente a invisibilização dos sujeitos LGBTT em todos os âmbitos sociais, como os direitos civis e a representatividade dos dados em pesquisas institucionais. Para diminuir essa defasagem de informações, os organizadores do relatório da violência homofóbica de 2011 e 2012, salientam a importância de coletar dados disponíveis nas mídias por serem mais interlocutores que participam das coletas. Para isso analisam diversas fontes, como jornais, revistas, blogs de notícias, televisão e rádio.

O amplo acesso à internet, que está em ascensão devido às circunstâncias tecnológicas estarem se aprimorando, ficando as máquinas mais acessíveis e populares, é um dos motivos que justifica os organizadores do relatório a buscarem utilizar esse tipo de dados, com um acompanhamento minucioso. Descrevendo a metodologia, o relatório explica que:

[...] efetuou-se uma pesquisa sobre cada evento no intuito tanto de buscar mais informações sobre a violação (especialmente sobre os suspeitos), quanto de dirimir a invisibilização da transfobia, uma vez que, em boa parte das

notícias referentes a crimes contra travestis e transexuais, a falta de acuidade dos relatos sobre as identidades de gênero das vítimas demandaram pesquisas posteriores. (BRASIL, 2012, p.93)

Os organizadores do relatório de crime homofóbico nacional são claros ao descreverem a preocupação em retratar, do modo mais preciso possível, os dados conforme o contexto vivido no país. Propõem meticolosos no trato de cada informação coletada, mas assumem a fragilidade dos métodos utilizados (hemerográfico e oficial), sendo que os dados institucionalizados são falhos porque nem toda vítima consegue denunciar a violência sofrida, devido a traumas, desconfortos e, muitas vezes, relação contínua e íntima com o agressor (familiares, amigos, vizinhos etc.). Dessa maneira, as pessoas que denunciam, que não são propriamente as vítimas, nem sempre percebem o tipo de violência executada (BRASIL, 2011).

Cumprе ressaltar que, enquanto os dados hemerográficos, que foram colhidos para ser confrontados com os dados oficiais, tampouco são fiéis à realidade, o recorte feito às vítimas atingidas é redutor no tocante aos dados, como justifica o próprio relatório:

Portais de notícias, sites, blogs e redes sociais expandiram o acesso aos relatos sobre violações de direitos da população LGBTT. Ainda assim, o total de violências que viram notícia é bem menor do que o total de violações que ocorrem cotidianamente no Brasil. A maioria das notícias analisadas trata de violências físicas, especialmente homicídios. Entre estes, os mais violentos, ou os que envolvem pessoas com prestígio político ou econômico, permanecem na mídia e têm um acompanhamento mais esmiuçado. Cabe destacar que apenas foram contabilizadas notícias em que a orientação sexual ou identidade de gênero da vítima estavam explicitamente identificadas como não percebidas como heterossexuais (BRASIL, 2012, p. 95).

Com frequência, as mídias são falhas na descrição das violências, pelo fato de seguirem os padrões heteronormativos culturais vigentes, isto é, por “[...] presumir a heterossexualidade das vítimas, caso não haja prova do contrário, edificando estruturas heteronormativas, o que invisibiliza uma enorme gama de vítimas de crimes de caráter homofóbico” (BRASIL, 2012, p.96).

Reconhecemos que os dados aqui utilizados possuem fragilidades, mas optamos por utilizá-los devido ao seu grau de importância, por serem os primeiros institucionalizados da América Latina, e em razão da diversidade metodológica (dados oficiais e hemerográficos). O intuito era traçar o perfil dos transexuais brasileiros, mas

poucas informações foram encontradas – as mais frequentes são ligadas à saúde (contaminação do HIV) e à violência. Optamos pelo segundo âmbito, por ser possível discutir com mais propriedade a invisibilidade das vivências LGBTTT em setores sociais, representativos, no acesso a empregos, na agressão doméstica, na prostituição e pelo fato de haver dados oficiais e informações coletadas em acervo de mídia, realizados pelo mesmo órgão de pesquisa.

Consideramos que, devido à falta de dados precisos, à fragilidade das pesquisas quantitativas, à comum generalização entre os sujeitos LGBTTT e à invisibilização por falta de conhecimento da comunidade às particularidades do universo trans, será necessário discutir o perfil das vítimas ligado ao feminino, em que a vulnerabilidade à violência é mais comum com homens gays afeminados, e mulheres trans, como salienta Bento (2011, p.103), que relaciona a sistemática violência contra as mulheres à relação profunda com a “abjeção aos gays femininos, aos meninos femininos, às travestis, às transexuais. Para entendermos a natureza da violência contra a mulher, e sua persistente reprodução, não se pode circunscrever a análise ao feminino-mulher, mas ao feminino”. Desse modo o próximo capítulo abordará sobre o ideal de performance e papel feminino, e como estes geram vulnerabilidades a violência para esses sujeitos.

15. Pesquisa Bibliográfica 3: Vulnerabilidade feminina e violência: mulheres e performances.

15.1 Mercado de trabalho e abjeção: o feminino em desvantagem

A *teoria queer* tem sido amplamente discutida pelo movimento gay como uma forma de ampliar a discussão sobre a identidade sexual, saindo do paradigma separatista do binômio que dicotomiza hetero/homo e masculino/feminino, ultrapassando assim a discussão sobre gênero. Segundo Louro (2001), é da crise da identidade homossexual que surge a necessidade desse tipo de estudo. *Queer* quer dizer algo como estranho, raro ou mesmo excêntrico. Já teve conotação pejorativa, mas na contemporaneidade reafirma as identidades e sexualidades dissidentes. Este conceito veio para questionar à normalização, contrapondo-se à heteronormatividade. A autora discute a sexualidade na *teoria queer* e enfatiza uma de suas principais revoluções conceituais: uma identidade não-fixa e não-dicotomizada entre masculino e feminino.

Segundo Butler (1999; 2003), as diferenças sexuais são percebidas pelas diferenças materiais, mas estas são também marcadas pelas diferenças discursivas, as vivências dos sujeitos que criam performances a partir do que estes interiorizam com suas subjetividades, o modo como assimilam os padrões de identidade de gênero, sendo que não há identidades fixas, são pelas repetições dos atos que elas se consolidam. A principal questão que a teoria da performance do gênero coloca é a problematização sobre a materialidade do gênero, que supostamente se divide entre masculino e feminino.

Complementando essa perspectiva de Butler, Louro (2001), explica que concomitantemente à tradição que visualiza a identidade sexual como fixa é fundamental desconstruir esse conceito, e perceber que esta identidade está a todo o momento sendo questionada. A afirmação da identidade implica sempre a demarcação e a negação do seu oposto, que é constituído como sua diferença. Esse “outro” permanece, contudo, indispensável. “A identidade negada é constitutiva do sujeito [ao] fornecer-lhe o limite e a coerência e, ao mesmo tempo, assombra-o com a instabilidade”. (LOURO, 2001, p. 35)

A autora baseia-se na consolidada construção teórica de Foucault, e discute que a categoria sexo é uma normatividade de um “ideal regulatório” da ciência ocidental sobre o sexo, com o intuito de produzir corpos sexuais e governados. Esta normatividade, que tem poder de produzir o corpo, demarcará e diferenciará os corpos

que pretende controlar. Criando discursos para que estes corpos os assimilem, e assim apropriando-se deles construam as performances vivenciadas por seus corpos e mentes.

Butler (1999) afirma que, embora exista uma reiteração da norma que tentará controlar os corpos por meio da sexualidade, estes nunca se materializam completamente. Os sujeitos que gerem seus corpos não conseguem se enquadrar a esses parâmetros sociais, desse modo os corpos tendem a não se conformar, ou a experimentar intensos conflitos com essa identidade padronizada criada para restringir suas possibilidades. Desta forma, a *performance* da sexualidade constitui a materialidade do corpo e assim faz com que, materializando o sexo em um corpo, apareçam as diferenças sexuais que consolidam a heterossexualidade.

O sujeito vive a sua sexualidade, segundo Butler (1999), entre a necessidade social de uma normatização sexual e uma “contestação” incessante de uma necessidade, também sexual, fazendo, assim, com que as chamadas fronteiras da sexualidade sejam testadas a todo o momento pelo sujeito que as compõe. Esta teoria contempla cada vez mais sujeitos que se encontram na fronteira entre um e outro gênero. O caso das pessoas que compõem o universo trans pode ser compreendido como um destes, em que as diferentes perspectivas de gêneros convivem no sujeito, .

A identidade dos sujeitos que interpretam e interiorizam performances, não assumem necessariamente somente um lado (feminino/masculino) mas em muitos momentos pode co-habitar na fronteira entre as performances, em uma sobreposição freqüente. O que se pode aqui entender é que existe, neste caso, um hibridismo, visto a partir da teoria cultural, que o coloca como uma ultrapassagem à idéia de separação das identidades em direção a uma mistura, e não separação, de masculino/feminino (SILVA, 1996). Na constituição da performance, vários aspectos do sujeito são transformados, como o modo de andar, os gestos, as posturas, a voz e a própria linguagem. Os sujeitos que se identificam com o feminino costumam ser mais frequentemente alvos de violência, como a mulher trans, o homem afeminado e a mulher cisgênera, como aborda Bento (2011).

É importante lembrar que a incorporação dos papéis sexuais e a configuração da identidade de gênero passam pelo processo de socialização. Segundo Lago (1999), as identidades de gênero são socialmente atribuídas, masculinas e femininas, de homens e de mulheres. São identidades marcadas por valores desiguais, padronizadas e estereotipadas. Percebe-se que a identidade de gênero é significada pela cultura e constituída a partir da socialização, podendo ser concebida como um modo de se

relacionar e estar no mundo, constituído por meio das relações que se estabelecem a partir de uma relação performática que deve considerar aspectos espaço-temporais e, conseqüentemente, subjetividades e identidades peculiares que estão sendo a todo o momento formadas a partir de uma idéia de aparência de substância que faz com que se materialize a dicotomia masculino/feminino (BUTLER, 2003).

A identidade de gênero é significada pelas relações sociais e pela cultura do indivíduo. O contexto social acaba por definir padrões de comportamentos adequados a cada gênero especificamente. Assim, podemos compreender que a escolha do objeto amoroso por alguém do mesmo sexo, desautoriza o sujeito de representar a si próprio como homem ou mulher, com a identidade de gênero que lhe foi atribuída socialmente. Há homossexuais que, mesmo desejando alguém do mesmo sexo, não se sentem incomodados com seu corpo; apropriam-se de aspectos masculinos ou femininos, identificam-se com eles, mas não rejeitam o próprio corpo.

As transexuais, por sua vez, não se identificam com seus corpos, seus órgãos sexuais não têm significação psíquica, sentem-se como sendo de natureza oposta de seu sexo biológico. Mas este limite é fluido como uma fronteira flutuante, como visto em pesquisa com travestis, Silva (1993) e Silva e Florentino (1996) relataram que quando acontecia algum problema contra sua integridade física ou moral, elas deixavam de performar o feminino (doce, sedutor e provocante) e “sacavam” a performance masculina que existiam dentro de si para a resolução da situação, que se necessário utilizavam da força física e violência para protegerem-se. O que se pode aqui entender é que existe, neste caso, um hibridismo, visto a partir da teoria cultural, que o coloca como uma ultrapassagem à idéia de separação das identidades em direção a uma mistura, e não separação, de masculino/feminino

A performance feminina relaciona-se com a definição do gênero feminino que é tradicionalmente referida à esfera familiar e à maternidade (cabendo a mulher a doçura, o cuidado, a castidade, a sedução velada e a passividade), enquanto a referência fundamental da construção social do gênero masculino é sua atividade na esfera pública, concentrador dos valores materiais, o que faz dele o provedor e protetor da família (juntamente com a virilidade, a força física e a violência). Figueiredo (2011, p.37) ao realizar pesquisa de campo com entrevistas para compreender o ideal de amor romântico de mulheres trans heterossexuais (que desejam sexualmente homens), percebe que a lógica experienciada por elas não subverte os padrões de gênero, mas as reafirmam, de modo que elas, por meio de suas narrativas amorosas, acabam por

parodiar o feminino, por uma performance mediada por uma construção simbólica hiperbólica de masculinidade e feminilidade, em que buscam como ideal romântico “determinados modelos de masculino como ideal (viril, provedor, protetor e ativo) – quanto de feminilidade, centrado nas maneiras mais tradicionais socialmente sancionadas do comportamento feminino, da mulher passional, que cuida, sofre e ama incondicionalmente” (FIGUEIREDO, 2011, p.37).

O mercado de trabalho formal tem padrões que negam o acesso a pessoas trans, desse modo a marginalidade é uma consequência inevitável, sendo comum a alta recorrência da prostituição como saída mais provável. (BENTO, 2008). Os relatos orais colhidos por Figueiredo (2011, p.38) demonstram que na concepção das travestis, muitas das vezes se “simboliza a experiência da prostituição de maneira híbrida, pois parecem taticamente combinar o que há de bom e ruim para elas nesta atividade, formando um semblante menos criminalizante, vitimizador e violento para a prática, buscando os momentos de prazer que ela pode ocasionar”.

O ideal de amor romântico permeia as relações de trabalho, criando símbolos que aumentam a aceitação da função exercida, assim como Simmel (2001, p.15) salienta em que “a posição da prostituição depende dos sentimentos sociais que ela desperta”, estes momentos prazerosos, nas entrevistas feitas por Figueiredo, surgem especificamente na ocasião em que os homens se comportam como “bons clientes”, e eles serão assim simbolizados a partir do momento, não em que, necessariamente, pagam bem pelo programa, mas preponderantemente se este possui a distinção de durante o programa fazerem-nas vivenciar experiências para além das utilitárias, que sugerem gestos de carinho, beijos, afagos, conquistas e romance, servindo para amenizar a atmosfera de perigo e erotismo envolvida em tal atividade remunerada.

A possível fuga do caráter utilitário e financeiro que algumas mulheres trans entrevistadas por Figueiredo (2011) pode ainda revelar uma valorização de si, em oposição às transações impessoais mediadas pelo dinheiro (SIMMEL, 2001), através da possibilidade de ser desejada e cortejada, mesmo que no fugaz momento de um programa, (re)significando a prostituição com um sentido mais profundo. Ao parodiar não apenas uma profissão que historicamente foi destinada às mulheres, como também (re) significando-a através de operações muito próprias, mesclando abjeção e prazer, significando o ato de trabalhar via habilidades sexuais não puramente em seu conteúdo utilitário e trazendo o vivenciar de prazeres e sentimentos, não de degradação, mas de exaltação, para preencher a prostituição de outros sentidos, as travestis promovem os

esquemas de (re)elaboração na citação característica do ato parodístico, como refletido por Butler (2003).

O Mercado de trabalho não é desigual apenas aos sujeitos do universo trans, como também aos sujeitos ligados ao feminino, como as mulheres cisgêneras, que ainda na contemporaneidade, permanecem recebendo salários menores do que os homens exercendo as mesmas funções (30% a menos)⁹, e desse modo a dependência entre os sexos é estimulada pelo mercado de trabalho, e assim acentua-se também a submissão feminina, que muitas das vezes é associada a práticas violentas do parceiro. A mulher dessa maneira é menos incitada a trabalhar externamente ao ambiente doméstico, enquanto o homem é impulsionado a conquistar sua autonomia salarial, sendo valorizado no mercado de trabalho, e se tornando o provedor do lar.

15.2 Violência e performances de gênero: vulnerabilidades e papéis sociais.

A submissão social feminina é marcante ao longo da história do Brasil, Scoot (p.15-16, 2012), apresenta que “por muito tempo, os valores patriarcais, remontam ao período colonial, foram referência quando o assunto é família (...) a mulher deveria obedecer a pai e marido, passando da autoridade de um para o outro através de um casamento monogâmico e indissolúvel.” O domínio do masculino era naturalizado e indiscutível, justificava-se por caracteres biológicos a soberania do homem, que por ser mais forte fisicamente era mais capaz e apto para o trabalho, enquanto a mulher deveria estar destinada ao ambiente doméstico, sendo o cuidado com os filhos sua função social primeira, pois “os projetos individuais e as manifestações de desejos e sentimentos particulares tinham pouco ou nenhum espaço quando o que importava era o grupo familiar e, dentro dele, a vontade do seu chefe, o patriarca, era soberana.” (SCOOT, 2012, p.17).

As estruturas familiares dependem que a matriarca tenha características essenciais para fornecer a estabilidade e a saúde do lar, como ser dedicada a educação moral dos filhos, ser afetuosa e submissa ao marido para garantir os elos do matrimônio,

⁹ O portal do Observatório Brasil de igualdade de gênero publicou uma matéria a partir de uma pesquisa internacional, feita a partir dos dados do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), demonstrando que as diferenças salariais relacionadas a gênero e etnia continuam sendo significativas nos países latino-americanos. O Brasil apresenta um dos maiores níveis de disparidade salarial. No contexto nacional, as mulheres costumam ganhar 30% a menos do que os homens desempenhando a mesma função. <http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/noticias/homens-recebem-salarios-30-maiores-que-as-mulheres-no-brasil/> Acesso em: 16 nov. 2015.

realizando os afazeres do lar para cumprir seu papel na divisão das tarefas, em que ao marido cabe ser o provedor econômico da família. Scoot (2012), salienta que a mulher sendo o pilar do funcionamento do lar, era responsável por tornar o filho um potencial trabalhador para o mercado, e/ou uma filha que soubesse garantir a saúde de uma família como cuidadora doméstica: “enfim, cabia à mulher manter a família “higienizada” que se pretendia, afinal eram elas, as mães, as responsáveis pela formação de uma descendência saudável, cuidando e vigiando o comportamento e as escolhas de seus filhos e filhas” (SCOOT, p.18, 2012)

As mulheres ainda na contemporaneidade, mesmo estando maciçamente presentes como força de trabalho em diversos setores no mundo público, ainda estão em desvantagem, visto que o espaço doméstico continua a ser mais direcionado a ela do que ao homem. Esse cenário desigual foi notado por Campos (2007) ao pesquisar jornais de do interior paulista, no período de 1920 á 1940. A autora percebeu o papel do jornal em reafirmar as performances de gênero, em que a mulher, mesmo iniciando-se no mundo do trabalho formal, deveria preocupar-se prioritariamente em ser mãe e cuidar do lar, promovendo a saúde e a qualidade de vida dos filhos e marido, como aconselhado em diversas matérias na imprensa do período, como as promovidas pela Quaker Oats. Ela retratou o imaginário social alimentado pelo jornal de um período distante, mas a perspectiva do papel social da mulher apresentado por esta mídia não está obsoleta ainda hoje, como poderemos notar nos dados sobre violência entre os sexos.

O ambiente escolar, por sua vez, também auxilia na reprodução dos papéis de gêneros, como salienta Silva (2012) ao pesquisar professores dos anos iniciais e finais do ensino fundamental, que participavam de uma especialização em ensino de ciências, utilizando da metodologia de grupo focal. Aplicando questionários, ela levantou a discussão sobre corpo e sexualidade dentro de sala de aula, como são ministradas aulas desse assunto e acompanhou uma atividade sobre essa temática dos professores junto com as crianças na escola em que atuam profissionalmente.

No desenvolvimento da pesquisa, Silva (2012) constatou que os alunos tinham como padrão afirmar que tinham “problemas” em discutir sexualidade na escola, e que os professores também viam um impasse para abordar tal temática cotidianamente. A pesquisadora tentou desvendar quais são as problemáticas experienciadas por alunos e professores, ao questionar “o lugar da realização da aula como possível dispositivo maquínico, assinalando para a possibilidade de que, no encontro entre professores e

alunos e os enunciados sobre corpo e sexualidade, criam-se corpos e sexualidades; experimentam-se lugares de gêneros e lugares generificados”. (SILVA, 2012, p.2)

Um dos problemas levantados pela autora é a dificuldade dos professores de ciências relacionarem a dimensão biológica com a cultura, sendo um conceito abrangente e polissêmico que relaciona-se com a noção cotidiana de corpo e suas funções no cotidiano, mas que na escola costumam a não ser trabalhados juntos, o estudo de ciências nas escolas geralmente considera os corpos como organismos, sistemas organizações vivas, mas não contextualizam com a vivência dos estudantes, sendo assim uma proposta de formação deficitária. Por isso, o discurso tem poder e produz no corpo papéis, sexualidades, como Silva (2012) aborda:

A sexualidade, em sua conotação mais ampliada, não estaria fora do discurso, dos textos e das práticas da disciplina Ciências na escola – esta é uma defesa que se faz neste texto. Mostrar que, pelos textos das Ciências, o corpo e a sexualidade organizados, encarcerados no organismo biológico produziu efeitos nos sujeitos, pode ser uma possibilidade de leitura ou de (re)leitura do discurso biológico. Tais efeitos relacionam-se com os modos pelos quais foram processados determinados modos de codificação e de territorialização destes corpos e da sexualidade. O que significa dizer que a produção do corpo e da sexualidade ordenada, estabilizada esteve associada a dispositivos de poder para fazer pensar e produzir um corpo e uma sexualidade territorializados nos órgãos, na doença, no medo. (SILVA, 2012, p.6-7)

Desse modo, o corpo, enquanto conglomerado de órgãos e sistemas biológicos, acaba por, materializar as expressões da sexualidade. A omissão do estudo de ciências em não abordar esse aspecto acaba por naturalizar padrões de corpos e sexualidades, vivências de gênero, e gerar uma negação aos sujeitos dissidentes, que fogem dessa expectativa. A dissociação feita em tal disciplina, que tem a exclusividade de tratar do corpo humano sobre as demais ciências, apresentando de modo sistematizado a organização e os processos sobre os quais se produzem a resposta físico-químico-biológica do organismo humano, como forma de explicar a sexualidade, de modo que essa explicação esteja fechada no organismo, “sem dúvida, tem representado o apagamento do fora do corpo, da vida que se realiza e da própria experiência da sexualidade. É o apagamento da vida e da sexualidade o que se tem a enfrentar” (Silva, 2012, p.6). Ou seja, no grupo amostral estudado pela pesquisadora, que apresentou dificuldade de abordar a dimensão biológica no debate sobre a sexualidade, “termina por deixar de debater sobre o modo como o discurso biológico opera com a sexualidade, como dispositivo de poder, e, dessa forma, opera-se o apagamento da vida, pois codificam e reterritorializam os corpos e as sexualidades.” (Silva, 2012, p.6).

15.3 Violências ligadas ao feminino

A distribuição social da violência reflete a tradicional divisão dos espaços: o homem é vítima da violência na esfera pública, e a violência contra a mulher é perpetuada no âmbito doméstico, onde o agressor é, mais frequentemente, o próprio parceiro. Uma ordem social de tradição patriarcal por muito tempo “consentiu” num certo padrão de violência contra mulheres, designando ao homem o papel “ativo” na relação social e sexual entre os sexos, ao mesmo tempo em que restringiu a sexualidade feminina à passividade e à reprodução. Com o domínio econômico do homem enquanto provedor, a dependência financeira feminina parecia explicar a aceitação de seus “deveres conjugais”, que incluíram o “serviço sexual” (BRAVO,1994).

O fenômeno da violência contra as mulheres acarreta sérias e graves consequências não só para o seu pleno e integral desenvolvimento, comprometendo o exercício da cidadania e dos direitos humanos, mas também para o desenvolvimento socioeconômico do país. Conforme Bravo (1994), a violência contra as mulheres não é mais uma questão privada, mas objeto de preocupação social. A violência tem sido concebida como toda relação em que há abuso de poder (CORSI, 1997, 2003) podendo manifestar-se de diferentes formas.

A Organização Mundial de Saúde (REDESAÚDE,2001), sistematiza algumas destas formas, que são: a violência doméstica, a violência intrafamiliar e a violência física. A primeira é concebida como todo o tipo de agressão que inclui membros do grupo, sem função parental, que convivam no espaço doméstico, incluindo pessoas que convivam esporadicamente neste espaço. A segunda refere-se a toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de outro membro da família, incluindo pessoas que passam a assumir função parental, ainda que sem laços de consangüinidade, e em relação de poder à outra. A terceira ocorre quando uma pessoa, que está em posição de poder em relação a outra pessoa, causa ou tenta causar dano não acidental, por meio do uso da força física ou de algum tipo de arma que possa provocar ou não lesões externas, internas ou ambas. Atualmente, também é considerada violência a aplicação de castigo, repetido e não severo. São considerados atos de violência física: tapas, empurrões, socos, mordidas, chutes, queimaduras, cortes, amarramentos e estrangulamentos, lesões por armas ou objetos, obrigar a tomar medicamentos desnecessários ou inadequados (tais como álcool, drogas ou outras substâncias, inclusive alimentos), tirar de casa à

força, arrastar, arrancar a roupa, abandonar em lugares desconhecidos e omitir cuidados e proteção (WERBA, 2002).

Violência conjugal tem sido entendida (RAVAZZOLA, 1997, 1999) como agressão contra a mulher cometida pelo parceiro no contexto de uma relação afetiva e sexual, independentemente de ser relação estável legalizada. A opressão conjugal pode ocorrer tanto no espaço doméstico quanto no espaço urbano. A categoria de agressão conjugal abarca as formas de violência física, sexual e emocional ou psicológica (CORSI, 1997, 2003). Uma vez que nas relações conjugais os agressores são predominantemente do gênero masculino, e as principais vítimas, do gênero feminino, desse modo a brutalidade conjugal é também uma forma de violência de gênero.

Violência de gênero “envolve ações ou circunstâncias que submetem unidirecionalmente, física e/ou emocionalmente, visível e/ou invisivelmente as pessoas em função de seu sexo” (DINIZ, 1997, p.37), sendo que como apresenta a autora, a violência contra a mulher atinge uma em cada quatro mulheres no mundo e é responsável por um em cada cinco anos potenciais de vida saudável perdido pela mulher. Inscrevem-se nesta compreensão processos invisíveis e simbólicos, ao que Bourdieu (1999, p. 7) chama de “violência simbólica”. Segundo este autor, não se limita a relações coercitivas visíveis que impliquem o uso da força física, operando também no nível da linguagem e do simbólico, estando disseminadas pelas diversas instituições sociais. O ocultamento das relações abusivas de força ocorre de forma sutil e invisível através das vias simbólicas da comunicação e do desconhecimento de seus atores.

Partindo desta noção, Grossi (2001, p. 38) entende que “a violência simbólica é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita daqueles que a sofrem e também daqueles que a exercem na medida onde uns e outros não têm consciência de exercê-la ou de sofrê-la.” O controle cotidiano da sexualidade feminina nas sociedades de tradição patriarcal acompanhou a ascensão da ideologia da família nuclear, que passou a funcionar como um dos principais meios de organizar as relações sexuais entre os gêneros. Algumas teóricas feministas apontaram uma associação direta entre a sexualidade e a situação de opressão e desigualdade: “a objetificação sexual é o processo primário de sujeição das mulheres” (p. 45); o controle da sexualidade é “o método por excelência do controle cotidiano das mentes e corpos das mulheres nas culturas patriarcais” (p. 60).

O mercado de trabalho formal foi um dos campos prioritários de luta dos movimentos feministas e dos estudos de gênero desde a década de 60, ao chamarem a

atenção sobre o quanto o que é da ordem privada da família é operado no social. Nos últimos anos, assistimos à crescente participação de mulheres no trabalho remunerado e no orçamento familiar, junto com uma aceitação social da atividade sexual feminina não-reprodutiva e fora do casamento. A representação ideológica destas mudanças em termos positivos, na celebração da “nova mulher” que deve trabalhar fora para ser “independente”, controlar sua fecundidade e ser ativa sexualmente, indica que estamos perante uma “*transição de gênero*” (GIFFIN, 2002).

Embora esta relativização da tradicional divisão sexual do trabalho e do controle sexual indique que o patriarcado não é mais o mesmo, seu efeito sobre as mulheres não é homogêneo. Para muitas mulheres no Brasil, a necessidade da sua presença no mercado de trabalho acompanha o aprofundamento da pobreza e da “dupla jornada”. Tendo, agora, responsabilidades não somente na esfera doméstica, mas também na provisão material da família, vivem uma atualização das desigualdades de gênero (GIFFIN, 2002).

A participação da mulher no ambiente externo ao lar, fez ascender casos de estupro. Em seu estudo histórico sobre a construção da violência sexual como fenômeno social na França desde o século XVI, Vigarello (1998) associa a visibilidade contemporânea das diversas categorias de violência sexual ao imperceptível nascimento de uma nova visão do sujeito e da intimidade. A mudança na percepção da violência sexual contra mulheres, ao passar a ser vista como crime, valoriza atos até então desprezados: “uma massa de gestos transgressores se impõe ao olhar, não porque sejam novos, mas porque são observados de outro modo” (p. 225). Necessariamente, este outro modo de olhar implica uma mudança na relação social entre homens e mulheres e na abordagem da situação da violência sexual, onde a mulher busca sustentar, ainda que de forma ambivalente, uma posição de Sujeito (e não de objeto) nas relações sexuais que vivencia.

O autor, ao analisar homens e mulheres na França, considera as práticas e as concepções da sexualidade e da conjugalidade como “indicadores” do estado atual das relações sociais de sexo. Conclui que, apesar da transformação nas atividades das mulheres na esfera pública, nas normas e até mesmo nas práticas sexuais de mulheres e homens, mantém-se diferenças substanciais em suas visões das relações sociais de sexualidade. Enquanto as mulheres aspiram serem sujeitos sexuais e chegam a praticar sexo fora do casamento, elas costumam preferir a sexualidade contextualizada no âmbito de uma relação de afeto e compromisso, iniciando processos de separação

quando não estão satisfeitas com as relações. Ao mesmo tempo, “nas representações masculinas, a mulher continua a ser considerada como um objeto que se deseja adquirir (e depois exibir), mais do que como um sujeito com o qual se estabelece uma relação” (VIGARELLO, p, 1998. 127).

Alguns pesquisadores que estudam a violência em geral propugnam definições abrangentes quanto ao contexto social, que levem em conta a chamada “violência estrutural” (BOURDIEU, 1995). Enquanto Minayo (1994), definindo o campo de estudo da violência para a Saúde Pública, chama a atenção para a violência imperceptível, embutida na sociedade, determinada pela apropriação desigual de bens e informações, que formaria uma rede menos aparente de violência, já que seriam “visíveis” apenas episódios mais agudos, como a violência física explícita. Para ela, a rede em seu todo é composta pela delinquência, em seus aspectos rapidamente reconhecidos como violência, entre eles ferimentos, assassinatos e mortes; pela violência estrutural do Estado e das instituições que reproduzem as condições geradoras da violência; e pela resistência às condições de desigualdade, que algumas vezes se expressa também pela agressão física. Estas três formas articular-se-iam em rede e estariam conectadas.

A “violência contra a mulher” foi expressão cunhada pelo movimento social feminista, na contemporaneidade. A expressão refere-se a situações tão diversas como a violência física, sexual e psicológica cometida por parceiros íntimos, o estupro, o abuso sexual de meninas, o assédio sexual no local de trabalho, a violência contra a homossexualidade, o tráfico de mulheres, o turismo sexual, a violência étnica e racial, a violência cometida pelo Estado, por ação ou omissão, a mutilação genital feminina, a violência e os assassinatos ligados ao dote, o estupro em massa nas guerras e conflitos armados (GROSSI, 1995)

Enunciada como prática da tradição nos relacionamentos amorosos em especial, a violência cometida por pessoas íntimas, que envolve também filhos, pais, sogros e outros parentes ou pessoas que vivam na mesma casa –a que chamaríamos de violência doméstica - está profundamente arraigada na vida social, sendo percebida como situação normal. A noção de violência doméstica, algumas vezes associada apenas à violência conjugal contra a mulher, surge com força entre as feministas americanas e também do Brasil (GROSSI, 1995; SAFFIOTI, 1995), tornando pública e condenável uma situação antes corriqueira e estritamente do domínio privado.

Mas, no interior de todas essas concepções e termos usados para designar a violência contra mulheres, não há como negar a precedência da violência sexual, abrindo campo para evidenciar todas as demais. Neste caso, há outra mesclagem que se processa e a violência pode ser perpetrada por conhecidos ou por estranhos, desde que referida às relações sexuais não consentidas e também referida a um aspecto relacional de difícil delimitação empírica: o assédio. Assediar é uma violência na esfera psicológica – como muitos chamam as humilhações, ameaças ou desqualificações e, por vezes, as agressões a pessoas/bens queridos - são componentes da violência que dependem em muito dos contextos culturais das práticas amorosas ou dos relacionamentos entre homens e mulheres.

Esta conceituação, portanto, possui também interseções com as demais e suas próprias imprecisões. O que vem sendo enunciado são formas diversas de violência, com expressões variadas e particulares, que compartilham este significado social comum - a iniquidade de gênero (DINIZ, 1997).

A autora apresenta uma relação dos pontos que resumem dados sobre a violência contra a mulher:

1. As mulheres estão sob risco de violência, principalmente por parte de homens conhecidos por elas;
2. A violência de gênero ocorre em todos os grupos sócio-econômicos;
3. A violência doméstica é tão ou mais séria que a agressão de desconhecidos;
4. Embora as mulheres também sejam violentas, a maioria das violências que resultam em lesões físicas é de homens contra mulheres, isto é, a violência sexual é exercida contra o gênero feminino;
5. Dentro de relações estabelecidas, a violência muitas vezes é multifacetada e tende a piorar com o tempo;
6. Em sua maioria, os homens violentos não são doentes mentais;
7. O abuso emocional e psicológico pode ser tão danificante quanto o abuso físico, sendo muitas vezes considerado pior, na experiência das mulheres;
8. O uso de álcool exacerba a violência, mas não é causa da mesma;
9. Existem sociedades onde a violência contra a mulher não existe.

A violência contra a mulher diz respeito, pois, a sofrimentos e agressões dirigidos especificamente às mulheres pelo fato de serem mulheres. Como termo

genérico, agora para referir à situação experimentada pelas mulheres, quer remeter também a uma construção de gênero, isto é, se em primeiro lugar evidencia uma dada ocorrência sobre as mulheres, também quer significar a diferença de estatuto social da condição feminina, diferença esta que faz parecer certas situações de violência experimentadas pelas mulheres – especialmente a violência que se dá por agressores conhecidos, próximos e de relacionamento íntimo, como experiências de vida usuais.

A noção de gênero vem muitas vezes sendo confundida com a idéia de sexo feminino, quando em realidade surgiu exatamente para destacar essa distinção. Enquanto sexo indica uma diferença anatômica inscrita no corpo, gênero indica a construção social, material e simbólica, a partir desta diferença, que transforma bebês em homens e mulheres, em cada época e lugar de distintas maneiras. Perceber que o gênero não está obrigatoriamente ligado ao sexo, faz com que possamos refletir e desconstruir padrões sociais de submissão e poder. Como explica Scott (1995), gênero é essencialmente definido como uma interseção entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. Masculino e o feminino são, pois, constructos sociais, o que se contrapõe à noção da essencialidade dos comportamentos sociais com base nas características sexuais: o homem sempre poderoso e agressor; a mulher sempre desprotegida e vítima.

Cabe, no entanto, ressaltar que a nomeação de “vítima” permanece muito associada à mulher até por razões históricas, fato relacionado às origens da tomada da violência contra mulheres como evento passível de intervenção na esfera pública. A vitimização das mulheres e o significado sociocultural da problemática interativa, das relações intersubjetivas em geral e no âmbito familiar e conjugal, em particular, constitui tema merecedor de tratamento mais profundo e detalhado. Explanamos a relação de performance de gênero ligada ao feminino e vulnerabilidade a violência, para retratar por meio de nosso material cênico, o tipo de violência ligado ao gênero e a reafirmação de certos padrões de performance vivenciados por uma mulher trans, com a idealização do amor romântico e a busca por superar violências domésticas tão comuns a tantas mulheres, e os altos índices de mortalidade e prostituição, alarmantes nos sujeitos do universo trans. Por fim resta dizer que, os corpos performam gêneros, constroem-se pela vivência em comunidade, educação, mídias, padrões sociais. Aos sujeitos que fogem do padrão a vulnerabilidade da violência, dos espaços negados, a abjeção da vida, a supressão dos direitos humanos e sobrevivência.

Nesta pesquisa bibliográfica abordamos temáticas essenciais para a compreensão da travestilidade, discutimos a expressão dos conceitos de gênero para demonstrar que são necessários para nortear pesquisas, mas o pesquisador não pode se limitar a eles, visto que os corpos, sexualidades e experiências de gênero são fluídas. A naturalização e o desconhecimento da comunidade sobre as possibilidades da sexualidade, geram intolerância, violências. A falta de conhecimento é tamanha que mal os órgãos oficiais oferecem dados sobre os sujeitos LGBTTT, sendo o universo trans o mais negligenciado, com dados imprecisos e que quando comparados a coletas midiáticas são fortemente destoantes. Considerar toda vivência que foge da heteronormatividade como gay, faz com que diminua a possibilidade de se reconhecer os grupos, suas demandas e vulnerabilidades.

Os padrões nos papéis de gênero restringem as possibilidades dos corpos, além de gerar vulnerabilidades ao feminino, que historicamente foi consolidado como papel subserviente ao masculino, embora na contemporaneidade temos avanços nos direitos humanos, ainda há muito para reduzir as desvantagens entre os papéis de gênero. O roteiro da peça de teatro tem o intuito de discutir sobre essa temática, as violências, submissões relacionadas as vivências de gênero, as dificuldades em ser mulher e seguir determinados padrões, e também de ser uma mulher trans.

17. REFERÊNCIAS

ABREU, Jânio J. V.; ANDRADE, Thamyres R. A compreensão do conceito e categoria gênero e sua contribuição para as relações de gênero na escola. VI Encontro PPGED, UFPI: Píauí, 2010. Disponível em: http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.10/GT_10_01_2010.pdf Acesso em: 10 de out. 2015

CAMPUZANO, Giuseppe. Recuperação das histórias Travestis. In: CORNWALL, A; JOLLY, S. *Questões de sexualidade: ensaios transculturais*. Rio de Janeiro: ABIA, 2008.

CORSI, J. Violência familiar: Um olhar interdisciplinar sobre um grave problema social. Buenos Aires: Paidós, 1997.

CORSI, J. (Org.). Maltrato e abuso no âmbito doméstico. Buenos Aires: Paidós, 2003

BENEDETTI, Marcos. *Toda Feita: corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. *A Reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BENTO, Berenice. *O que é transexualidade*. São Paulo: Brasiliense. Coleção Primeiros Passos, 2008.

BENTO, Berenice. *Política da diferença: feminismos e transexualidades*. In: COLLING, Leandro. *Stonewall 40 + o que no Brasil?* Salvador: EDUFBA, 2011.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, G.L. *O corpo educado – pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: a Autêntica, 1999.

BORILLO, D. A homofobia. In: LIONÇO, T.; DINIZ, D. (Orgs.) *Homofobia e educação*. Brasília: Editora da UnB, 2009.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRASIL. Secretaria de Desenvolvimento Humano. *Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: ano de 2011*. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-2011-1>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

BRASIL. Secretaria de Desenvolvimento Humano. *Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: ano de 2012*. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2012>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

BRAVO, M . Incesto e violação. Chile: Academia, 1994.

DINIZ, Simone. A violência de gênero como questão de saúde. *Jornal da Redesaúde*, 14, 7-8, 1997.

CAMPOS, Raquel Discini. Mulheres e crianças na imprensa paulista (1920-1940): representação e história. 2007. 216 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

CANELA, M.; CATHERMOL, E. De sujeitos sociais a sujeitos de direitos: um estudo sobre a construção da cidadania homossexual no Brasil. In: FAZENDO O GÊNERO: DIÁSPORAS, DIVERSIDADES E DESLOCAMENTOS, 9., 2010, Florianópolis. *Anais*. Florianópolis: UFSC, 2010.

DANTAS, Marcelo. *Dados sobre violência contra população LGBT serão registrados no SUS*. 2015. Disponível em: <<http://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/dados-sobre-violencia-contrapopulacao-lgbt-serao-registrados-no-sus-27303/>>. Acesso em: 12 fev. 2015.

DA SILVA, A F. Travestis e educação formal: diferença insuportável para o currículo. Disponível em: <<http://itaporanga.net/genero/3/06/29.pdf>>. Acesso em: 17 de novembro de 2015.

FIGUEIREDO, Adrianna . Dos Atos Parodísticos: A Execução da Performance Paródica na Experiência da Travestilidade. Vivencia (UFRN) , 2011

GIFFIN K. Pobreza, desigualdade e equidade em saúde: considerações a partir de uma perspectiva de gênero transversal. *Cad Saúde Pública* 2002.

GROSSI, P. K. Por uma nova ótica e uma nova ética na abordagem da violência contra mulheres nas relações conjugais. In P. K. Grossi & G. C. Werba (Orgs.). *Violências e gênero: Coisas que a gente não gostaria de saber* (pp. 19-45). Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

Hirata, Helena. *Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais*. Tempo Social, Brasil, jun. 2014. Visto em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84979>>. Acesso em: 30 out. 2015.

JADE, Líria. *Homofobia gera assassinato a cada 28 horas no Brasil*. Portal EBC. 16 de maio 2014. Visto em : <http://www.ebc.com.br/cidadania/2014/05/homofobia-gera-um-assassinato-a-cada-28-horas-no-brasil> Acesso em 16 nov de 2014.

LAGO, Maria Coelho de Souza (1999). Identidade: a fragmentação do conceito. In Maria Coelho de Souza Lago & Ramos, Tânia Regina (Orgs.), *Falas de gênero: teorias, análises e leituras*. Florianópolis: Mulheres, 1999.

LEITE JR., Jorge. *Nossos corpos também mudam: a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico*. São Paulo, Annablume, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer - uma política pós-identitária para a educação. Estudos Feministas, Florianópolis, 2001. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2001000200012>>. Acesso em: 17 nov. 2015.

MINAYO, M. C. Violência social sob a perspectiva da saúde pública. Cadernos de Saúde Pública, 10, 1, 7-18, 1994.

MISKOLCI, Richard. Estranhando as ciências sociais: notas Introdutórias sobre teoria queer. In: *Revista Florestan Fernandes: Dossiê Teoria Queer*. São Carlos/SP, 2014. Disponível em : www.revistaflorestan.ufscar.br. Acesso em 16 nov. 2014.

MISKOLCI, Richard. Não somos, queremos: reflexões queer sobre a política sexual brasileira contemporânea. In: COLLING, Leandro. *Stonewall 40 + o que no Brasil?* Salvador: EDUFBA, 2011.

MOTT, Luiz. Homoafetividade e direitos humanos. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 509-521, maio/ago. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n2/a11v14n2.pdf>>. Acesso em: 7 maio 2014.

MOTT, Luiz. *Matei porque odeio gay*. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2003.

Homens recebem salários 30% maiores que as mulheres no Brasil. Observatório Brasil da Igualdade de Gênero. Visto em:

<http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/noticias/homens-recebem-salarios-30-maiores-que-as-mulheres-no-brasil/> Acesso em 16 nov de 2015.

NASCIMENTO, Andrew Feitosa do; NETO, Miguel Rodrigues de Sousa. O surgimento dos grupos homossexuais no Brasil contemporâneo. Anais do III Congresso Internacional de História da UFG/ Jataí: História e Diversidade Cultural. Textos Completos. Jataí: UFG, 2012.

NETO, Miguel Rodrigues de Sousa. Nos tempos de Melinha Marchiotti: a situação homossexual na passagem do Século XX para o XXI. Caderno Espaço Feminino. Uberlândia :UFU, 2013.

PELÚCIO, Larissa. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de Aids*. São Paulo: Annablume, 2009.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.) Nova História das Mulheres no Brasil . São Paulo: Contexto, 2012.

PRADO, M. A. M.; JUNQUEIRA, R. D. Homofobia, hierarquização e humilhação social. In: VENTURI, G.; BOKANY, V. (Orgs.) *Diversidade sexual e homofobia no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011.

PRADO, M. A. M.; MACHADO, F. V. *Preconceito contra homossexualidades: hierarquia da invisibilidade*. São Paulo: Cortez, 2008.

PROST, Antoine. *Doze Lições Sobre História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008

REDESAÚDE . *Saúde da mulher e direitos reprodutivos*. São Paulo: Rede Nacional Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos, 2001.

SAFFIOTI, H. Rearticulando gênero e classe social. In A. Costa & C. Bruschini (Orgs.). *Uma questão de gênero*(pp. 183-215). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

SCOOT, Ana Silva. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In:; PINSKY, Carla Bassanezi PEDRO, Joana Maria (Org.). Nova história das mulheres. São Paulo: Contexto, 2012.

SEFFNER, Fernando. *Composições (com) e resistências (à) norma: pensando corpo, saúde, políticas e direitos LGBT*. In: COLLING, Leandro. *Stonewall 40 + o que no Brasil?* Salvador: EDUFBA, 2011.

SCHILLING, Flávia Inês. Direito à vida, liberdade e segurança. In: MATSUDA, Fernanda Emy; GRACIANO, Mariângela; OLIVEIRA, Fernanda Castro Fernandes. *Afinal, o que é segurança pública?* São Paulo: Global, 2009.

SILVA, Elenita Pinhiero de Queiroz. Corpo e sexualidade no Ensino de Ciências: experiências de sala de aula. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 35., 2012, Porto de Galinhas, **Anais...** Porto de Galinhas, ANPEd, 2012.
Disponível em: <http://36reuniao.anped.org.br/trabalhos/181-trabalhos-gt23-genero-sexualidade-e-educacao>. Acesso em: 5 jan. 2016.

SILVA, Hélio . R. S. *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.

SILVA, Hélio. R. S., & Florentino, C. de O. . *A sociedade dos travestis: espelhos, papéis e interpretações*. In R. Parker & R. M. Barbosa. (Orgs.), *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará;UERJ,1996.

SIMMEL. Georg. *Filosofia do amor*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade. Porto Alegre, 1995.

VIGARELLO, Georges. *História do estupro: violência sexual nos séculos XVI-XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 1998.

Weber, Max. *Ensaio de sociologia*. Organização e introdução de H. H. Gerth e C. W. Mills. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

PRIMEIRO ATO

(Cenário) Quarto mobiliado com móveis simples, com um vaso de flor sobre a penteadeira. Em frente à penteadeira há uma poltrona charmosa, porém decadente (madeira e veludo), embaixo dela um tapete colorido. Sobre a penteadeira uma maleta de maquiagem e um porta-retrato. Ao lado, uma mesinha com uma garrafa de conhaque e dois copos sobre uma bandeja de prata. (Iluminação – Meia luz que vai se “abrindo”/ depois foco na atriz).

Suely entra e se senta de modo desleixado (DE PERNAS ABERTAS). Expressa concomitantemente solidão, desespero, loucura e resignação. Pega cuidadosamente alguns itens de maquiagem dentro da maleta, escolhendo um a um, colocando-os sobre a comôda. Olha para o espelho e diz para si mesma:

Suely: Hoje eu vou te ensinar a como ser uma mulher de verdade! *(apontando com o dedo indicador para a frente)*

Minha mãe vivia dizendo que “uma dama deve ter modos ao sentar!” e que “delicadeza e cuidado são virtudes que toda mulher deve ter!” *(imitando a voz da mãe)*

Minhas tias falavam sempre para minhas primas *(imitando uma outra voz feminina)* “Como vão querer ter um marido se não sabem nem arrumar uma casa?” e reclamavam “Isso se parece com um quarto de moça? Não seja desleixada...”.

Minha irmã mais velha não era de arrumar namorado, falavam dela pelas costas, minha avó sempre cutucava *(imita voz de senhora)*: “Uma mulher só é completa com marido e filhos! Escolham seus maridos enquanto são bonitas e jovens, depois que envelhecerem só restará a vocês serem escolhidas...”. Minha avó é que sabia das coisas... o problema é que quando escolhemos o marido não sabemos de tudo o que está por vir...

As vizinhas aqui do bairro são tagarelas, adoram falar da vida alheia, escuto pelos cantos os comentários maldosos que fazem repreendendo a vida de outras mulheres do bairro “Uma mulher que se preze não pode andar por aí dessarumada!”, “Coitada de fulana, envelheceu e agora está tão acabada” e até ficam dizendo por aí que “a boa esposa deve honrar seu marido, cozinhar, cuidar do lar e dos filhos”. Tudo tão óbvio e clichê...

Suely começa a se maquiar devagar. Olhando para o espelho, ela diz:

Suely: Ouvi coisas desse tipo a vida inteira, minhas irmãs também. Acontece isso o tempo todo: a gente escuta que mulher boa é a que sabe limpar bem uma casa, e não pensa o quanto é desgastante conviver com todos esses “servicinhos” domésticos. Ter o dia todo dedicado a cumprir um cronograma repetitivo para servir a família: fazer comida, lavar, passar, varrer, encerar e tirar poeira. E a poeira nos meus planos, quem tira? Estão todos guardados e sem previsão de saírem do papel. Eu sou mais uma das donas de casa que não tira férias, não recebe salário ou horas de descanso. Desgastante nem é a falta de reconhecimento, mas o fato de precisar estar atenta todo tempo para nada sair dos “conformes”...

Suely começa a maquiar-se de modo rude, deixa alguns itens caírem, e não os recolhe do chão. Parece deixar cair alguns batons e esmaltes intencionalmente. Levanta-se da cadeira e anda em círculos pelo quarto atormentada.

Suely: Meu marido não entende, só de pensar em falar com ele me já me cansa, não adianta nada. É tanta roupa pra lavar e passar, pó pra tirar, planejamento do que todo mundo vai comer, compras, preparar almoço e depois limpar tudo. Fora os deveres de casa do Thiago. Não quero ser vista por aí como uma mulher desleixada, que deixa seu marido e filho andarem mal arrumados ou mal alimentados...Também não dá pra me desligar dos compromissos com a casa. Casa dessarumada é sinônimo de mulher desleixada, não é assim que dizem?

Suely volta para a penteadeira, continua se maquiando, embora visivelmente atormentada.

Suely: Sempre sonhei em ter uma casa como essa, com utensílios de cozinha, mesa farta e quartos confortáveis. Eu não sabia o quanto de minha vida seria gasta nesses confortos. A cama e a comida não se arrumam sozinhas. Mesmo que eu não seja a única a morar na casa, o compromisso de limpar e deixar tudo funcionando é meu! Quando meu marido e filho chegam da rua não repartem as tarefas domésticas. *(pausa)*

E nas raras vezes que pegam algo pra fazer, esperam de mim uma enorme gratidão, já que estão “me ajudando”... como se eles também não fossem responsáveis pela bagunça que fazem.

Suely começa a reconhecer os itens de maquiagem que caíram no chão.

Suely: O que mais me incomoda é a falta de perspectiva. João vive reclamando que faço tempestade em copo d'água ou que fico presa no papel de mulher fresca e temperamental. Ele só enxerga a inveja que a minha vida com ele desperta em outras mulheres da rua, que queriam ter tudo que eu tenho, e vislumbram minha vida com uma história feliz. Isso é quase um troféu para ele, enquanto a vizinhança sofre por ver a grama aqui de casa mais verde.

Às vezes me pego pensando se existe esse ideal de família feliz, ou se é só mais uma coisa pra estimular a frustração da gente. Uma vez ouvi em algum lugar uma frase que dizia assim “As famílias felizes parecem-se todas; as famílias infelizes são infelizes cada uma à sua maneira”. Acho que é bem isso, cada casa tem seus conflitos, os piores são os não ditos, os que nos dilaceram todos os dias...

Suely levanta-se, pega um livro que está na dentro da cômoda, olha para a platéia e recita o poema.

Segue o teu destino,
Rega as tuas plantas,
Ama as tuas rosas.
O resto é a sombra de árvores alheias.
A realidade sempre é maios ou menos
Do que nós queremos.
Só nós somos sempre iguais a nós próprios.
Suave é viver só
Grande e nobre é sempre viver simplesmente.

Fernando Pessoa

SEGUNDO ATO

Toca a campainha, Suely levanta-se para atender. Ao chegar à porta reconhece pelo olho mágico Simone, a vizinha que traz consigo uma maleta com materiais para fazer unhas. Suely pega as chaves e abre a porta.

Suely: Simone, que bom que já chegou! Estava esperando por você para dar um jeito nessa feiura das minhas unhas (*olha para as mãos de modo delicado*).

Simone: Desculpe pelo atraso, o bolo que estava fazendo demorou para ficar pronto. Não existem mais fornos como antigamente. O bolo demorou pra crescer que é uma tristeza, o pior é quando cresce e por dentro ainda está cru.

Suely: Quando acontece isso a gente precisa ficar vigiando, qualquer descuido ele queima.

Simone: Tem o truque de espetar aos poucos com o garfo, vendo se suja as pontas, percebendo a textura...

Suely: Faz tempo que não faço bolo, fazer o trivial já tem me dado tanto trabalho....

Simone: A vida é tão corrida, que se a gente não separar um tempinho para fazer algo que quebre a rotina da casa, as coisas ficam sem graça...

Suely: Talvez seja isso, preciso fazer um bolo pra relaxar, já que outras coisas estão fora de questão...

Simone: Que “outras coisas estão fora de questão”?

Suely: Eu quero voltar a estudar, tá vendo esse livro (pega o livro que está em cima da cama e mostra para Simone), ele cai no vestibular, é de literatura. Eu quero ser professora.

Simone: Você quer ser professora a “essa altura do campeonato”? Já não é tarde demais para isso?

Suely: Eu quero voltar a trabalhar, e não tem profissão mais linda do que a de professora...

Simone: Eu heim! Estudar é algo tão estressante. Não sinto saudade nenhuma da época da escola! E ainda mais ser professora. Ganho muito mais como manicure.

Suely: Eu sinto saudade, e muita! Ler coisas novas, me relacionar com mais pessoas...Isso me relaxa!

Simone: Então você está estressada? O que está chateando você?

Suely: Coisas da vida, ser dona de casa me aborrece... Mas não há nada que uma unha feita não alegre. (*sorri*)

Simone: Pode ser uma boa desculpa para não lavar as louças... (*risos*)

Suely: Nada disso, João comprou luvas de plástico para mim, quando pedi para ele lavar as louças que estavam na pia para não estragar minhas unhas. Disse que era um presente para eu fazer as unhas sem me preocupar...

Simone: Homens são assim mesmo, eles fogem da pia.

Suely: Vamos deixar para papear enquanto cuidamos das unhas? Recuperar esse atrasinho começando agora mesmo! O João e o Thiago não vão demorar para chegar, e o almoço precisa estar pronto!

Suely coloca a poltrona próxima à cama, e retira da mesinha o conhaque com os copos. Suely senta-se na cama, enquanto Simone senta-se na poltrona e abre uma maleta que trouxe com esmaltes e outros itens de manicure, ela coloca alicates, acetona e um potinho vazio na mesinha.

Suely: Precisa que eu pegue alguma coisa para facilitar pra você?

Simone: Você pode trazer um pouco de água morna, para colocar nesse potinho (*mostra o potinho sobre a mesa*), para colocar os dedos e amolecer a cutícula. Aproveita e traz um copo com água fresca para mim também, estou com sede.

Suely: Um minutinho! Bom que já deixo o Frango com as batatas no forno.

Suely se retira, enquanto Simone pega alguns esmaltes da maleta com cuidado, e os separa por cores claras e escuras. Simone retorna com um copo de água e um bule, coloca o copo na mesinha e despeja um pouco do líquido morno no potinho, colocando o bule na penteadeira sobre a bandeja de metal, junto com o conhaque e os copos.

Simone: Qual cor você vai querer passar hoje? Tenho esses esmaltes aqui (*mostra os esmaltes sobre a mesinha*).

Suely: Eu quero passar vermelho hoje, vermelho é poder! (*Pega o esmalte vermelho e o olha com cuidado*) Olha o nome desse esmalte “doce paixão” (*ri meio sem graça*), é bem disso que eu estou precisando...

Simone: Quem não precisa não é? A paixão deixa a gente mais bonita que qualquer maquiagem, cabeleleiro ou manicure...(*risos*)

Suely: Acho que comigo aconteceu isso, a paixão acabou e preciso retocar nem que seja só nas unhas...

Simone: Tô vendo tudo já! Está acontecendo alguma coisa entre você e o João? Está tudo bem? *(começa a fazer as unhas de Suely)*

Suely: Não quero que me vejam como uma pessoa que só reclama, ou que é rebelde sem motivos... O que acontece é o de sempre: a vida, a rotina. Sinto que nosso amor ainda existe, mas a paixão é que faz falta. A cumplicidade do olhar, a vontade de estar juntos. A vida doméstica tem me chateado, é entediante, sem novidades... mas é o papel que me cabe, ele trabalha fora e eu cuido da casa. *(Silêncio, suspiros... Suely continua a falar)*. Ele nunca foi cobrado em aprender serviços domésticos, isso é “serviço de mulher”.

Simone: Eu tive sorte de ter uma filha para me ajudar, dividir as tarefas da casa. Você não pensa em arrumar uma menininha?

Suely: Já não sou nova para isso. E também não quero colocar mais uma pessoa nesse mundo tão cruel... *(risos)*

Simone: Que exagero esse seu! Tenho certeza que você poderia ter mais filhos se quisesse. É tão prazeroso apresentar o mundo para alguém, ver os primeiros passos e palavras...

Suely: Eu ando meio desencantada com o mundo, não quero apresentar ele desse jeito para ninguém.. *(risos)* As coisas precisam mudar. Não gostaria de ter uma filha e vê-la destinada a todo o fardo da casa, assim como eu. Ou se na próxima geração, ela tiver uma família que dê mais facilidades para ela trabalhar fora de casa do que eu tive. Duvido que o pai dela, seria mais maleável com ela...

Simone: Se ela for trabalhar fora, vai ser como é com a Antônia aqui da rua de baixo, vai ter jornada dupla. Por isso eu falo, trabalhar fora é cilada: trabalha dentro e fora de casa.

Suely: Às vezes me pergunto: e se eu não fizer esse papel? Se eu deixar de aprontar tudo na casa, como vai ser? Será que o Thiago e o João vão ver a necessidade de participar? Sempre que peço para eles fazerem algo na casa, eles demoram pra fazer ou fazem mal feito. O João deveria dar o exemplo para o menino querer aprender...

Simone: Mas vocês andam discutindo perto do Thiago?

Suely: Não, evitamos. O Thiago precisa primeiro sair da frente da tela daquele computador. A vida dele é só isso. Mal come aquele menino, só fica jogando online com fones de ouvido.

Simone: Esse é o mal do século, a falta de limites. E esse negócio de ficar só no computador está estragando essa juventude, que não sabe nem conversar mais, não sabe o que é olho no olho...

Suely: Eu já tentei conversar com Thiago sobre isso, ele finge me escutar. Quando ele me responde alguma coisa, fala que precisa jogar para se enturmar com os colegas da escola.

Simone: Fase complicada, adolescente vive lutando por aceitação, isso faz parte da auto-estima deles, não é mesmo?

Suely: Bem isso. Mas o problema é o pai, que se omite quanto a isso. João pensa que é só uma fase, diz que é para deixar o menino se divertir com a juventude dele. Ele acredita que quando for o momento, naturalmente ele vai se desenvolver, buscar por outras coisas. Forçar Thiago a sair do computador é só mais um desgaste, o garoto pelo menos não está fazendo nada de errado, não está desrespeitando ninguém, nem deixando de fazer as coisas de escola.

Simone: Então Thiago não dá trabalho na escola?

Suely: Até que não, ele fica na escola o dia todo fazendo grupos de estudo com os colegas. Às vezes ele não faz as tarefas de casa e o diretor liga para mim, mas acho isso normal, coisas da idade. Eu peço para ele fazer, e o diretor fica tempos sem voltar a telefonar, mas de vez em quando acontece.

Simone: Que bom, ele é um bom menino então!

Suely: Para o pai dele, ele é incrível, o orgulho da casa. Eu fico chateada com Thiago por não conversar mais comigo e não lavar nem o prato que come. Não fico reclamando sempre perto dele, mas tenho certeza que ele sabe que não estou feliz quanto a isso. Tento poupá-lo, mas queria ensinar ele a dividir as tarefas em casa, torná-lo um futuro adulto diferente do pai, mas não tenho força... O João não é um bom exemplo para isso, e também não vê importância nesse tipo de aprendizado. Como minha mãe dizia que a palavra educa, mas o exemplo arrasta! Já consigo ver a família que o Thiago vai ter no futuro, se queixando disso que desabafo hoje...

Simone: Então você não fala com ninguém? Nem com o João?

Suely: Eu até que tento, mas não sinto que sou ouvida. Eu vejo nisso um grande egoísmo da parte deles, só eles se cansam? E eles também não sujam a casa em que vivem? Porque só eu preciso limpar? Eu já estou de saco cheio, preciso de mudanças e urgente! Como posso ter convívio com outras pessoas, fazer novas amizades, se a casa

já me ocupa tanto? Como posso entrar em um curso e voltar a estudar, se a casa sempre deve ser prioridade? E trabalhar fora, então? Algo impensável...

Simone: Meu marido também não me deixaria fazer essas coisas, já é um custo sair de casa para fazer unhas de algumas amigas, imagina trabalhar para um patrão que ele não conhece...*(Risos)*

Suely: Queria eu ter compromissos fora de casa, voltar a estudar, trabalhar e conhecer novas pessoas. Acho que diversificar minhas atividades poderiam diminuir meu tédio e cobrança nas tarefas do lar. E esse é o resumo breve do que ando fazendo da minha vida. Direciono a minha energia numa casa, que para os outros, se faz sozinha.

Simone: Bem vinda à vida doméstica! Ninguém tinha me avisado que depois que entra não dá pra sair! *(risos)* Quem diria que brincar de casinha seria algo definitivo! Pena que a diversão disso é só na infância...

Suely: Eu gosto de estar casada, e o Thiago é o amor da minha vida! Um presente que o João me deu. O problema é exercer esses papéis em tempo integral, sem férias. Sem tempo pra mim... E além de tudo, tenho que sempre estar bem humorada, arrumada e cheirosa. Ando me sentindo tão feia, e velha. A idade da gente mal chega e parece que a culpa é nossa de envelhecer.

Simone: Não é assim Suely! Não se sinta desse jeito, você é linda, a idade não atingiu sua beleza! E as unhas vão ficar maravilhosas! Eu garanto!!

Suely: Não adianta me enganar! O tempo passa e é pra todos. O problema é lidar com a culpa...O corpo obedece a lei da gravidade, e sinto que a culpa é minha de não ter feito mais exercícios ou me alimentado direito, ou passado protetor solar a cada três horas, sem contar os anti-rugas que deveriam ter sido usados a partir dos 20 e poucos anos. Acho que se as mulheres não tivessem que se responsabilizar tanto em serem belas, as indústrias de beleza iriam a falência.

Simone: Com esse pensamento seu, ninguém faria nem unhas mais, e eu estaria frita! *(Risos)* Quanta revolta! Eu não me sinto mal de ser uma mulher madura, o corpo não é o mesmo, mas as experiências que vivi valeram a pena. É melhor aceitar que dói menos!

Suely: “Mulher madura”? Eu odeio essa expressão. Esse é o jeito de falar para amenizar a idéia que todo mundo tem, de uma mulher que já não é tão bela e produtiva como na juventude, e por isso vale menos. Não é apenas uma característica, é algo depreciativo. Enquanto os homens maduros, muitas vezes são associados a galãs, bem-sucedidos e experientes em todos os assuntos, passam segurança. Já viram as propagandas que tem mulher madura? Só se for de produtos pra casa, dentadura ou creme rejuvenescedor.

Simone: Eu nunca tinha atentado a isso...

Suely: Não que sejam todas as propagandas, mas a maioria é sim! Como se esse tipo de público só consumisse esse tipo de produto (*risos*). Essa vaidade que nos cobram é pesada, qualquer desvio e somos julgadas, derrotadas... O marido traiu? Ela que deixou de ser interessante e boa esposa, o marido só foi procurar fora o que não tinha em casa. O marido não para em casa? Ela que não faz do lar um ambiente agradável, vive reclamando e por isso ele precisa sair. O marido anda amassado? Essa esposa dele é mesmo uma desleixada...

Simone: Eu já ouvi dessas coisas... Mas tem esposa que é ruim mesmo! A Amélia daqui da vizinhança por exemplo, ficou muito mal falada, o marido largou dela porque ela dava papo pra todo mundo do bairro, certeza que ela não era certa...

Suely: Eu não conhecia a Amélia de perto, e não posso garantir que ela traia, ou que não era boa esposa... isso é fofoca de gente que não tem mais o que fazer. A gente sempre ouve que mulher que é mal amada, é porque mereceu, não se manteve atrativa e interessante, não sabemos como a Amélia se sentia com o marido, só se cobra sua dedicação cega ao matrimônio. A gente pode controlar nossas ações, mas não o que se sente. E posso dizer por mim, que por mais que não fui descuidada em nada, sinto um vazio, que nada e nem ninguém pode ocupar. Frustração é o que me esvazia, sonhos sem previsão de acontecerem...

Simone: Sonhos? Você é mesmo tão romântica...

Suely: Romântica não! Sei que minhas vontades não são difíceis de se tornarem realizadas. Queria ter estudado, feito uma faculdade, me tornado alguém importante, uma psicóloga, jornalista, professora... Viajado mais, conhecido gente e tido mais tempo pra mim. Seria egoísmo meu? O problema é que não consigo não pensar nisso, e ao mesmo tempo, não consigo pensar em deixar meu filho e marido na mão. Mesmo que às vezes queira, não dá. Eu estou decidida, ainda serei uma professora atuante, mas não sei quando e nem como, e isso é o que me frustra.

Suely pega um porta-retrato que tem a foto da família, começa a olhá-lo, e diz:

Suely: Meu filho na verdade não nasceu de mim, mas no meu coração é como se fosse meu. Adoro cuidar desse menino, ver que esta crescendo, ainda me lembro do primeiro dia na escolhinha, das festinhas de dia das mães. Ele cantava e dançava olhando para mim, me emociono só de lembrar...

Simone: Filhos dão trabalho, mas ensinam a gente um amor diferente. Não me imagino sem os meus.

Suely: Eu não queria viver sem o Thiago, só gostaria que algumas coisas fossem diferentes. O problema é que as necessidades dele me ocupam o dia todo, é o cuidado com suas roupas, suas bagunças, seus deveres de casa. Ele já não é mais uma criança, poderia ser mais responsável, com 16 anos eu já tinha tantos compromissos domésticos. Com ele funciona diferente, ele fica só no computador e eu tenho que ficar lembrando: “Menino você já tomou banho hoje?”; “Vai comer só isso? Desse jeito não cresce!”. E se ele deixa um dever de casa na escola sem fazer, o bilhete de advertência vem logo no meu nome ou o diretor já me liga querendo receber satisfações do ocorrido. E posso dizer que mesmo amando este menino, gostaria de ter mais tempo pra mim.

Simone: Eu acho que maternidade não é vocação, nem toda mulher sabe ser boa mãe. Não sabia que ele não era seu filho biológico, que nobre da sua parte ser tão próxima dele. O Thiago tem sorte de ter uma madrasta como você. Filhos dão trabalho, mas valem a pena, é um amor diferente que muda tudo...

Suely: Muda mesmo, mas eu sinto que tenho mais reponsabilidade com o menino do que o pai, aí tenho mais um motivo para ficar chateada. Seria tão mais fácil se o João se abrisse mais para se aproximar dele.

Simone: João também é distante de você? Ou só do filho?

Suely: Não posso reclamar do meu marido, ele é muito bom comigo, faz tudo que uma mulher quer. Ele esteve comigo em meus piores momentos, é minha família, meu porto seguro. Eu só não me conformo em não poder contar com ele para ter uma vida mais independente, ganhando meu dinheirinho, tendo uma profissão.

Simone: Você quer ajuda dele para ser mais independente? E você acha que isso é possível? Depender de alguém para ser independente? Eu não entendo...

Suely: Eu preciso que ele ajude mais em casa, para me liberar para fazer outras coisas, como trabalhar, estudar...

Simone: Isso você já falou, mas você acredita que ele vá fazer alguma coisa em relação a isso se não concorda com sua saída de casa?

Suely: Ele deveria querer me ver feliz acima de tudo, assim como faço com ele e o Thiago, abro mão de tanta coisa para fazer tudo por eles...

Simone: Mas fica aí nessa lamentação toda. Não pode ficar reclamando do João desse tanto não! Ele tem os defeitos dele, mas se é difícil com ele, pior sem ele. Se ele te larga

você não arruma outro desse não. Homem bom tá em falta, precisa valorizar e passar por cima desses probleminhas.

Suely: Não falta muito pra minha vida ser boa. O problema é que a vida doméstica me mata aos poucos, sinto que estou desperdiçando meu tempo fazendo só isso. O João é contra eu trabalhar fora, mas sei que a dificuldade não está só nele. Já ouvi falar de tantos entrevistadores de emprego que arrumam entraves para uma mulher trabalhar! As perguntas giram em torno da capacidade de conciliar o papel de mãe, esposa e dona de casa, com o emprego. Duvido que um homem que tenha um filho recém-nascido já deixou de ser contratado por isso, enquanto que para nós, mulheres...

Simone: Porque você não tenta arrumar um emprego então?

Suely: Já tentei participar de algumas entrevistas de emprego, mesmo escondido do João, e sempre que me perguntam se tenho filhos, e digo que sim... Me perguntam a idade, e assim descubro que dezesete anos, mesmo não sendo uma criança ainda me impedem de trabalhar. Sempre tenho que ouvir a pergunta “Quem vai ficar com seu menino?” E eu respondo, ele tem pai, e já consegue fazer as coisas dele.

Simone: É verdade, mas você nunca deixou ele sozinho, será que ele consegue se virar?

Suely: E é bem isso que o entrevistador do trabalho disse, viu no meu currículo que nunca tive trabalho formal, e me questionou se eu não faria falta em casa. Resultado: não consegui o emprego.

Simone: Você tem é sorte do João ter um bom emprego, e você não precisar se preocupar com nada! Fica reclamando de boca cheia! Eu faço unhas é pra ajudar a comprar a mistura lá de casa, meu marido ganha um salário que dá pra suprir as necessidades, mas não dá pra comprar carne todo dia.

Suely: Nossa Simone, estou aqui desabafando com você, e queria muito que não me julgasse. Não tenho com quem conversar. Você é minha amiga mais próxima, e que cuida de mim, me conhece e convive com minha família.

Simone: Tudo bem, eu entendo. Pode contar comigo, somos amigas. Só tento te mostrar que sua vida é boa, você precisa aceitar suas responsabilidades domésticas, é o mínimo que pode fazer por um marido tão dedicado, que não te trai e que traz todo conforto pra dentro de casa.

Suely: Eu sei que o João é bom, agradeço sempre por ter ele em minha vida. Talvez o problema esteja mesmo em mim, sempre acho que nunca fui o bastante, minha inteligência não é meu ponto forte, nem minha beleza. Me sinto gorda, cheia de marcas na pele, feridas mal cicatrizadas, fora as outras coisas no meu corpo que não gosto, mas

não há medicina que dê conta da minha insatisfação! Acho que por mais que tenha tanta gente na minha vida, sou predestinada à tristeza e a solidão, mesmo conquistando uma família, coisa que é o sonho de toda mulher. “Ou não seria?”...

Simone: Você esta querendo muito do João, precisa ser mais realista! Um homem não vai ter a mesma cabeça que você, ele vive outras coisas, isso é natural. Seu problema é a auto-estima, acho que você só precisa de um banho de loja, e tudo vai estar resolvido!

Suely: Talvez você não esteja me entendendo. Um banho de loja não vai resolver minha carência. Sinto falta dos meus pais, fico imaginando o que eles diriam ao conhecer minha família. Minha mãe e meu pai não me viram ficar adulta, eles mal sabem quem eu sou... Meu pai nunca foi muito próximo, mesmo quando morávamos juntos. Mal falava comigo, mas tenho certeza que percebia que algo em mim era diferente dos filhos de seus amigos. Não brincava como eles, não me sentia a vontade com minhas roupas, meu cabelo... Nem eu compreendia o que passava em minha cabeça, achava que era a passagem da infância para a puberdade. Mal sabem eles que fui arrumar um marido já adulta, uma família dessas de comercial de margarina, numa casa bonita e com a mesa farta...Só que, pensando bem, eles nem precisam saber disso.

Simone: Não sabia que você não tinha contato com seus pais. Você precisa procurar por eles, com certeza vão amar o João e o Thiago. Já falou com o João sobre isso? Ele pode te ajudar a procurar pelos seus pais!

Suely: Eu não sei se quero procurá-los. Não sei se estou pronta pra isso, ou a reação deles, quero esperar para ter certeza. Por agora posso dizer que sinto um desajuste... É bem essa palavra a que me define. Estou no meio, mas não consigo me sentir parte.... Como foi com meus pais, e agora com meu marido e filho. Talvez não seja feita para me adaptar ao papel que esperam de mim... Será que estou errada? Ou o papel é que não me cabe? Talvez tenha nascido na época errada, esses são tempos difíceis para sonhadores. Não me identifico em viver e ter que me sentir realizada prendendo-me aos desejos dos outros. Primeiro foi papai e mamãe e agora esse homem que diz me amar, mas não faz nada ao me ver chateada por tantos anos.

Simone: Você duvida do amor do João? Ele já fez algo pra você ficar desconfiada?

Suely: Não, o João me ama, tenho certeza disso. Ele me conheceu quando eu estava vivendo um momento muito conturbado, e continuou do meu lado. O problema é o jeito dele me amar, um amor que não me conforta mais, não muda as condições que me chateiam, que não me permite sonhar. Minha ânsia de viver plenamente me amarrava a desempenhar meus sonhos de ser mulher, me completar ao ter família e filhos, poder me

produzir e gostar do que vejo no espelho. Pena que só fui descobrir que não seria plena nessa situação, quando já estava nela. Meu sonho de independência e aventura se limitava ao que era possível desempenhando a maternidade, o matrimônio...

Simone: Você quer a liberdade de ser solteira, estando casada? Se é isso o que você diz, tome cuidado com o seu casamento! Nenhum homem aceitaria esse tipo de coisa!

Suely: Eu não acho que o casamento tem que ser assim, não é certo prender ninguém. Eu ainda acredito em um amor incondicional, que una a família mas não sobrecarregue ninguém, e até acho que o João toparia isso se conseguisse me entender. Ser mulher é pra mim muito mais do que vivo hoje. Será que todas sentem essas coisas que eu sinto? Ou será que é tudo coisa da minha cabeça? Marido e filho são pesos como âncoras só pra mim? Um dia quero parar de pensar no que poderia ter feito da minha vida, mas ainda não consigo. Não vou ficar falando disso toda hora, que também não quero ser desagradável. Mas, agora, precisei desabafar.

Simone: Poupe o João e o Thiago dessas suas reclamações. Não dá pra mudar. Cabe a você o papel de mãe, esposa e dona de casa. Você já sabia que era assim, só não se via vivendo assim, não lembra da sua mãe? Sua avó? Elas também passaram pelo que nós estamos passando. João e Thiago não são seus algozes, são pessoas que querem você por perto e contam com você. Seja mais flexível, que é melhor para você, viver nessa angústia só te fará mal, e eles não vão mudar, as coisas são assim mesmo...

Suely: Minha família sabe de muitas das minhas insatisfações, mas não fico falando toda hora, não adianta...Se eu pudesse “apertar um botão” e tudo se resolver seria maravilhoso...não sei como fazê-los pensar sobre colaborarem mais para o funcionamento da casa, essa é a minha grande frustração. Eu não vou ficar falando disso o tempo todo, frustrações são como segredos, não devem ser compartilhados abertamente, nunca se sabe com quem pode-se contar. Foi assim que me ensinaram. Meu marido é muito próximo a mim, mas não entende muita coisa... Todo casal tem segredos, e nós também temos os nossos.

Simone para de fazer as unhas de Suely, pega uma das mãos dela e olha com cuidado, e depois faz o mesmo com a outra.

Simone: Acabei de fazer sua unha. Agora é só esperar secar. Você também quer fazer as unhas dos pés?

Suely: Não precisa, pode ficar para outro dia. A gente marca na próxima semana. (*olha para as próprias unhas da mãos*)

Simone: Você gostou? Essa cor é tão marcante! (*recolhe os materiais, voltando-os para a maleta*)

Suely: Adorei, quem sabe essa cor ajuda ?

Simone: Torço para que você e o João se acertem, casal bonito como vocês são raros. Você só precisa por essa sua cabecinha no lugar! Homem nenhum vai ser como a gente quer, eles não fazem por maldade... Fica em vinte reais. Se você preferir podemos acertar o pagamento para a próxima semana, aí você já paga as unhas dos pés e das mãos.

Suely: Melhor ainda, mas não vai ficar apertado para você?

Simone: Nada! Podemos deixar para a semana que vem.

Suely: Você quer almoçar com a gente hoje? O frango deve estar quase pronto!

Simone: Não, meu marido me espera em casa. Preciso almoçar com ele e as crianças.

Suely: Tudo bem, então acompanho você até a porta.

Simone coloca novamente a poltrona próxima da penteadeira. E se despede da amiga.

Suely: Não precisava se preocupar, eu vou arrumar o quarto daqui a pouco.

Simone: Não custa nada ajudar uma amiga! Bom almoço para vocês.

Suely e Simone saem do quarto. Simone esta com a maleta em mãos.

Suely volta para o quarto, pega o livro e recita o poema enquanto olha-se no espelho :

"Vem por aqui" — dizem-me alguns com os olhos doces

Estendendo-me os braços, e seguros

De que seria bom que eu os ouvisse

Quando me dizem: "vem por aqui!"

Eu olho-os com olhos lassos,

(Há, nos olhos meus, ironias e cansaços)

E cruzo os braços,

E nunca vou por ali...

A minha glória é esta:

Criar desumanidades!

Não, não vou por aí! Só vou por onde
Me levam meus próprios passos...
Se ao que busco saber nenhum de vós responde
Por que me repetis: "vem por aqui!"?
Prefiro escorregar nos becos lamacentos,
Redemoinhar aos ventos,
Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,
A ir por aí...
Se vim ao mundo, foi
Só para desflorar florestas virgens,
E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada!
O mais que faço não vale nada.
E vós amais o que é fácil!
Eu amo o Longe e a Miragem,
Amo os abismos, as torrentes, os desertos...
Ah, que ninguém me dê piedosas intenções,
Ninguém me peça definições!
Ninguém me diga: "vem por aqui!"
A minha vida é um vendaval que se soltou,
É uma onda que se levantou,
É um átomo a mais que se animou...
Não sei por onde vou,
Não sei para onde vou
Sei que não vou por aí!
José Régio

TERCEIRO ATO

Suely retorna para o quarto e se olha no espelho, Thiago entra com a mochila do colégio nas costas.

Thiago: Oi mãe, cheguei!

Suely: E aí como foi na escola?

Thiago: O mesmo de sempre, aquela chatice! O pai já chegou?

Suely: Deve estar a caminho, a essa hora ele já deveria ter chegado.

Thiago: Ele precisa assinar meu boletim da escola! Hoje quase fui mandado para fora de sala porque não levei a assinatura dele! Eu já tinha pedido pra ele assinar, mas esquecemos.

Suely: Eu posso assinar para você! Que matéria que é?

Thiago: É Biologia (*pega na mochila a prova que estava dentro do caderno*).

Suely: Mas que nota é essa Thiago? Três e meio em dez? O que aconteceu meu filho!

Thiago: Por isso que prefiria que meu pai assinasse, ele não começa esses seus sermões...

Suely: Mas uma nota dessas é um absurdo!

Thiago: É a professora que é ruim, não sabe explicar direito. Aquela “gostosa” só serve para dançar nas festas de formatura...

Suely: Respeite sua professora! Você acha que ela fará milagre? Aposto que não estudou em casa nadinha...

Thiago: Eu fui nos grupos de estudo, fiz exercícios...

Suely: Deixa eu ver esse seu caderno! (*pega o caderno das mãos de Thiago*)

Thiago: Isso é uma invasão de privacidade!

Suely: (*folheia as páginas do caderno cuidadosamente, olha perplexa para o que vê, olha para Thiago que a olha fixamente.*) Que desenhos são esses?

Thiago: Eu disse que era invasão de privacidade! Não quer ver, não “fuça”

Suely: Esse caderno deveria ter matérias da escola, e você fica só desenhando “mulher pelada” e escrevendo frases soltas sem sentido... O que é CDVA?

Thiago: Comando de Viação Armada, é do jogo online que eu sou o capitão!

Suely: Entendi o motivo desse boletim vergonhoso seu! Esses jogos online só te ensinam o que não presta, violência e pornografia!

Thiago: Todo mundo na escola joga.

Suely: Eu duvido que “todo mundo” tem um caderno tão incompleto como o seu, e com esses desenhos pornográficos! Tenho até medo desses seus colegas de grupo de estudo! O diretor vai me ligar qualquer dia desses e eu vou falar seriamente sobre você com ele, não tenho mais o que fazer com esse seu vício no computador!

Thiago: Tudo isso porque me sai mal em Biologia?

Suely: Essa nota sua já é o de menos, essa banalização da violência e da pornografia que está me preocupando! Já falei para seu pai tirar esses jogos de você!

Thiago: Eu vou estudar para a prova de recuperação, não precisa tirar meus jogos. Eles não me atrapalham em nada! Eu preciso relaxar também!

Suely: Quando seu pai chegar conversaremos sobre essa sua situação! Vou na cozinha olhar o frango no forno. E eu me recuso a assinar sozinha esse seu boletim, seu pai precisa ver isso! Vou mostrar para ele também o seu caderno *(põe o caderno debaixo do braço e leva para a cozinha)*

Suely sai de cena, e Thiago tira os sapatos e fica descalço, começa a procurar por algo dentro do quarto. Olha em baixo da cama, abre as gavetas, e pega o notebook que estava dentro da cômoda da mãe.

Thiago: Minha mãe é mesmo doida, ela ainda tenta esconder meu computador de mim. Eu já sei de todos seus prováveis esconderijos. *(risos)* O almoço ainda vai demorar, então sempre dá pra combinar um joguinho para mais tarde com o pessoal.

Suely grita da cozinha:

Suely: Thiago, vem pra cozinha me ajudar, to terminando de preparar as coisas.

Thiago: To cansado, vou deitar um pouco.

Suely: Tudo bem, mas não demore.

Thiago: Tá mãe!

Thiago se senta com as pernas em cima da cama da mãe, apóia as costas na cabeceira da cama, e coloca o notebook em seu colo.

Thiago: Lá na escola não pode mais levar computador, até celular eles estão implicando agora. Falam que atrapalha as aulas. Quando eu fico no meu computador não acho que incomodo ninguém, não faço barulho, tenho meu fone de ouvido.

Suely chega no quarto usando avental sobre as roupas.

Suely: Eu podia adivinhar que ia te encontrar no computador.

Thiago: Estou organizando os deveres de casa mãe.

Suely pega o notebook pela beirada e vira-o para poder ver o que Thiago está fazendo, sem tirar do colo do garoto.

Suely: E seu dever de casa tem algo a ver com dirigir aviões em guerra por acaso?

Thiago: Mãe, você não deve lembrar nada de História. Nunca ouviu falar em Primeira e Segunda Guerra Mundial (*risos*)?

Suely: Eu não sou boba, sei que você só está perdendo tempo nesses joguinhos online.

Thiago: Eu estava jogando só até o almoço ficar pronto.

Suely: Então pode vir para a cozinha, que já está quase pronto.

Thiago: Já estou indo (*e volta a olhar para a tela do computador*)

Suely sai do quarto com cara de insatisfeita com o descaso do filho.

Thiago: Já consegui marcar a Lan House com os amigos hoje, vai ser muito bom “zerarmos” todas as fases do jogo dos aviões. Meus pais pensam que vou para a escola, essas mentiras são necessárias às vezes...

QUARTO ATO

Suely chega no quarto trazendo Felipe, amigo de Thiago.

Suely: Olha só quem chegou para almoçar com a gente!

Thiago se levanta da cama para cumprimentar o amigo. Coloca o Notebook na cama.

Thiago: E ai cara! Não sabia que você apareceria por aqui hoje! (*olha de modo apreensivo*)

Felipe: A gente tinha marcado não lembra?

Thiago: Lembrava não!

Suely: Não se preocupem que tem comida para todo mundo almoçar hoje! Vou lá na cozinha colocar mais um prato na mesa.

Suely sai do quarto e deixa os meninos conversando.

Thiago: Fiquei com medo de você falar bobagem perto da minha mãe!

Felipe: Como assim, cara?

Thiago: Ela não sabe que a gente joga todas as tardes na Lan House, eu falo para meus pais que eu vou na escola fazer parte de um grupo de estudos.

Felipe: Caramba, então você também dá a mesma desculpa que eu.

Thiago: Tem que ser, senão eles não me deixam sair.

Thiago volta a se sentar na cama, escorando as costas na cabeceira. Ele volta a colocar o notebook em seu colo. Felipe se senta também no colchão da cama de frente a Thiago. Deixa a mochila que estava em suas costas aos pés da cama.

Thiago: Cara, você já viu a fase 37 do jogo?

Felipe: Caramba, você já chegou até aí? Eu ainda estou na fase 22. Aquela dos tanques de combustível sabe?

Thiago: Essa é fácil. Hoje a gente precisa fazer juntos a fase de equipe, estou louco para “zerar” esse jogo todo.

Felipe: Eu também, mas não tive tempo para jogar muito. Minha mãe fica no meu pé.

Thiago: A minha também, nem por isso deixo de jogar.

Felipe: Se eu tivesse uma mãe como a sua, não desobedeceria. *(Faz gestos com as mãos fazendo referência as curvas do corpo de Suely)*

Thiago: Olha o respeito rapaz, minha mãe não é para o seu “bico”!

Felipe: Disso eu sei, mas o olho não tem cerca.

Thiago: Mas deveriam! Respeito é bom e conserva os dentes! Cuidado com suas palavras sobre minha mãe!

Felipe: Credo cara, todo mundo lá da escola comenta da sua mãe. Você deveria saber disso já...

Thiago: Sei, mas não gosto. Quero respeito com ela. Minha mãe, poxa! Ou melhor madrasta.

Felipe: Você é adotado? Não sabia!

Thiago: Não, ela casou com meu pai. Minha mãe biológica já morreu.

Felipe: Foi mal.

Thiago: Sem essa, nem conheci minha outra mãe. A Suely é minha mãe e pronto. Não fico chamando ela de madrasta.

Felipe: Seu pai é que foi muito sortudo.

Thiago: Olha o respeito!

Felipe: Desculpa vai, mas que ele teve sorte, é inegável que teve.

Felipe pega a mochila debaixo da cama e tira uma revista, entrega a Thiago.

Felipe: Você viu essa revista nas bancas? Muito “gostosa” essa atriz da capa.

Thiago: Não, eu costumo a ver dessas coisas na internet.

Felipe: Eu bem que queria ver online, mas minha mãe usa o mesmo computador que eu, então é complicado.

Thiago: Eu prefiro online, tem som e movimento. Não é só esse pedaço de papel.

Felipe: Sua mãe é tranquila quanto a isso?

Thiago: Ela não precisa saber. Pego meu notebook depois que ela já está dormindo e vejo essas “delícias”.

Felipe: Me ensina essa estratégia sua! Minha mãe esconde meu computador.

Thiago: A minha também, mas eu encontro sempre.

Felipe: Queria ter uma mãe como a sua, fácil de enganar e que não pega tanto no meu pé.

Thiago: Você que pensa! Papel de mãe é essa chatice, ficar cobrando a gente o tempo todo. Quando o diretor da escola liga aqui reclamando que não fiz dever de casa ela fica louca. Sem contar que fica me pedindo para eu ajudar a lavar a louça e varrer, não gosto dessas coisas.

Felipe: Credo, esses negócios de arrumar casa é coisa de menina. Minha irmã que faz tudo com minha mãe lá em casa.

Thiago: Eu não tenho irmã, por isso ela enche meu saco com isso.

Felipe: Bem que podia né, ter uma irmã igual sua “boadrasta” (*faz sinal com as mãos fazendo referência as curvas corporais femininas*)

Thiago fica com raiva e joga a Revista em Felipe com força.

Thiago: Se você continuar com “esses papos” terei que socar sua cara.

Felipe: “Foi mal!” eu estou é precisando ver essas belezinhas online. (*mostrando a capa da revista*) Vou vir dormir na sua casa para a gente ver junto.

Thiago: Que gay isso cara. Você está me estranhando é? Tenho nojo dessas coisas homossexuais.

Felipe: Estou brincando cara, é só para descontrair. (*Seu rosto mostra timidez, ficou envergonhado*)

Thiago: Meu pai também odeia gays, se você for já avisa que te mando embora daqui de casa agora.

Felipe: Nem brinque com essas coisas, eu também não curto esses caras “anormais”

Thiago: Meu pai vive me falando que eu poderia ser tudo nessa vida, menos “viado”.

Felipe: Meu pai não é de conversar muito comigo, não sei o que ele pensa sobre isso, mas deve ser na mesma linha que seu pai.

Thiago: Meu pai também não, ele vive cansado do trabalho. Ele vem almoçar com a gente mas só conversa com minha mãe. Ele nem me pergunta de garotas...

Felipe: Ele sabe que você é um Nerd que não “pega ninguém” fica só namorando online desconhecidas. *(risos)*

Thiago: Você está maluco! Eu “pego” quem eu quiser, só não me interessa por ninguém daquela escola chata. E esse assunto aqui em casa é “foda”. Hoje o “sinal fechou” quando minha mãe viu meu caderno.

Felipe: Ela viu seu boletim, foi?

Thiago: Viu! *(risos)* Mas ficou louca ao ver os desenhos de mulheres peladas que faço nas aulas, nem tive tempo de falar para ela que eram de anatomia! *(risos)*

Felipe: E olha que você é um artista! Aquela caricatura que você fez do Bernardo ficou indescritível! *(risos)*

Thiago: Aquele viadinho é fácil de desenhar!

Felipe: O cartaz que você espalhou na escola ficou “muito massa”!

Thiago: Psiuu! Cala essa boca sua, que aqui em casa ninguém sabe dessa história!

Felipe: Como você fez para se safar dessa? Você é “o cara!”

Thiago: Eu falei para meu pai, mais ou menos. Disse que era frescura do diretor querendo proteger um “viadinho” que dava em cima de mim, e que eu reagi mal mesmo, não tolero essas “viadagens”. Meu pai falou com o diretor, e me pediu para que minha mãe não soubesse para evitar problemas.

Felipe: Seu pai é muito parceiro! Queria que meu pai fosse assim!

Thiago: Meu pai também detesta “boiolas”, ele até me disse que na minha idade faria o mesmo.

Suely *(grita da cozinha):* Seu pai chegou, vamos esperar ele para almoçar. Chama o Felipe para a cozinha para vocês tomarem o suco que fiz de laranja.

Thiago: Vamos lá cara.

Os dois saem da cama. Thiago deixa o notebook no mesmo local que encontrou. Felipe põe a revista na mochila e coloca-a nas costas. Vão para a cozinha.

QUINTO ATO

João entra no quarto, retira os sapatos dos pés, e coloca chinelos que estavam debaixo da cama.

João (grita para Suely ouvir da cozinha): Estou muito cansado, vou tomar um banho antes do almoço, não precisam me esperar!

Suely (grita da cozinha) : Não se demore, o frango ainda está no forno, mas já está pronto.

João: Tudo bem.

João começa a abrir as gavetas da comôda, em uma delas pega uma camisa, na outra uma calça e na última uma cueca. Olha para as roupas e as coloca no encosto da cadeira. Senta-se na cadeira para tirar o sapatos, enquanto isso fala:

João: Essa comida já está cheirando. É tão bom ter uma mulher que sabe cozinhar e capricha tanto. Tenho que me apressar para conseguir ter tempo de ler o jornal antes do almoço, os negócios precisam que me atualize sempre. Não posso reclamar de trabalhar, conquistei tudo que tenho pelo suor e dedicação ao trabalho, fora as viagens, que embora cansativas, sempre deixam um tempinho pra uma boa cerveja gelada. Tenho a segurança quando estou fora, sei que Suely vai manter tudo como eu gosto, cuidando de Thiago e da casa que montei pra gente morar. Ela dá trabalho, mas é prendada que só. Mas qual mulher não dá?

João levanta-se da cadeira e caminha pelo quarto para pegar a garrafa de conhaque que está sobre a penteadeira, abre e coloca no copo um pouco. Dá uns goles, e continua a falar com o copo na mão.

João: A correria do trabalho, e as preocupações com as contas não me dão descanso. Meu pai falava sempre “O bom homem deve prover o lar”, e eu faço bem o meu papel. Desde que conheci Suely não permito que ela pague nada, gosto de investir para que ela

tenha tudo do bom e do melhor: roupas, maquiagens, salões de beleza, dá gosto de vê-la sempre impecável. Ela vive essa vida de madame, me dá gosto apresentar ao meus colegas da empresa. Não tenho dó em investir no conforto de nosso lar. Carne? Só de primeira! Qual mulher não se realiza em poder brincar de casinha com toda a variedade de utensílios, desde criança é isso que elas esperam. Por isso, dei a Suely muitas panelas. De todas as qualidades. Uma casa e um filho pra cuidar. Vê-la realizada é algo que não tem preço que pague. O único problema é que para mantê-la sem precisar trabalhar, tenho que trabalhar o dobro. Com isso não tenho tempo com ela e com o menino, mas vale a pena, para construir essa família feliz que temos.

João olha para o fundo do copo, balança e bebe mais uns goles.

João: Na verdade Suely já quis trabalhar algumas vezes, e também a pego falando que queria voltar a estudar. Mulher minha deve ficar dentro de casa, fazer valer o meu esforço e cuidar de tudo que construí e de nossa família! Tanta mulher quer ser madame, a minha pode ser uma e não quer, vê se pode isso! Começa querendo trabalhar, depois ela vai querer ir para bar sozinha, ou com amigas solteiras que não valem nada... *(pausa)*

João: Na verdade não me incomodaria tanto se Suely arrumasse outros afazeres, mas sei que os outros vão falar que mulher que trabalha fora é porque o marido não dá conta sozinho... Não quero que digam que não consigo manter minha família, isso fere o meu papel de homem dentro dessa casa! Sem contar que ela nunca teve um trabalho formal, vai arrumar porcaria com certeza.

João enche mais o copo com conhaque, e dá um gole demorado.

João: Têm coisas que são inadmissíveis, minha mulher não pode achar que pode se virar bem sem mim, que é mais inteligente que eu e que pode manter um lar sozinha... Essas coisas sempre dão errado! Daqui a pouco, só falta ela querer mandar em mim! Vai andar toda bonita para o trabalho e vai atrair olhares, sei bem como esses homens da rua são.

João: É melhor manter tudo como está e evitar dor de cabeça desnecessária, não custa nada ela ajudar a manter a casa funcionando. Eu faço de tudo pra ela, e ficar em casa é

bom que evita que ela se estresse. Quero vê-la lidando com patrão, cobranças e compromissos... Não duraria um dia!

João se levanta da cadeira, deixa o copo sobre a mesa, já quase vazio. Pega as roupas que estão no encosto da cadeira, separa a camisa.

João: Eu acho que não vou tomar banho agora, vou esperar depois do almoço, faço isso. (*fala consigo mesmo*). Agora quero mais é relaxar e tomar mais um pouco do meu aperitivo para abrir o apetite.

João pega o copo, coloca mais um pouco do líquido da garrafa, e volta a se sentar.

João: Nunca trai essa mulher, nem pensei em outras. Paquerar a gente sempre paquera, sabe como é. “Tanto rabo de saia” interessante pelas ruas... Mas nunca fiz nada além de olhar. Sei que não gostaria que ela tivesse outros homens, nem em pensamento! E ela também não conseguiria nenhum que fosse um marido tão dedicado quanto eu!

João canta a música enquanto abre uma das gavetas e pega um vestido de Suely, com delicadeza leva ao seu nariz para cheirar, depois toca na pele do rosto com doçura:

Amei
Como ninguém te amou, querida
De ti o menor gesto adorei
Esquecido da própria vida
Perfidia,
Mandaste em troca e eu não esqueci
Das rosas, das orquídeas, das violetas
Que eu dava a ti
Esquecida no ambiente luxuoso
Em que sempre vivias
Tu deixastes que murchasse minhas flores
Meu buquê de fantasias
E agora,
que adoras a quem te magoa

Perdoa pelo bem que eu te quis
Perdoa e serás feliz.

Depois da música (cantada à capela), João continua dizendo...

João: A única coisa que cobro dela é cuidar de nossa família, cuidar da casa, do menino e não trabalhar. Eu encontrei essa mulher na rua da amargura, doente e vítima de uma cirurgia mal feita nos seios. Ela adoeceu pela rejeição do silicone de péssima qualidade que estava em seu corpo. E eu fiquei com ela, até ela ter alta do hospital! Paguei todas as despesas, comprei outro silicone de boa qualidade para substituir o podre que estava nela! Ela sempre foi meio sem cabeça, como pede para um médico colocar um silicone barato em seu corpo? E que profissional é esse? Eu não me arrependo de ter ficado com ela aquele tempo todo, dentro do hospital, dando comida na boca, dando banho enquanto ela não tinha força nem para suportar o seu próprio peso! Eu faria tudo outra vez, só para ver aqueles olhos brilhantes de novo, que me amavam sem dizer nenhuma palavra.

João pega o porta retrato que está no quarto e olha com cuidado, enquanto fala:

João: Os tempos mudaram, quanta coisa melhorou! E eu continuo fazendo tudo o que ela precisa. Custa ela só desfrutar da estrutura que nós temos? Deveria ser uma honra poder administrar uma casa tão boa quanto essa. Ela é meu bibelô, que recebe todos os cuidados que precisa, e que pode contar comigo para qualquer coisa! Eu suporto todas suas loucuras, seus receios, seus vícios ruins, como tomar remédio toda hora e coçar até sangrar as feridas nas costas. Ela não deixa cicatrizar, sagram nos lençóis.

João: Eu já perguntei para ela o que posso fazer para ela parar com essas coisas, ela disse que só vê como solução ela sair do tédio que é ser dona de casa e ir trabalhar, ver gente. Desse jeito ela vai continuar por aqui mesmo, não há o que fazer! Eu tirei essa mulher da rua, e não buscaria ela lá novamente. Me encantei a primeira vista quando ela estava em um bar, sozinha, ela esperava por alguém... sem hesitar fui conversar com ela.

João volta a encher o copo de conhaque, a garrafa que estava cheia, está quase no fim.

João: Mulher em bar sozinha? Isso é coisa de prostituta! Nunca pensei me apaixonar por alguém que fizesse algo tão vergonhoso. Mas temos uma história juntos, aceito todos os seus defeitos e segredos, sei dos traumas que ela têm... tento não falar muito sobre essas coisas, porque sei que acaba sendo tudo uma tempestade em copo d'água. Todo casal têm coisas que não faz bem ao convívio serem ditas, todo mundo sabe que é preciso ter um bocado de silêncio para ter uma convivência mais leve. A gente sempre gosta mais quando conhece menos.

João bebe de novo, um longo gole. Faz barulho com a boca como se estivesse apreciando a bebida.

João: Têm segredos de Suely que também são muito meus, isso faz parte da rotina de todo casal, mas duvido que há homens tão tolerantes quanto eu! Aceito todas as imperfeições que ela têm. Aprendi a conviver com tudo... inclusive com o seu pênis.

João toma o restante da bebida do copo de uma vez. Olha para baixo, faz uma pequena pausa. Em instantes olha para o fundo do copo vazio, e diz, ainda cabisbaixo.

João: Eu não sou gay! Tenho nojo dessas perversões. No início não sabia que ela tinha nascido homem. A mulher linda que vi naquela noite, me encantou de uma vez, não consegui mais ver ninguém naquele bar, só ela. Sempre tão cheirosa, com os cabelos longos balançando. Saímos algumas vezes para conversar, ela nunca omitiu que tinha segredos dolorosos, mas não me dizia o que era. Talvez se ela tivesse dito logo de início, eu tivesse tido a sanidade de ter ido embora da vida dela, antes de entregar meu coração...

João começa a cantar, de modo a rememorar seu próprio passado...

Você cortou o barato
Do meu amor
Você mentiu, iludiu
E me deixou por fora
Você é culpada do meu samba

Entristecer
Ah! Eu vou-me embora...
Agora eu entrego
Os meus pontos
E vou dizer porque
Você é mulher e é bonita
Eu não posso esquecer
Você vai ficar na saudade
Minha senhora
Ah! Eu vou-me embora...
Adeus amor
Eu vou partir
Ah! Eu vou-me embora...(2x)

João: E eu não fui embora... quem ama acaba perdendo a lógica da razão. Aos poucos o passado de Suely deixou de ser um mistério, fui descobrindo que sua família era distante, mal falava com seus pais. Eles a tiraram de casa quando viram que ela não correspondia aos sonhos deles...(raiva) Os meus também ela não corresponde, mas eu já a amava, tolero minhas frustrações. Que família “de merda” é essa! Seus pais não valem um centavo! Hoje ela nem sabe se eles ainda estão vivos!.... Ela acha que eles nunca a aceitariam como a mulher linda que é hoje...(pausa)

João: Ela já me disse algumas vezes que os pais a preferiam morta do que vivendo a perversão da homossexualidade, imagine vestido de mulher? O processo de se tornar mulher foi algo solitário para ela, acredito que isso possa ser a causa de tantos traumas que ela tem. E eu aqui, aceito tudo...

João: Quando descobri que ela tinha um pênis já havia me apaixonado. Me choquei com isso, tive medo do que as pessoas iam falar... bebi demais, encontrei no copo meu refúgio! Nunca me senti atraído por homens, mas ela era uma mulher, confundiu minha cabeça. Quando vi que a mulher mais linda que já vi, com aquele sorriso e olhar doce tinha um pedaço de homem pendendo entre as pernas quase morri de nojo... Me afastei dela, recusei nosso relacionamento! Tive vontade de bater nela, de espancar até matar... mas meu coração me segurou, e a loucura da paixão me fez lutar para ficar ao lado dela.

João pega a garrafa e dá um gole grande e demorado.

João: Até perceber que quase ninguém sabia desse segredo, ela era deslumbrante e enganaria qualquer um. Mas na verdade, porque ela precisaria ficar falando pra todo mundo?

João: Quando percebi que realmente já a amava, resolvi passar por cima desse defeito de seu corpo. Não tolero ver aquele pênis, para mim é como se fosse uma deformidade... E na verdade é, porque senão ela seria perfeita! A avisei de meus limites com o corpo dela, e ela compreendeu que não era fácil pra mim, aceitava meu alcoolismo, minha necessidade de fuga às vezes... Então ela aprendeu como cuidar de tudo para evitar isso. Ninguém nessa cidade sabe de nosso segredo, ela não é daqui, e seu passado também pouco me interessa. Já sei mais do que gostaria.

João vira a garrafa toda de uma vez, bebe tudo e levanta-se.

João: Quando a via triste algumas vezes, me preocupava com seu bem estar, até que um dia em um desabafo, ela me disse que mesmo que tenhamos uma vida tão boa, não satisfaço os sonhos dela... Me disse que aspirava viajar, conhecer pessoas, voltar a estudar. Não acredito que esses sejam sonhos de uma mulher casada. Pra ficar comigo ela tem que aceitar minhas regras, eu já aceito tanta coisa vinda dela, segredos que nenhum homem aceitaria. Ela deveria me agradecer por tudo que ofereço a ela, e não ficar inventando moda ... Mulher de verdade só se realiza na maternidade e com um bom companheiro, ora. Ela têm tudo, conseguiu até ser aceita como mulher por todos, às minhas custas, e ainda fica reclamando... Dei a ela tudo o que toda mulher sonha desde criança. Ela deveria ser menos mal agradecida, e se satisfazer em estar aqui comigo, fazendo o nosso almoço e vivendo como uma mulher direita, com filho e uma bela casa pra morar.

SEXTO ATO

Ouve-se o grito de Suely no corredor:

Suely: Já está pronto João? Terminou seu banho? Vamos almoçar?

João se olha no espelho da cômoda, pega o pente e ajeita o cabelo, Suely chega no quarto de avental, enquanto isso:

João: Acho que vou deixar pra tomar banho depois, estou com fome.

Suely: Então venha tirar o frango do forno, que eu preciso terminar de me maquiar.

João: Maquiar-se pra que, se só vamos almoçar em casa?

Suely: Para que você me veja sempre linda.

João: Do jeito que eu gosto! Estou indo na cozinha.

Suely: Ainda não! Melhor você esperar no quarto que precisamos conversar...

João: Está bem, mas eu estou com fome!

Suely entra no quarto ajeitando o cabelo, coolca o caderno em cima da cama, e João esconde a garrafa debaixo da cama, esquece de guardar o copo. Ele vai de encontro a ela, para tentar abraça-la:

João: Eu estava com saudades desse cheiro! Não precisa se maquiar, já está linda!

Suely desvia de seu abraço, e começa a falar:

Suely: E eu odeio esse seu cheiro de conhaque barato! Cadê a garrafa que estava ali? (*Suely aponta para a penteadeira*)

João: Se fosse caro tudo bem? (*João tenta abraçar Suely que se esquivava de novo*)

Suely: Não me venha com gracinhas que eu vim falar com você de um outro assunto sério. Mas não sei se você está em condições de me ouvir. Ainda é meio dia, e você já está bêbado.

João: Não me venha com chatices, você sabe que preciso disso para suportar a dureza do dia a dia.

Suely: Vou deixar isso para lá, preciso falar de outra coisa, um assunto antigo, que você bem sabe do que se trata. E não é esse seu vício em beber todo dia antes do almoço. Esse seu probleminha eu já superei, ou desprezei, sei lá!

João: Bebo para relaxar, você deveria respeitar o descanso de seu marido. Não sabe o quanto é desgastante acordar cedo, cumprir horários e encheção de saco de chefe.

Suely: Adoraria saber o que mais tem pra ser feito além de arrumar casa.

João: Eu estava todo carinhoso, e você já vem estragar...

Suely: Você não sabe como me mata esse seu descaso sobre um assunto tão importante, já te falei outras vezes, minha vida não pode continuar como está, essa rotina e monotonia estão me sufocando!

João: Podemos comprar um cachorrinho pra diminuir seu tédio...

Suely: Não é isso que me falta, e você bem sabe... quero trabalhar, ter outros compromissos, conviver com pessoas...

João: Você está é querendo arrumar um espaço pra me trair... sei bem como é, fala que quer novos ares, e depois vai querer é se livrar de mim...

Suely: Eu te amo, não é por trabalhar e ter menos horas em casa que algo precisa mudar na gente...

João: Quem me garante isso? E você vai dar conta de nosso filho e da casa? E também não te quero de mau-humor e cansada. Dou para você vida de madame e você quer virar gata borralheira, quem entende essas mulheres?

Suely: Não é possível que você não entenda... eu só quero ter um espaço pra mim, me ver fazendo outras coisas! Com certeza consigo conciliar casa, família e casamento.

João: Dúvido que depois de trabalhar você conseguiria continuar tão cuidadosa e linda, não terá tanto tempo pra se cuidar, e pra acompanhar o crescimento de nosso filho! Crianças precisam de cuidado para crescerem no bom caminho... você não quer que o Thiago fique rebelde e se perca? Depois terá que arcar com as consequências!

Suely: Ele já tem dezesseis anos, não precisa que fique de olho nele o tempo todo. Meu avô na idade dele já trabalhava e ajudava em casa. O Thiago não sabe nem lavar uma louça, só fica naquele computador ouvindo explosões e matando gente virtual em jogos de guerra.

João: Já te falei que isso é coisa da idade, ele só precisa que sejamos compreensivos e estejamos por perto para apoiar no que ele precisar. Ele não incomoda ninguém, não faz barulho. Tem muito menino na idade dele que só quer ficar na rua, ele é um menino bom! Só passa as tardes na escola.

Suely: Viu como ele não precisa que eu fique por conta dele! E ele não é tão bom como você pensa! O Diretor ligou hoje de novo, logo cedo, antes da manicure vir fazer minhas unhas. Ele reclamou que o Thiago não está fazendo Educação Física, ele fica só no celular com os colegas.

João: Educação Física? Que matéria mais inútil! Alguém reprova nisso? Deixa o menino curtir com os amigos, essa fase passa tão rápido.

Suely: E não foi só isso, o diretor nos chamou para uma reunião. Ele disse que Thiago tem sido agressivo com um colega da escola, ele chacota o menino chamando-o de gay!

João: Isso é coisa da idade. Eu não irei nessa reunião, se quiser pode ir sozinha! E outra coisa se o menino é gay, qual o problema de falar? Ninguém sai ileso do ensino médio. Se for gay afeminado então, merece ser zombado!

Suely: Mas que absurdo ouvir essas coisas vindas de você!

João: Não leve para o lado pessoal Suely. Você é um caso especial, mas esses “viadinhos” tem que ser muito zombados para aprender a ser gente!

Suely: Você está me irritando (*Raiva*). Olha a educação que você quer para seu filho! O seu filho vai virar aqueles caras que me perseguiam na rua para me bater, tentar me violentar. Eu não fazia nada para eles, e se achavam no direito de me ferir!

João: Eu não gosto de saber desse seu passado! Você sabe que se não tivesse me apaixonado por você, nossa história teria sido diferente!

Suely: O que você teria feito? Me batido? Me matado? Eu seria só mais uma nas estatísticas...

João: Não vamos pensar em hipóteses infundadas, não foi assim que aconteceu, não é mesmo?

Suely: E você já viu esse caderno do Thiago? (*Pega o caderno em cima da cama e aproxima-se de João para mostrá-lo*)

João: Mais uma nota vermelha em biologia? Essa professora deve ser péssima!

Suely: Agora entendo de onde Thiago arruma suas desculpas para seu péssimo desempenho escolar!

João: Mas essa professora é famosa por andar de shortinho no bairro no fim de semana, frequentar bares sozinha, não sei se ela é uma boa influência para os alunos.

Suely: O que ela faz na vida particular dela não nos interessa, o Thiago precisa se dedicar para algo que preste! Olha esses desenhos!

João: Eu já tinha visto alguns desses que ele fez.

Suely: Só pornografia e violência e você não fez nada?

João: Fazer o que? São coisas da idade! Logo passam! Eu também na idade dele gostava dessas coisas...

Suely: Eu não posso acreditar que você seja cúmplice dele nessas coisas! Ele vai se tornar um monstro! Vai bater em gente na rua, não duvido que ele um dia violenta uma mulher...

João: Calma Suely (*gritando*) Eu prefiro ver ele gostando dessas coisas do que virar um desses “viadinhos”. Que mal tem ele gostar de mulheres peladas? É normal na idade dele, ainda está se descobrindo sexualmente, vai passar...

Suely: Ele não tem o direito de humilhar ninguém por ser gay, nem tratar mulheres como objetos e muito menos ver a violência como banal. Independente da idade, isso chama-se bom senso!

João: Eu só te peço calma, vou conversar com ele...

Suely: As coisas que reclamo de você, serão ainda piores com ele no futuro!

João: Lá verem você reclamando de mim de novo!

Suely se senta na cama, com olhar triste.

Suely: Eu quero sobre mim agora, falar do que está acontecendo! Eu preciso trabalhar. Seria ótimo poder ajudar em casa também com dinheiro, pra não te sobrecarregar tanto!

João: Disso eu já dou conta com tranquilidade, é um orgulho poder oferecer conforto para nós, e você não precisa se preocupar. E você já ouviu aquela frase famosa: “Em time que está ganhando não se meche!”; deixe as coisas como estão...

Suely: Eu queria também ter esse orgulho, trabalhar e ver a recompensa do meu esforço no final do mês, me desafiar, voltar a estudar...

João: Olhe para você! Nunca teve trabalho formal, se prostituía, e agora quer arrumar um emprego digno? Você acha que alguém vai dar emprego para você? Uma mulher com pênis? Uma pessoa sem experiência? Pior ainda, com experiência de “dar a bunda”? (*João pega a garrafa de baixo da cama e a joga com violência no chão*).

Suely está em prantos, com muita raiva.

Suely: Eu não sei como você tem coragem de falar que me ama, dizendo essas coisas para mim! Que monstro você é!

João: Amar é dizer mentiras? Estou sendo realista com você, sabe que você sair na rua me provoca, me deixa louco! Eu sempre acho que você vai encontrar um de seus “antigos clientes” (*com ar de deboche*)

Suely: Eu ainda vou ter coragem de fugir dessa casa, você quando diz essas coisas me dá nojo.

João pega a garrafa quebrada e vai com tudo para cima de Suely. Ela tenta fugir, mas ele a pega pelos braços.

João: Nem me ameace de fugir daqui! Você não sabe do que eu sou capaz! Eu te amo, e não vou deixar você viver sem mim!

Suely: Você me dá medo quando faz assim! (*João a solta e coloca a garrafa no chão*)
Você chega a me lembrar das pessoas que mais me machucaram na minha vida!

João: Seus pais?

Suely: Não! Meus pais simplesmente se foram, me desprezaram, me humilharam, mas não me bateram! Os homens das ruas eram piores! Eles me ridicularizavam, tentavam me bater, corriam atrás de mim, jogavam coisas para me acertar. Me chingavam e tentavam cuspir em meu rosto. Quando você faz isso, sinto que não conheço você, e aliás você chega a se parecer com eles, meus piores pesadelos....

João: (*solta suely e se senta na cama*). Me desculpe, eu fico louco quando você faz isso! Eu sinto que você sente falta da sua vida nas ruas, da vida pervertida que tinha...

Suely: Eu não entendo você, ou você não me conhece, ou não acredita no meu amor. Eu quero trabalhar para reconquistar a auto-estima que nunca tive. Ter orgulho de ganhar um dinheiro que seja retorno de um trabalho que não me doa, que me faça desenvolver. Quero voltar a estudar com seu apoio, para chegar em lugares que nunca pude por causa da transfobia. Preciso do seu apoio porque te amo, e também porque preciso de força para continuar, para reconquistar meu orgulho próprio, me sentir útil e valorizada. O trabalho doméstico me machuca todo dia.

João: Eu quero que você não trabalhe para te proteger, eu garanto tudo que é bem material que você sonhar, você não precisa se submeter à violência e ao assédio nas ruas. Eu construí esse castelo para você se sentir uma princesa, amada e protegida por mim e pelo Thiago.

João abraça Suely, ela emocionada o abraça com carinho. Eles se soltam.

João: Essa conversa não vai ter fim, e não vai levar a nada... eu estou com fome! Você fica em casa o dia todo e não entende que o que mais preciso agora é paz para almoçar, para voltar as minhas atividades no escritório revigorado. Você não quer estragar nosso almoço...

Suely: Tudo bem, vai lá na cozinha. Pode começar a almoçar com o Thiago e o Felipe, que eu já estou indo. Vou me maquiar primeiro...

João: Não se demore, que não quero que você coma comida fria!

João antes de sair do quarto toca na cintura de Suely. Ela senta-se na poltrona, e começa a mecher em suas maquiagens em cima da penteadeira, escolhe com cuidado um batom, uma sombra e uma base, e começa a se maquiar devagar.

SÉTIMO ATO

Suely: Não sei a quem estou querendo enganar. Eu vou me maquiar agora, para disfarçar as lágrimas e a vergonha de sempre ceder para João. Hoje é mais um dia como outro qualquer e, por isso, como todos os outros, vivo nessa angústia que não passa. Essa maquiagem me torna mulher de verdade, já que só sou quando reconhecida pelos outros, nada vale o que sinto. E disso João gosta, de me ver bela pra ele, e causar inveja em todos os que nos veem pelas ruas. Mal sabem todas as pessoas como esse troféu que é carregado por aí está enferrujado por dentro.

Suely pega o copo que João deixou, joga-o no chão. Começa a passar batom cuidadosamente enquanto fala, faz movimentos com a boca para o batom pegar direito no formato dos lábios.

Suely: Sabe o que é pior? João tem razão, se eu sair na rua é um risco para minha integridade física. Se alguém percebe o meu segredo, pode se achar no direito de me bater, me humilhar, me estuprar... Ele quer me proteger mas também me ameaça, será que isso é mesmo amor? Meus sonhos estão se desgastando por não terem previsão de serem realizados. Como uma mulher pode abandonar seu parceiro e filho, para se aventurar pelo mundo? Não quero tanta coisa, só queria poder conhecer coisas novas, estudar, trabalhar, conversar e me sentir mais livre e independente. Mas não cabe a uma mulher esse tipo de destino, fomos criadas para ser mães, esposas, belas e realizadas pelos papéis que os outros nos dão. Uma mulher trans então, o destino que nos reserva é ainda pior, o machismo não vem sozinho... sempre está ligado com o ódio, a homofobia.

Suely termina de passar batom. Se vê no espelho e começa a passar o batom com força, a se borrar no queixo e nas bochechas. Passa a maquiagem com violência. E diz:

Suely: Não nasci mulher, mas sempre soube que mesmo não tendo o corpo de uma, me sentia melhor sendo reconhecida como Suely, do que como Lazáro. Assim como o personagem bíblico com o mesmo nome que o meu, também carrego o estigma de ter

renascido. Para ele é uma glória. Já para mim, o meu renascimento me tornou uma aberração, digna da marginalidade e do medo, julgada pelo olhar dos outros. Não sou bem vista pela minha superação de me aceitar como sou, lutar pelo meus sonhos e identidade. Superar e ter orgulho de si mesma não é uma opção valorosa para uma travesti!

Suely: Minha mãe quando viu minhas tendências femininas, preferiu sair de casa do que se ver um fracasso de mãe, por eu não ser o filho que ela sonhara. Meu pai era desligado, mal me via, costumava viajar a trabalho, e desde minha adolescência era como se morasse em outra cidade, já que o via pouco. Em todas as vezes que eu o via, ele me perguntava se não queria me casar, me arrumou algumas namoradas, mas eu resisti dizendo que iria estudar. Ele se desiludiu do meu futuro, queria ter netos, e acabamos perdendo contato quando me mudei para essa cidade em que conheci João. Gostaria de ter amizade com meu pai, hoje nem sei mais se está vivo, mas tenho a certeza que ele não me aceitaria como sou, então prefiro mantê-lo desiludido somente por não querer casar, e poupá-lo de saber que me tornei Suely. Quanto a João, ele não sabe muito da minha família, mesmo eu sentindo falta de meu pai, que foi um pouco mais presente que minha mãe. Não falo para meu marido porque ele já tem motivos suficientes para me julgar, ele não pode saber muito do meu passado...

Suely vai guardando as maquiagens com cuidado.

Suely: Ser mulher é um dos sonhos mais difíceis que já tive, mas teimo em pelo menos esse, que foi o primeiro em meus pensamentos. Não consigo me ver vestido de homem, adoro vestidos, maquiagens e sapatos de salto. Me envergonhava quando não era reconhecida como gostaria, mas por muito tempo isso me foi negado. Não podia me vestir como queria na cidade de meu pai, só pude me tornar o que almejava quando consegui mudar pra cá, com algum dinheiro que havia juntado por toda vida, buscando minha independência.

Suely: Mal sabia eu que desejar ser mulher significaria abdicar de todos os meus outros sonhos, não consigo ser independente porque o papel da mulher é no lar, sendo mãe e esposa. Se o marido permitir, o que não é o meu caso, a mulher pode trabalhar, mas ainda assim sua prioridade deve ser manter a harmonia do lar.

Suely: Já passei por muitas dificuldades, precisei me aprimorar no cuidado de minha aparência para ser tratada como Suely, aprender como toda mulher de sucesso, a ser

admirada e reconhecida pela sua beleza sendo magra, vestindo-me bem e maquiando-me. No início, até me adaptar, sofria a todo momento, tinha medo de ser percebida como um homem vestido de mulher, uma espécie de aberração. Com o tempo fui ganhando confiança e aprendi a ser mulher, consigo me passar despercebida aonde quer que eu vá.

Suely: Mas o medo ainda continua, minha vigilância sobre o meu próprio corpo não pode permitir que eu faça um movimento brusco, ou fale com a voz grave, a aparência de mulher deve ser preservada, para que eu seja respeitada. A todo momento passo por provações, isso que dá tentar viver os próprios sonhos: seja o medo de precisar ir no banheiro e ser percebida e julgada, ou o desrespeito de alguns que teimavam em me ofender e falar que meu nome é Lazáro.

Suely: O que os outros diriam se soubessem da verdade? De todos os sonhos que não podem ser alcançados pelo medo que temos, medo da violência, da desaprovação e da solidão? João é meu cúmplice ao esconder esse segredo comigo, ele me ama, eu sei disso. Mas estou cansada de ter o meu corpo julgado o tempo todo, tenho que esconder meu pênis até para dormir, porque senão atrapalho meu companheiro. Ele não fala, mas sei que sente todo tempo que esta me fazendo um grande favor em me aceitar, sendo que aceitação, pra mim, deveria ser a premissa de um homem apaixonado, não um favor que temo que será quebrado em qualquer deslize meu.

Suely pega na maleta em cima da cabeceira um removedor de maquiagem, e enquanto conserta o batom borrado, declama o poema:

Aflicção de ser eu e não ser outra.
Aflicção de não ser, amor, aquela
Que muitas filhas te deu, casou donzela
E à noite se prepara e se adivinha
Objeto de amor, atenta e bela.
Aflicção de não ser a grande ilha
Que te retém e não te desespera.
(A noite como fera se avizinha.)
Aflicção de ser água em meio à terra
E ter a face conturbada e móvel.
E a um só tempo múltipla e imóvel

Não saber se se ausenta ou se te espera.

Aflicção de te amar, se te comove.

E sendo água, amor, querer ser terra.

Hilda Hist

Suely: Nem toda Travesti quer ser mulher, eu acho que o problema que enfrento todo dia é esse. Queria me sentir feminina e viver a feminilidade, sem ser julgada a todo momento! Tem aquele ideal de mulher divulgado em revistas e jornais, como se toda boa mulher que se preze seja mãe, tenha um corpo escultural, seja meiga, delicada, boa esposa, saiba fazer bem os afazeres domésticos, recatada e boa de cama. Eu idealizava muitas dessas coisas quando resolvi cuidar de meu corpo direcionando-o a minha identidade. Meu processo de transformação não contava com o resultado de me tornar uma mulher aprisionada à um homem, presa a uma maternidade sem a parceria completa do pai e ainda a responsabilidade de gerir um lar. As mulheres que se negam a seguir esses estereótipos são vistas como “anormais” e “antiquadas”.

Se eu soubesse quando criança tudo o que sei hoje sobre o que é viver como mulher, talvez não teria aflorado meu desejo de adequar meu corpo ao meu sentimento, não buscaria ser aceita o tempo todo como mulher, não me amarraria a homem e a filho nenhum. Triste pensar que é melhor abandonar os próprios sonhos do que transformar o papel feminino na sociedade. Para ser aceita como Suely, preciso me enquadrar, preciso ser aceita como mulher pela sociedade, não basta o que eu sinto, falo e vivo. Deve existir um amor mais livre, que não sirva como âncora aos nossos sonhos, mas que dê asas e nos permita sonhar.... E eu na verdade não sei, mesmo que João me ame, seja fiel, me aceite e me queira sempre por perto... será que o tipo de amor dele me faz feliz? Um amor que julga, que prende e que delimita meus passos....

Suely termina de arrumar a maquiagem, e pega o batom tampado, e faz dele seu microfone, e diz baixinho:

Suely: João não sabe de um segredo recente, eu desconfio que o diretor de Thiago possa ser um de meus antigos clientes. Não quero que todo mundo saiba do meu passado. Por isso não vou buscar Thiago na escola e nunca fui conversar pessoalmente com o Diretor Peixoto Ferreira. mas esse sobrenome não me é estranho, e eu não vou me arriscar... Eu

posso ser eu, posso ser Suely, mas não para todo mundo, quem já apanhou uma vez, teme a violência sempre... Preciso me resguardar... O que me preocupa é que um cargo que deveria ter alguém capaz de estimular os alunos a serem mais humanos, pode ter um dos meus antigos clientes mais violentos... Ele é a voz da escola, mas ao mesmo tempo tem cabeça de algoz...minha vontade de mudar a cabeça de Thiago está fadada ao fracasso!

Suely guarda o batom na maleta e recita o poema:

“Para sêr grande, sê inteiro;
nada teu exagera ou exclui;
sê todo em cada coisa;
põe quanto és no mínimo que fazes;
assim em cada lago,
a lua toda brilha porque alta vive.”

-Fernando Pessoa